



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**O VENTRE DO ATLÂNTICO: ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE A
TRADUÇÃO DE UMA LITERATURA DE IMIGRAÇÃO**

JÚLIO LENZ RODRIGUES BARROCAS

BRASÍLIA - DF

2020

JÚLIO LENZ RODRIGUES BARROCAS

O VENTRE DO ATLÂNTICO: ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE A
TRADUÇÃO DE UMA LITERATURA DE IMIGRAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof.^a Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro

BRASÍLIA – DF
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR696v RODRIGUES BARROCAS, JULIO LENZ
O VENTRE DO ATLÂNTICO: ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE A
TRADUÇÃO DE UMA LITERATURA DE IMIGRAÇÃO / JULIO LENZ
RODRIGUES BARROCAS; orientador JULIO CÉSAR NEVES MONTEIRO. -
Brasília, 2020.
123 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) -
Universidade de Brasília, 2020.

1. ESTUDOS DA TRADUÇÃO. 2. ESTUDOS DESCRITIVOS. 3.
IDENTIDADE. 4. FATOU DIOME. I. NEVES MONTEIRO, JULIO CÉSAR,
orient. II. Título.

O VENTRE DO ATLÂNTICO: ANÁLISE E COMENTÁRIO SOBRE A TRADUÇÃO DE
UMA LITERATURA DE IMIGRAÇÃO

Aprovada em: ____ de _____ de 2020

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Júlio César Neves Monteiro
Universidade de Brasília – UnB (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Alice Maria de Araújo Ferreira
Universidade de Brasília – UnB (Examinadora Interna)

Prof^a. Dr^a. Érica Lima
Universidade de Campinas – Unicamp (Examinadora externa)

Prof^a. Dr^a. Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Universidade de Brasília – UnB (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o cuidado e a oportunidade de cursar uma pós-graduação na UnB.

Aos meus pais, Daniel e Regiane, agradeço por todos os esforços e por terem sempre apoiado os meus estudos, mesmo em épocas de dificuldades.

Agradeço aos meus familiares e amigos que compreenderam minha ausência dos últimos tempos e torceram por mim. Em especial, ao meu pai, por me incentivar a fazer a seleção de mestrado há quase dois anos e por sempre me encorajar a prosseguir mesmo quando eu achava que não seria capaz.

Agradeço ao meu orientador Júlio Monteiro, por me receber de braços abertos e me guiar durante todo esse processo com bom humor, calma, paciência e sabedoria.

Agradeço aos demais professores do POSTRAD. Em especial, agradeço à professora Alessandra Harden pelas preciosas dicas e encorajamento durante a disciplina de História da Tradução.

Agradeço à professora Alice Maria, pelas dicas e orientações valiosas na qualificação. Também agradeço aos demais professores do POSTRAD pelas palestras e encontros que sempre são enriquecedores. Agradeço à professora Érica Lima por ter aceitado o convite de estar em minha banca de defesa.

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise da tradução para o português europeu da obra da escritora franco-senegalesa Fatou Diome. A pesquisa que é conduzida aqui busca investigar os temas da obra, tais como o fenômeno migratório, o papel e o valor da identidade, traços da cultura islâmica e o impacto do colonialismo e do pós-colonialismo sobre a sociedade senegalesa. Os assuntos mencionados acima servirão de suporte para a compreensão da obra traduzida e publicada em 2003 pela editora Bizâncio para o português europeu a fim de entender os parâmetros estabelecidos ao longo do processo tradutório pelo tradutor em sua tomada de decisão.

Palavras-chaves: identidade, estudos da tradução, Fatou Diome, colonialismo, imigração.

ABSTRACT

This work presents the commented translation to the european portuguese version of the book of the French-Senegalese writer Fatou Diome. The research that is conducted here aims to investigate the themes of the work, such as the migratory phenomenon, the role and the value of dentity, the elements of the muslim culture and the impact of colonialism and postcolonialism on the Senegalese society. The subjects above mentioned will serve as a support for the understanding of the translated version into european portuguese which was published in 2003 by the Bizâncio publisher and our aim is to get a better understanding on the guidelines established throughout the translating process by the translator in his decision-taking loop.

Key words : identity, translation studies, Fatou Diome, colonialism, immigration.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 13 |
| 1.1 Uma escritora entre dois mundos..... | 13 |
| 1.2 A literatura francófona e / ou pós-colonial..... | 14 |
| 1.3 A língua francesa no mundo..... | 16 |
| 1.4 O Senegal e a França..... | 19 |
| 1.5 A literatura senegalesa..... | 22 |
| 1.6 A religião islâmica no Senegal..... | 24 |
| 1.7 Fatou Diome: origem e produção literária..... | 25 |
| 1.8 As personagens..... | 28 |
| 1.8.1 Personagens principais..... | 28 |
| 1.8.2 Personagens secundárias..... | 30 |
| CAPÍTULO 2 - ASPECTOS TEÓRICOS PARA A EXECUÇÃO DO COMENTÁRIO SOBRE A TRADUÇÃO PORTUGUESA..... | 33 |
| 2.1 Polissistemas e estudos descritivos de tradução..... | 33 |
| 2.2 A colonização e o Outro no contexto literário..... | 41 |
| 2.3 Descolonização..... | 47 |
| 2.4 Pós-colonialismo..... | 48 |
| 2.5 A questão da identidade na obra de Fatou Diome..... | 51 |
| 2.6 A condição do emigrante/imigrante e a literatura de imigração..... | 54 |
| 2.6.1 A imigração no contexto da obra de <i>O ventre do Atlântico</i> | 56 |
| CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES E COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO PORTUGUESA..... | 58 |
| 3.1 A norma tradutória em Portugal e a tradução de Fatou Diome..... | 60 |
| 3.2 Recepção..... | 64 |
| 3.3 Crítica..... | 67 |
| 3.4 Paratextos e visão geral sobre a tradução portuguesa..... | 69 |
| 3.5 Análise morfológica de edições estrangeiras de <i>Le Ventre de l'Atlantique</i> | 72 |
| 3.6 O léxico de emigração e imigração..... | 75 |
| 3.7 Comentário sobre a tradução portuguesa de <i>Le Ventre de L'Atlantique</i> | 80 |

| | |
|---|----|
| 4 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES..... | 90 |
| REFERÊNCIAS..... | 95 |
| ANEXO A - ESQUEMA PROPOSTO EM ON DESCRIBING TRANSLATIONS POR JOSÉ LAMBERT & HENDRIK VAN GORP | |
| ANEXO B - ENTREVISTA COM FATOU DIOME PELO SITE GRIOO | |
| ANEXO C - PARATEXTOS DA OBRA LE VENTRE DE L'ATLANTIQUE | |
| ANEXO D - PARATEXTOS DA OBRA O VENTRE DO ATLÂNTICO | |

INTRODUÇÃO

Fatou Diome é uma escritora senegalesa da atualidade que ficou conhecida por suas obras literárias, bem como por sua participação em *Ce Soir ou Jamais*¹, programa de televisão francês com formato de *talk show*. O programa foi transmitido no dia 24 de abril de 2015. Naquele momento, ninguém pensava que tal conversa com a escritora franco-senegalesa renderia tantos comentários nas grandes mídias da França e do exterior, pois a entrevista foi traduzida em várias línguas e compartilhada nas redes sociais. A forma como a escritora debateu e o conhecimento de mundo nas áreas de história, política, geografia e diplomacia da autora impressionou a todos. Durante a entrevista, a escritora afirma, em particular, sobre o comportamento da Europa face ao número exorbitante de imigrantes, vindos da África, que morrem afogados todos os anos no mar Mediterrâneo. Alguns imigrantes do Senegal, segundo o relato da obra, veem a Europa como uma saída para fugir da fome, das guerras e da vida de miséria que se alastra em muitos países do continente africano. Muitos são, segundo ela, movidos pelo desejo de vencer as dificuldades que enfrentam em seu país de origem e se submetem a todo tipo de adversidade para atravessar o mar Mediterrâneo.

Uma frase que serviu de lema da autora a respeito da dinâmica entre Europa e África durante a emissão foi: “Nós seremos ricos juntos, ou vamos todos afundar juntos!”². Percebe-se em suas palestras e entrevistas que a autora não deseja vestir os imigrantes e refugiados com a camisa dos “esquecidos” e dos “rejeitados”, mas antes ela procura dar-lhes voz para que a sociedade possa perceber que todos podem ser beneficiados.

A mensagem que a autora constantemente pontua em seus discursos é a de que a Europa precisa investir em países africanos, pois não somente os europeus, podem vir a enriquecer com investimentos e parcerias, como também os africanos, porque deixariam de ver a imigração para a Europa como uma solução em potencial e continuariam a trabalhar e ter qualidade de vida em seus próprios países. Assim, observamos que o desejo da autora não é de que a Europa abra suas portas indiscriminadamente a todos os imigrantes, mas que países que possuem riquezas olhem para a África e invistam em seu potencial, visto que o continente dispõe de grandes riquezas naturais.

Diante das entrevistas dadas pela autora, pude inferir que Diome representava mais do que uma mera escritora cujo pano de fundo remetia a uma narrativa de imigração. A

¹ Ce soir ou Jamais. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xgZ0LcMUghA&t=115s>>. Acesso em 10 de janeiro de 2019

² On sera riche ensemble ou on va tous se noyer ensemble!(DIOME, 2015)

sinceridade e a firmeza do seu discurso renderam muitos comentários na mídia francesa e estrangeira, o que me leva a concluir que ela, graças à sua influência, dispõe de força e energia para servir de porta-voz dos sem voz. É possível considerar que Fatou Diome tenha desenvolvido uma paixão pela escrita devido ao seu interesse em se manifestar e representar quem pouco tem espaço na sociedade, os pobres, os imigrantes, os africanos. Segundo ela, a Europa prestaria um desserviço ao continente africano ao permitir a morte de milhares de vítimas das águas mediterrâneas, porque os europeus vieram buscar enriquecer às custas dos africanos durante séculos por meio da exploração e do domínio do continente africano durante o século XIX e XX, período conhecido como o de grandes intervenções europeias no continente.

Esse aspecto histórico influencia a escrita da autora e tal característica perceberemos nas passagens da obra que serão mencionadas neste trabalho. Além disso, constata-se que desde as primeiras páginas do romance, a narradora desenvolve um diálogo fecundo com o leitor, desafiado e questionado com certo grau de humor. Neste trecho, datado em 29 de junho de 2000³, durante a Copa da Europa. Salie (personagem principal da narrativa inspirada na própria Fatou Diome) escreve da França, narra uma partida de futebol em que o italiano Maldini está jogando. Ela parece querer se justificar ao leitor: “Porque lhes conto isso tudo? Por adorar o futebol? Nem por isso. Então? Por estar apaixonada por Maldini? Nem pensar! Não sou tão louca como isso. Não corro atrás das vedetas e as estrelas não me vergam a nuca”⁴.

Esse comportamento seria em decorrência do irmão que lhe faz pedidos para que ela veja as partidas em que Maldini joga e assim ela informaria o irmão dos jogos. Em um plano mais concreto, poderíamos supor que o fato de dialogar com o leitor viria da influência de Mariama Bâ e de Diderot de *Jacques le fataliste*. De fato, Mariama Bâ recorreu a uma forma de tratamento ao longo de toda a narrativa. O fato de se dirigir a terceiros que contribuem para recriar a dimensão oral são frequentes nos romances da África do Oeste da segunda metade do século XX e, em especial, na escrita de Fatou por meio dos discursos diretos.

Além da oralidade como forma de tratamento e de estrutura da narrativa, vemos o tema da imigração sendo contemplado no romance *Le Ventre de l'Atlantique*, no qual a autora retrata a cultura da ilha de Niodior no Senegal. A obra (que será representada pela sigla LVDLA), de inspiração autobiográfica, expõe a dificuldade de ser imigrante na França e a mentalidade dos que consideram a partida como uma solução. Além disso, ela apresenta a

³ (DIOME, 2004, p 12)

⁴ (DIOME, 2004, p 12)

visão de muitos africanos que veem o continente europeu como a pátria mãe, detentora de tudo o que existe de mais desejável e superior:

Depois da colonização historicamente reconhecida, reina agora uma espécie de colonização mental: os jovens jogadores veneravam e ainda veneram a França. Para eles, tudo o que é desejável vem de França. (DIOME, 2004, p. 43-44)

Ela relata que, para muitos de seu país, que sofrem devido à fome e à escassez de recursos, a ida à Europa representa a garantia do sucesso, onde supostamente todos os que imigram obterão sucesso e qualidade de vida. A frase que ecoa durante toda a obra e que coloca a necessidade de se ter êxito como o centro do romance é a seguinte: “Cada migalha de vida deve servir para conquistar a dignidade !” (DIOME, 2004, p. 26).

Esses dizeres percorrem toda a narrativa, e cada vez que eles aparecem, estão acompanhados do relato de um dos vários habitantes da ilha de Niodior. Os problemas econômicos dos moradores da ilha se dão por causa da falta de oportunidades fora da pesca, de onde vem a maior parte da renda de muitos. A tradição e a religião poderiam igualmente ter o seu impacto negativo nas limitações econômicas dos habitantes, dado que, para eles, vale mais honrar os costumes do que abraçar um padrão de vida em que haja um planejamento familiar, essa prática soa como algo abominável e muito ocidental, devendo, inclusive, ser rechaçada.

Segundo a obra, os mais jovens sonham em enriquecer por meio do futebol, jogando por uma grande equipe europeia, de preferência, uma equipe francesa, pois, a França, símbolo da pátria exemplar, serve de referência para os senegaleses daquilo que seria o modelo de nação a ser copiado e foi exatamente da França que Salie conta a história:

O meu irmão galopava para os seus sonhos, cada vez mais voltados para França. Teria podido desejar ir para Itália, mas não tinha nada a fazer. Os filhos do país, que jantam com o presidente da República, jogam em França. O senhor Ndétare, que lhe ensinava a língua do sucesso, estudara em França. A televisão que via viera de França e seu proprietário, o homem de Barbès, não se fazia rogado para contar histórias maravilhosas da sua odisseia⁵ (DIOME, 2004, p 67).

Como dito anteriormente, a autora retrata a vida de várias pessoas (ver o ponto 1.8) do seu vilarejo relatando todos os pormenores das experiências de vários deles através dos olhos da personagem Salie. Por meio da contação de histórias, ela atravessa os vários dramas e segredos dos habitantes da ilha de Niodior. Um elemento interessante no decorrer dessas

várias narrativas é o desejo e a busca individual pela sobrevivência, portanto quase todos têm uma visão em comum: lutar para garantir a própria dignidade.

Esse é um dos aspectos chaves da obra, juntamente com o sentimento de não pertencimento a um lugar específico vivido pela personagem Salie. Ela se descreve muitas vezes como alguém que não consegue mais se associar nem à França, nem ao Senegal; temos aqui provavelmente o sentir de uma pessoa apátrida ainda que o caso da personagem não seja um problema diplomático ou político, mas tão identitário:

O sentimento de pertença é uma convicção íntima que se impõe por si mesma; impô-lo a alguém, é negar a sua aptidão para se definir livremente, mas digam isso as pessoas estoicas para as quais só os valores gregários são defensáveis! Fustigarão o individualista, a cópia do colono que veem em nós e colocar-nos-ão à margem (DIOME, 2004, p 140)

Fatou Diome, em entrevista dada ao site Grioo (site de informação da comunidade negra francófona), destaca que nem sempre as pessoas deixam o seu país de origem (emigração) para se instalar em um novo país (imigração) por questões econômicas ou políticas (ver entrevista completa no anexo B). Esse é um ponto interessante no romance LVDLA, pois ela procura desvincular o motivo principal de emigrar simplesmente por uma questão de ordem financeira ou política:

Dans votre nouveau roman, "le ventre de l'atlantique", vous abordez notamment le thème de l'immigration, cher aux africains. Pourquoi ce thème et pouvez nous parler de votre livre ?

C'est un thème cher aux africains, mais chaque africain l'aborde à sa manière. Je savais bien que le thème en lui-même n'était pas original du tout, ce qui pouvait être original c'est la manière de le traiter, d'en parler. J'en avais un peu assez des clichés : l'immigration ce n'est pas que des pauvres gens exploités, ce n'est pas toujours ça. L'immigration c'est aussi des gens qui partent pour leur émancipation, qui partent au nom de leur liberté... qui partent pour des tas d'autres raisons que la société d'accueil ne perçoit pas forcément. Vous avez donc certes des gens qui partent pour des raison économiques, mais d'autres qui partent pour des raisons plus vivables. C'est le cas du personnage féminin dans ce roman.

Je voulais aussi parler des rapports qui existent entre les immigrés qui vivent en Europe et leurs familles restées au pays. On parle toujours des sans-papiers, mais on ne sait pas pourquoi ils sont partis. On ne sait pas ce qu'ils vivent quand ils reviennent sur place et je voulais dévoiler ces aspects là.

Para a escritora, cada africano vê a imigração de uma forma, e, em seu livro, ela almejava inovar a abordagem desse tema ao trazer a emigração/imigração como uma busca da emancipação, do seu “eu distante” ou simplesmente em nome da liberdade. O seu objetivo na obra era mostrar que os emigrantes e os imigrantes senegaleses vão além da imagem estereotipada dos africanos ilegais que saem do Senegal por motivos meramente econômicos.

É seguro dizer, no entanto, que a nova cultura afeta o seu comportamento na condição de emigrante/imigrante. O i/emigrante é um ser que perpassa diferentes perspectivas e vive cotidianamente um dilema identitário e tradutório de sua própria individualidade em duas culturas. Adiciona-se a esse dilema, a busca pela sobrevivência e o fenômeno intercultural poderiam ter a sua relevância dentro dos estudos da tradução, porquanto eles ocorrem justamente na atualidade em um mundo cada vez mais globalizado e cujas questões migratórias estão tão presentes nos debates ao redor do mundo. Portanto, a questão da atualidade seria um primeiro motivo que explicaria o porquê estudamos esse assunto com atenção. Se ligarmos a televisão praticamente todas as semanas, podemos ouvir assuntos relacionados aos deslocamentos humanos com certa frequência através de notícias sobre os fluxos migratórios de pessoas, os acordos bilaterais e multilaterais entre os países, bem como o próprio fenômeno da globalização. É de se questionar se é possível falar de pureza no processo identitário de um indivíduo nos moldes em que se encontra o mundo atual, haja vista que, ao tratarmos da condição do entre-lugar vivido pelo imigrante e/ou emigrante, a tradução poderia servir de metáfora para tratar do lugar em que se encontra o tradutor ao utilizar duas línguas e culturas.

Além disso, se observarmos com atenção a situação atual dos e/imigrantes pelo mundo, constatamos que essa temática toca a sociedade no que diz respeito aos direitos humanos, à solidariedade, à ajuda humanitária, à diplomacia etc. Em outras palavras, é um tema amplo e que percorre inúmeras áreas do conhecimento. A problemática ligando a tradução à literatura de imigração pode ter a sua importância, assim a literatura proveniente desse segmento da sociedade é desconhecida, e da mesma maneira se encontra a tradução desse tipo de literatura.

Para discutir como os Estudos da Tradução se ligam às questões identificáveis na obra de Diome, este trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro capítulo tem como foco o pano de fundo da obra, assim, vamos averiguar brevemente a literatura francófona tecendo uma relação com o pós-colonialismo, o Senegal e a França, a religião islâmica no Senegal, Fatou Diome e sua produção literária etc. É primordial conhecer a história e a composição do país africano conhecido como Senegal, pois a nossa pesquisa permitirá ao leitor uma melhor compreensão da composição do país e de sua cultura, além de assegurar uma abordagem da obra com mais exatidão quanto ao universo de escrita da autora franco-senegalesa. Em seguida, a questão da similaridade entre elementos de sua vida e da personagem *Salie* na obra.

O segundo capítulo desta dissertação apresenta os estudos descritivos da tradução, ou seja, a análise crítica e teórica da prática tradutória. Discutiremos então aspectos relevantes à tradução da obra, ressaltando a importância de elementos ligados às marcas mencionadas acima, além disso, analisaremos a escrita de Diome e o recurso literário do francês como língua de produção da obra.

O terceiro e último capítulo traz o processo de análise da tradução portuguesa baseado nas teorias acerca dos estudos descritivos da tradução, a teoria dos polissistemas, entre outros aspectos, tais como o pós-colonialismo e a questão da identidade. Este trabalho constitui-se de uma análise da tradução da obra em português europeu. Além da versão lusitana, já existem outras traduções em línguas como o alemão, o espanhol e o inglês.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Uma escritora entre dois mundos

Para expandirmos nossa visão sobre a escrita de Fatou Diome, se faz necessário conhecer o pano de fundo da narrativa. É importante saber, em um primeiro momento, que a obra de Fatou Diome retrata a questão existencialista das personagens sob diferentes ângulos como o econômico e o social. A identidade e a existência recebem destaque na narrativa, pois a própria protagonista vive esse conflito interno: residente na França, ela fala de seu país de origem, o Senegal, e percebe-se na narradora essa divisão entre duas culturas: a cultura senegalesa e a cultura francesa. Sua aparência e cultura distintas provocam a crítica e o julgamento dos outros, tornando difícil o processo de adaptação e de acomodação no seu novo lar. Além disso, as lutas travadas em decorrência da superação das diferenças do local de origem e do novo local são exploradas como, por exemplo, pela comida:

É assim que se fala dos que estão longe de casa, quando nos esquecemos do prato, da música, das flores, da cor que eles preferem, quando já não sabemos se tomam café com ou sem açúcar, todas essas pequenas coisas que não cabem numa mala mas que fazem com que, ao chegar, nos sintamos ou não em casa” (DIOME, 2004, p 209).

Podemos também citar a condição de exílio da autora como uma constante na obra, em tempos de deslocamentos em massa, não é de surpreender que categorias como diáspora e exílio estejam no auge das discussões, sejam elas no âmbito acadêmico ou no midiático. A complexidade e dinâmica desses “fenômenos”, citando aqui Miriam Volpe (2005) e Stuart Hall (2013), resultam do ritmo com que avançam as sociedades e das mudanças ocorridas cotidianamente. Trata-se de categorias que não se esgotam, por ser a mobilidade fator inerente à natureza humana.

Percebe-se igualmente na escrita de Fatou esse desejo em achar respostas para a sua condição de estrangeira, vemos a personagem Salie em mais um de seus momentos de reflexão sobre a sua vida e a obra tem como centralidade da sua narrativa a existência enquanto um indivíduo multifacetado:

Estrangeira em toda a parte, trago em mim um teatro invisível, pululante de fantasmas. Só a memória me oferece o seu palco. No âmago das minhas noites de exílio, imploro Morfeu, mas a anamnese ilumina-me e vejo-me rodeada pelos meus. Partir é trazer em nós não só todos os amámos, mas também os que detestávamos. Partir é transformarmo-nos num túmulo ambulante repleto de sombras, onde vivos e mortos têm a ausência como partilha. Partir é morrer de ausência. Regressamos,

claro, mas diferentes. No regresso, procuramos, mas nunca encontramos aqueles que deixámos. Lágrimas nos olhos, resignamo-nos a constatar que as máscaras que lhes tínhamos talhado já não se lhes ajustam. Quem são essas pessoas a quem chamo meu irmão, minha irmã, etc.? Quem sou eu para eles? A intrusa que traz dentro de si aquela que eles aguardam e que desesperam por tornar a ver? A estrangeira que desembarca? A irmã que parte? Estas perguntas acompanham a minha valsa entre os dois continentes (DIOME, 2004, p 187-188).

A hibridização revela-se ainda na linguagem literária de Fatou Diome, na qual convivem técnicas da herança oral senegalesa com padrões da escrita erudita europeia. Aqui testemunhamos um momento de luta física onde um canto de luta é declamado:

A canção que me chegou acabou por me confirmar essa impressão. Era um ar característico dos cantos das sessões de luta. Não havia qualquer equívoco quanto ao seu sentido: tratava-se de um apelo à vaidade masculina, declamado por sereias de ébano. Apurei o ouvido e comecei a trautear:

Lambe niila. (três vezes)
Domou mbeur djéngoul, beuré, dane.
Do sène morôme. (DIOME, 2004, p.160)

Diome aborda na obra a condição desses vários indivíduos residentes na França e, no contato com a outra cultura, eles acabam se tornando “indivíduos traduzidos”. Trata-se de senegaleses que residem na França e se encontram obrigados a viver pelo menos duas identidades e a utilizar duas linguagens culturais, a francesa e a senegalesa.

Quanto à linguagem literária utilizada por Fatou Diome, esta obedece, na sua generalidade, às normas do francês padrão. No relato da protagonista, por exemplo, não se vê uma mestiçagem linguística bem delineada, o que demonstra um profundo apego da narradora à cultura de acolhimento. Contudo, podemos falar de uma violação da norma francesa, pois vemos expressões que se encaixam mais na categoria de socioletos no que se refere a algumas personagens de origem senegalesa, que demonstram influências da sua língua materna, tanto a nível expressivo, como na utilização de vocabulário específico para designar realidades relacionadas com a tradição africana. Vejamos o trecho a seguir de comemoração do povo em apoio à equipe senegalesa de futebol chamada carinhosamente de *Os Leões*:

Khamguéné Gaïndé,
Gaïndé bougoule mboum, yâpe laye doundé
Gaïndé, Gaïndé
Gaïndé bougoule mboum, yâpe laye doundé
Henri Camara gaïndé la
Henri bougoule mboum, buts laye doundé
El-Hadji Diouf gaïndé la
El-Hadji Diouf bougoule mboum, dribbles laye doundé
Tony Sylva gaïndé la
Tony Sylva bougoule mboume, balles laye doundé
Bruno Metsu gaïndé la
Bruno bougoule mboume, entraînements laye doundé
Les Lions de Téranga
Kéne bougouci mboum, victoires lagnouye doundé...

(DIOME, 2004, p 196)

A estrutura dessa canção em apoio aos jogadores senegaleses apresenta bem a mistura da língua local e do francês no contexto senegalês. Essa mescla de culturas e idiomas fruto da herança colonial será tratada com mais detalhes no ponto a seguir sobre a literatura francófona. Veremos que o termo em si já aponta para um processo de dominação e influência francesa oriundo de um passado pautado em uma estrutura do império colonial francês.

1.2 A literatura francófona e / ou pós-colonial

Como a obra de Fatou Diome está escrita em francês e o conteúdo literário em francês é impregnado por figuras tidas como símbolos dessa língua e literatura como *Molière*, *Victor Hugo* entre outros. Vamos tratar, primeiramente, das implicações que o termo literatura francófona traz e como isso pode influir na relação da obra desta dissertação com os outros integrantes dessa literatura. Em um primeiro momento, é preciso entendê-la não como um agrupamento linguístico homogêneo e igualitário, mas antes como um sistema que obedece a uma hierarquia bem precisa na qual a literatura francesa ocuparia o topo dessa estrutura⁶. Tal conceito é reiterado por Semujanga:

A história das literaturas francófonas é em si uma busca da autonomia e da legitimidade do literário em relação a outras atividades intelectuais e à literatura francesa. Em um primeiro movimento, a dependência das literaturas francófonas no que diz respeito à literatura francesa é tanta que todo reconhecimento passa por Paris, o centro da francofonia. Desde então, toda atividade literária converge para o centro. (SEMUJANGA, 1991)

Portanto, para tratar de literatura francófona, se faz necessário falar da história de uma dominação colonial e de seus resquícios que hoje se apresentam sob a forma de um movimento no qual os seus participantes não estão em pé de igualdade nem de importância se levarmos em conta que os países mais centrais e mais midiáticos ocupam o hemisfério norte do planeta, em particular, os países europeus e a América do Norte.

É preciso que sejam esclarecidas as nuances de estar associada ao mundo francófono⁷, pois esse universo não se limita a uma mera questão linguística, mas também a uma questão

⁶ L'histoire des littératures francophones est en soi une recherche de l'autonomie et de la légitimité du littéraire par rapport à d'autres activités intellectuelles et par rapport à la littérature française. Dans un premier mouvement, la dépendance des littératures francophones à l'égard de la littérature française est telle que toute reconnaissance passe par Paris, le centre de la francophonie. Dès lors, toute activité littéraire converge vers le centre.

⁷ La langue française dans le monde. Disponível em: <<https://www.francophonie.org/la-langue-francaise-dans-le-monde-305>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

política, diplomática, econômica e histórica. Antes de entrarmos em mais detalhes sobre o que configura uma obra como francófona ou não, é preciso definir o que é literatura francófona e, por conseguinte, a francofonia. Uma vez que esses conceitos forem bem estabelecidos, poderemos entender todo o alicerce da obra de nosso estudo e suas implicações diretas por associação à francofonia.

O termo francófono, segundo a definição mais generalista do termo, designa simplesmente todo indivíduo cuja língua de comunicação é o francês, essa podendo ser língua materna ou segunda língua. Esse vocábulo também é usado para se referir a uma ideia de coletividade, ou seja, o conceito de *francofonia* estabeleceria a unidade de um conjunto de indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade ou grupo linguístico que faz uso corrente do francês em seus variados contextos de ação. Segundo Semunjaga (1991), a existência de uma literatura francófona estabelece inevitavelmente a relação do escritor com o francês cujo status e normas são definidos na França.

Contudo, faz-se mister dizer que essa comunidade não é de toda unida e hospitaleira no trato de uns com os outros, fato que a própria Diome afirma em entrevista, pois um francês pode ir ao Senegal sem ser necessário um pedido de visto, ao passo que um senegalês precisa pagar por um visto para ir à França. Não podemos considerar a comunidade unida se ela não age de maneira recíproca entre todos os membros. Segundo Alonso (2004), o contexto em que se deu a francofonia é fundamentado em um passado colonial:

A identidade francófona é paradoxal: nascida na maioria dos casos no contexto da colonização, ele emerge a partir da desconstrução de uma literatura dominante e ela é marcada pelo heterogêneo. [...] As literaturas francófonas nascem frequentemente em situações de contatos e de desequilíbrios culturais, herdados do período colonial.⁸

No entanto, apesar do desequilíbrio cultural herdado do período colonial, vemos Fatou Diome agir com humor ao falar da francofonia na seguinte passagem: “Ao elaborar a francofonia, Senghor devia ter-se lembrado que o Francês é mais rico do que a maioria dos francófonos e ter negociado para nos evitar esta extorsão na comunicação”. (DIOME, *O Ventre do Atlântico*, 2004, p 32). A autora sugere que Senghor “falhou” com a francofonia ao permitir que as ligações França-Senegal fossem tão caras sem levar em conta o salário de um senegalês que mal pode arcar com o preço da chamada telefônica.

⁸ L’identité francophone est paradoxale: née dans la plupart des cas dans le contexte de la colonisation, elle émerge à partir d’une littérature dominante et d’une langue dominante et elle est marquée par l’hétérogène.[...]. Les littératures francophones naissent souvent dans des situations de contacts et de déséquilibres culturels, souvent hérités de la période coloniale. (ALONSO, Josefina Bueno)

Em decorrência desse desequilíbrio na francofonia, podemos perceber a literatura francófona a partir dos estudos pós-coloniais. Podemos notar duas grandes orientações que podem incidir sobre realidades estritamente conjunturais ou sobre particularidades no âmbito cultural. No primeiro caso, a teoria pós-colonial procura analisar os processos econômicos, políticos e sociais dos Estados emergentes, o papel que exercem no sistema mundial, as relações que estabelecem com as ex-potências imperiais e o grau de dependência neo-colonial. No segundo, o pós-colonialismo identifica-se com as propostas teóricas da área dos Estudos Culturais, mais precisamente com as práticas discursivas dos colonizados que procuram subverter e desmistificar as narrativas coloniais. Segundo Douglas Robinson (1997), trata-se do estudo de obras escritas depois do início da colonização em determinado país, mas também da análise de textos e de outros discursos culturais que surgem após o fim do período colonial.

Embora não possuindo uma metodologia rigorosa na análise do confronto entre as culturas, as investigações em causa procuram substituir os grandes relatos do Ocidente pela história das migrações pós-coloniais e da diáspora que marcam a nossa atualidade. Neste âmbito, e no que diz respeito às novas literaturas, a sua interpretação destaca os diversos modos de representação da realidade e as temáticas que questionam a colonização/globalização, os sistemas identitários nacionais, étnicos e regionais, bem como as tradições e as heranças culturais, silenciadas durante o período colonial⁹. A França foi um dos países precursores através do império colonial francês. Tal feito permitiu a propagação da língua francesa no mundo.

1.3 A língua francesa no mundo

O francês está na lista das dez línguas mais faladas do mundo, se tomarmos em consideração todos os indivíduos que a falam como língua materna e segunda língua. Na Europa, o francês ocupa uma posição de prestígio juntamente como o inglês e o alemão, no que se refere ao número de nativos da língua. França, Bélgica, Luxemburgo e Suíça compõem a francofonia europeia, pois o francês é língua oficial nesses quatro países.

No continente africano, a língua francesa é um assunto interessante, porque, dentre muitas razões que poderíamos citar, trata-se justamente do país de origem de nossa autora, o

⁹ Cf. Boaventura Sousa Santos, “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós- -colonialismo e inter-identidade”, in Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (org.), *Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos de Identidade*, Porto, Afrontamento, 2002.

Senegal, um dos países que faz parte desse agrupamento linguístico. Contudo, segundo Stephen Smith (2018) diferentemente do continente europeu, a África é o continente mais francófono de todos, pois, o número de falantes da língua francesa na África subsaariana não para de crescer graças ao ritmo acelerado do crescimento demográfico no continente, o que não é o caso dos países francófonos europeus que estão envelhecendo.

Ao tratarmos do termo francofonia e de sua prática, constata-se uma diferença enorme entre os falantes, ou seja, nem todos se comunicam da mesma forma ou possuem o mesmo grau de domínio, assim, pode se afirmar com certa tranquilidade que não existe homogeneidade entre os francófonos. O francês de Casablanca, de Paris, de Genebra e de Alger não é o mesmo, e, essa constatação se aplica de igual modo à forma como a literatura em francês se apresenta nesses diversos contextos. Podemos até mesmo nos indagar o que significa falar francês nos dias de hoje.

Dentre as várias formas que poderíamos categorizar o mundo francófono classificando-os em diferentes critérios, tais como economia, política, religião, história, pode-se, segundo Bruyère (2012), observar uma diferença entre dois grandes grupos que se destacam, que são: a francofonia do norte, países que figuram como grandes potências mundiais e ou cuja francofonia se deu por uma via não-imperialista e de implantação, e a francofonia do sul, antigas colônias europeias cuja ocupação se deu com o propósito imperialista de dominação e extração de riquezas naturais.

O Mundo francófono do “Norte”: Europa (Suíça, Bélgica, França, Luxemburgo, Vale d’Aoste, Romênia); América do Norte (Québec, províncias parcialmente francófonas do Canadá: Acádia, Ontário, Manitoba), ou dos Estados-Unidos, ainda que sejam minorias: Louisiana, Vermont, etc.). O Mundo francófono pós-colonial do “Sul”: África (Magreb: Tunísia, Argélia, Marrocos) e África subsaariana (Costa do Marfim, Senegal, Chade, Malí, Níger, Gabão, Camarões, Congo); Caribe (Guiana, Martinica, Guadalupe, Haiti); Oceano Índico (Madagascar, Djibuti, Comores, Ilha da Reunião, Ilhas Maurício); Oriente Médio (Síria, Líbano, Egito); Ásia do Sudeste (Vietnã, Camboja, Laos); Pacífico (Nova-Caledônia, Polinésia francesa).

Se atentarmos para a expansão geográfica da língua francesa por intermédio da colonização, ainda de acordo com Bruyère (2012), não é de se espantar que a língua francesa tenha entrado em contato com outras línguas e povos como o espanhol, o inglês, o árabe, o wolof, o malgaxe, o berbere e o sererê etc. Esses idiomas tiveram momentos na história humana em que as colônias estavam em plena formação social e esse intercâmbio (ainda que

tenha sido por via da força física e da opressão) colaborou para a diversidade da língua francesa e tal aspecto se reflete na literatura francófona de igual forma.

Vemos claramente que a literatura francófona vai além das fronteiras da França e da Europa, percorrendo inúmeros povos, línguas, climas, relevos, vegetações, e são precisamente essas características e, provavelmente, há outras que contribuem para um mundo francófono multicolorido e rico culturalmente. Não se trata mais apenas de literatura francófona dos franceses, Victor Hugo e Molière, mas também da literatura francófona do martiniquense, Aimé Césaire, do libanês Amin Maalouf ou do marfinense Ahmadou Kourouma.

É inserido nesse contexto plural e multicultural que o livro de Fatou Diome está e se move. Trata-se de um contexto composto de vários elementos que transcendem as fronteiras da França, do tipo de registro em língua francesa e da tradição literária francesa. Ainda que a narrativa se passe entre o Senegal e a França e que ela seja escrita por uma autora que mora na França, percebe-se, por vezes, um distanciamento da literatura francesa padrão, pois a obra *LVDLA* tem uma forma francesa em seu conjunto, mas cheia de elementos linguísticos (socioletos do Senegal) e culturais (islamismo e sharia) que são estranhos ao público francês. Logo, trata-se de uma obra única em seu conjunto e que ainda assim se inscreve nesse grande grupo que é o da literatura dos países francófonos.

1.4 O Senegal e a França

Localizado no oeste africano ao sul do deserto do Saara, o país sempre foi visado por povos estrangeiros em decorrência de sua localização estratégica no que se refere ao acesso ao oceano Atlântico, ou seja, para o comércio e para extração e exportação de matéria prima. Por essa razão, a região foi dominada por outras entidades africanas antes dos colonizadores europeus. Podemos destacar, em especial, a presença do império da Gâmbia e o império do Mali e, posteriormente, o império colonial francês.

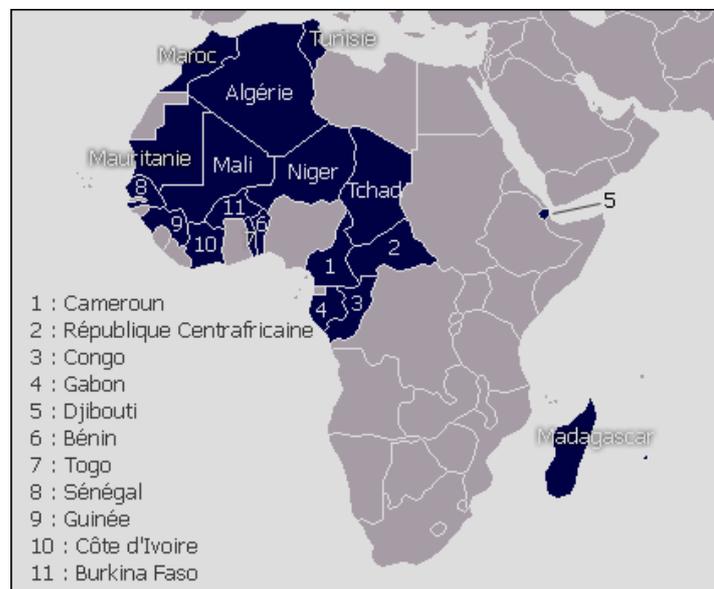
Segundo Mbow (2013), esses povos dominaram essa região africana e o tipo de governo que eles estabeleceram por lá sofria de muitas incertezas políticas e estruturais, em especial, o problema de sucessão dos novos governantes, o proselitismo e as trocas comerciais entre os africanos que dominavam o lugar. As negociações com os primeiros europeus que tinham interesse na região pela possibilidade de fazer comércio resultaram em uma ausência de unidade e uma facilitação no controle do território; por conseguinte, a configuração política e governamental do Senegal sempre foi vítima de instabilidade em várias esferas em

decorrência desse passado colonial. Se atentarmos para o histórico de povos ocupantes da região e a maneira pela qual as fronteiras senegalesas foram definidas, constatamos que a formação dos limites do país reflete uma história puramente colonial.

O Senegal fez parte do grande projeto imperial francês durante o século XIX juntamente com outros países da África. A França, por sua vez, buscou estabelecer sua dominação, em especial no norte da África, território esse que corresponde ao noroeste africano e a ilha de Madagascar. A colonização refletiu na repartição dos atuais países do oeste africano, tais como Senegal, Mali, Camarões, Argélia, Benin, Chade, Burkina Faso, etc.

A imagem abaixo apresenta a repartição das 11 ex-colônias francesas cujas fronteiras foram definidas na Conferência de Berlim em 1885 na Alemanha. O objetivo desse encontro entre as grandes potências da época, nomeadamente, representantes de 13 países europeus, dos Estados Unidos e do império Otomano comparecem na reunião. Segundo os líderes desses países, a partilha da África era um direito internacional, e a definição do limite de terra que cabia a cada um dos envolvidos na ocupação do continente africano não levou em consideração fatores culturais, étnicos ou linguísticos, mas tão somente o domínio do império de cada uma das potências que lá estiveram.

Figura 1 - Segundo império colonial francês na África



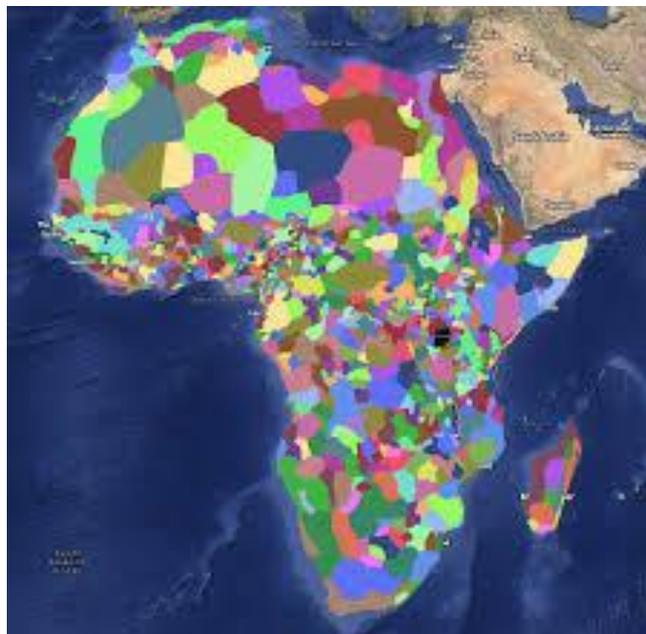
Fonte: <http://sites.estvideo.net/jaybee/stage/sitexpo/index.php?page=colonies>

A conferência de Berlim em 1885 não teve seu impacto somente na divisão da geografia dos países africanos. Segundo o historiador Olyaeami Okinwumi (2002), a atitude de separar os países sem a participação ativa dos africanos e sem levar em conta as diferentes

tribos e etnias que viviam em regiões específicas resultou posteriormente em muitas guerras civis entre povos de diferentes tribos, religiões e culturas. Essas populações se viram forçadas geográfica e politicamente a compartilharem terras e o continente africano sofre até os dias de hoje das decisões tomadas há mais de 130 anos.

Os líderes africanos tiveram a oportunidade de rever suas fronteiras e suas possessões territoriais no século XX, visto que muitas colônias europeias conquistaram a independência durante esse período. Países como Camarões, Benin, Costa do Marfim, Burkina Faso, Mali, Níger, Quênia, Gâmbia, Ruanda, Somália, Nigéria. Contudo, apesar do fim da colonização na África, o continente não teve suas fronteiras reconfiguradas, ainda que a divisão das fronteiras possam causar alguns problemas de ordem interna entre os povos que ocupam os mesmos espaços por não compartilharem necessariamente da mesma língua e cultura. Se fosse necessário repartir o território africano de acordo com suas diferentes etnias, provavelmente ele seguiria algo aproximado ao mapa étnico do antropólogo americano George Murdock (1959):

Figura 2 - Mapa étnico da África feito por Murdock (1959)



Fonte: [https://worldmap.harvard.edu/data/geonode:murdock_ea_2010_3\(2019\)](https://worldmap.harvard.edu/data/geonode:murdock_ea_2010_3(2019))

Compreender a dinâmica política, histórica e cultural da África nos permite abordar com mais clareza as questões a respeito da dívida ou das pendências históricas que os europeus podem ter para com os povos da África, enxergamos a colonização europeia da

África como um ato desumano na história mundial. O Senegal, por ter sido um país colonizado pela França, entra nessa categoria tanto quanto outros países que poderiam reclamar um direito roubado no passado, o qual tem consequências na configuração da sociedade senegalesa até os dias de hoje como vimos anteriormente.

1.5 A literatura senegalesa

O Senegal é um dos países mencionados acima que fazem parte da francofonia no mundo. A produção literária senegalesa é uma das mais significativas e valoradas do oeste africano, tendo como principais línguas de publicação o francês, o árabe e o wolof. A principal língua de veiculação da literatura senegalesa continua a ser o francês, visto que a escrita em uma língua europeia sempre pode receber mais destaque do que uma língua asiática ou africana. Segundo Pascale Casanova (2002), esse fenômeno se explica por uma questão de ordem do universo literário que é dominado por um fator econômico contra o qual muitos tentaram lutar e denunciar:

Há muito os escritores desprezaram eles mesmos, parcialmente e de maneira bem diversa, as dificuldades ligadas à sua posição no universo literário e às questões específicas que têm de resolver, sobretudo as leis estranhas da economia específica segundo a qual é governado o espaço literário. Porém, a força de denegação e de recusa é tão grande nesse universo, que todos os textos que abordaram com mais ou menos detalhes essas questões perigosas e atentatórias à ordem literária foram de imediato neutralizados. (CASANOVA, 2002)

Um dos autores de maior renome no contexto literário senegalês é o escritor e ativista político do movimento negro, Léopold Sédar Senghor. Filho de um pai comerciante católico e de uma mãe muçulmana, Senghor teve uma bolsa de estudos em Paris, sendo o primeiro africano a obter o título de *agregé* numa universidade francesa. Os anos de estudo em Paris são fundamentais para o surgimento do movimento da Negritude, resultante do encontro do senegalês Léopold Sédar Senghor com o martinicano Aimé Césaire e com Léon Gontran Damas, da Guiana Francesa.

Uma de suas principais obras se intitula *Négritude* cujo tema relata os impactos negativos que a ocupação europeia teve sobre as tradições africanas, ademais, no fim dos anos 40, Negritude¹⁰ tinha começado a influenciar artistas franceses também, em parte, porque o movimento desafiava a estética europeia ortodoxa e abraçava movimentos intelectuais e artísticos avant-gardistas, incluindo o Surrealismo, Cubismo e Primitivismo. Ninguém mais

¹⁰ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/06/12/books/review/out-of-africa.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

do que Jean-Paul Sartre escreveu a introdução à Antologia de Senghor na qual ele previu que a Negritude teria um papel vital na luta contra todas as formas de opressão.

Senghor se tornou figura chave na política senegalesa ao ponto de se tornar o primeiro presidente da república do Senegal em 1960. A importância de Léopold Sédar Senghor para o Senegal é tão grande que até os dias de hoje ele é lido e admirado no Senegal e no mundo como uma referência da literatura africana de expressão francesa com um propósito de resistência e de afirmação da identidade negra na África. A escritora franco-senegalesa o cita em sua obra e expressa sua admiração por essa figura pública tão simbólica.

No cenário literário do Senegal, podemos também citar a importância de Ousmane Sembène. Segundo Taoua (2010), Sembène é amplamente reconhecido como uma das figuras culturais africanas mais importantes do século XX. Ele desempenhou um papel importante na formação do discurso africano contemporâneo, em uma carreira de quase cinco décadas. O autor teve uma presença extremamente forte na área, primeiro pelo exemplo que deu de escritor e cineasta de sucesso, mas também pelas várias iniciativas que tomou e que permitiram que ele fosse considerado um pioneiro cultural. Entre os mais importantes estavam o fato de ir a Moscou em 1963 para estudar cinema para lançar em 1971 um jornal em língua africana: *Kaddu*, como também para criar sua própria produtora, *Filmi Doomireew*, e desempenhar um papel fundamental na construção da infraestrutura necessária para construir uma tradição cinematográfica africana.

Ousmane Sembène publicou seu primeiro romance *Le Docker Noir* (1956) de autoria própria, porém, a demora na publicação tardou porque ele não conseguiu encontrar facilmente uma editora de confiança. De acordo com Taoua (2010), Sembène talvez tivesse mais a preocupação de oferecer uma perspectiva africana relevante do que um mero refinamento artístico. Mas, infelizmente, as instituições culturais francesas não eram necessariamente acolhedoras com os jovens escritores africanos engajados da metade do século XX.

A literatura senegalesa dispõe de outras figuras chaves como Mariana Bâ, Ken Bugul e Abasse Ndione. As contribuições desses escritores também auxiliaram na formação da identidade nacional e literária, como também no processo de representatividade do Senegal no cenário mundial.

1.6 A religião islâmica no Senegal

Ao tratarmos da cultura senegalesa, não podemos deixar de destacar a influência do Islã que ainda rege a vida e as tradições em parte considerável da sociedade senegalesa. Esse fenômeno ocorre de igual forma em muitos países do norte e do oeste africano onde se vê justamente uma maior penetração do Islamismo como religião. Essa propagação do islamismo tem um papel importante na maneira como os senegaleses vivem. Se atentarmos para a forma como Diome expõe na obra a figura da mulher e o papel que ela tem, veremos que a mulher é reduzida ao propósito de assegurar o nome e a sobrevivência das próximas gerações. Em uma das viagens de Salie em visita ao Senegal, ela tem uma conversa com o seu querido professor, seu Ndétare. Nessa conversa, ela expõe sua visão preocupada com as mulheres de sua região natal: “E as mulheres perseveram! Cegas ou cegadas, elas correm rumo ao sacrifício, no altar da maternidade, à glória de um deus que só lhes deu ovários para justificarem a sua existência”. (DIOME, 2004, p.152)

A mulher senegalesa é identificada na obra como uma figura chave na dinâmica familiar no que tange ao ambiente domiciliar: a limpeza, as tarefas da casa, o cuidado com o marido. Contudo, o lugar da mulher se destaca a partir do momento em que ela é apta a gerar filhos, logo a fertilidade é um fator determinante na definição do valor da mulher inserida no contexto senegalês.

“O burro nunca abandona a boa palha” diziam os homens à minha passagem: se um homem deixa a mulher é porque ela não soube ser boa esposa. Comadres sonsas vinham ver-me e rezar pela minha fertilidade: “O agricultor espera colher o que semeia”, diziam [...] e então uma voz que se pretendia maternal azucrinava-me os ouvidos: “A honra de uma mulher vem do seu leite” (DIOME, 2004, p 49-50)

Como podemos observar na passagem acima, é culturalmente aceito e desejável que toda mulher gere filhos para a honra de si, do marido e da família como um todo. A metáfora do agricultor que semeia e espera a colheita ilustra com precisão a pressão e a alta expectativa que a sociedade coloca sobre as mulheres casadas para provarem a sua virtude: a fertilidade. Em contrapartida, uma mulher estéril é vista como uma desonra para o marido e o sentimento de incapacidade acaba por acometê-las no contexto senegalês. Além disso, é comum a sociedade perceber a infertilidade como uma espécie de punição ou de julgamento divino. O medo do futuro, a pressão de pessoas indiscretas, a falta de apoio e o abandono da família são as principais aflições de uma mulher muçulmana do Senegal que se vê na condição de esposa sem condições de gerar filhos.

O Alcorão não é a única referência de livro sagrado que serve de regulamento da vida de seus seguidores, existem vários escritos que foram compilados e formam o que os muçulmanos chamam em árabe de *Hadith* que são dizeres atribuídos a Maomé. A esse respeito, um deles refere-se ao ato de ter muitos filhos como uma honra. No seguinte trecho¹¹, lemos as palavras de um dos profetas do Islamismo, Anas Ibn Malik: “Casem-se com uma mulher doce e fértil, pois eu ficarei orgulhoso do seu grande número diante dos outros profetas no dia da Ressurreição”¹² (*Hadith*, tradução nossa). Aqui, lemos que não somente a mulher deve ser fértil, mas também “doce”, o que poderia ser lido como uma forma de ser submissa ao marido naquilo que lhe apraz. Ser fértil é atributo que confere boa fama ao islamismo, pois eles podem vir a se destacar pelo o seu grande número. Não podemos falar de fertilidade, sem também tratarmos da questão da sexualidade em países cujas culturas são de matriz islâmica. A sexualidade ou o sexo, de maneira geral, é heteronormativo, ou seja, a sexualidade deve existir somente entre duas pessoas de sexos opostos e essas devem ser casadas.

No que diz respeito à sexualidade no Senegal, o mesmo ocorre: sexo é restrito ao homem e à mulher no contexto do casamento, e todo ato sexual feito fora desse pacto é punível segundo as leis do Islã definidas pelo Alcorão e pela *Hadith*. Salie, a protagonista da obra e a personagem cuja história se assemelha à da própria autora, foi concebida em uma relação entre duas pessoas que não estavam casadas. O simples fato de Salie ser o resultado dessa relação tornou-a vítima de muitas recriminações dos outros habitantes da ilha de *Niodior*, seu lugar de origem. A ilha de *Niodior* não é tão grande, nem populosa, logo, por ser uma ilha, não é fácil evitar que notícias, como essa do nascimento de uma criança fora do casamento, se espalhem.

1.7 Fatou Diome: origem e produção literária

A obra é de inspiração autobiográfica sobre Fatou Diome. Nascida no Senegal, na pequena ilha de *Niodior*. Ela descreve a ilha como um lugar isolado onde as tradições têm um peso considerável e onde o conhecimento do mundo exterior permanece ainda limitado. A escritora é o fruto de uma relação que, segundo princípios e valores locais senegaleses, era considerada ilegítima, pois seus pais não eram casados, assim o status de filha bastarda ou

¹¹Disponível em: <http://www.mosqueeparis.net/wp-content/uploads/2014/07/PROCREATION-RELIGION.pdf>. Acesso em 20 fev. 2019.

¹² Marry the one who is loving and fertile, for I will feel proud of your large numbers before the other Prophets on the Day of Resurrection.

ilegítima que lhe deram os habitantes da ilha a perseguiu durante toda a vida. Essa origem não escolhida, mas que lhe foi imposta, serviu de impulso para que a autora desde pequena se sentisse como uma estrangeira. A sua estrangeirice se dava, sobretudo, pelos rumores que circulavam a seu respeito na escola por não portar um nome comum em meio aos moradores da ilha, esses que são o resultado de gerações dos mesmos genes que se perpetuam entre as mesmas famílias.

Pudera constatar a atitude de desprezo dos seus alunos logo que pronunciava esse nome. Como sabia escutar, ouvira, descodificara os murmúrios nas suas reuniões com os pais dos alunos: de tanto ter a mania de erguer bem alto a cabeça, diziam, essa mulher, em vez de se contentar com um filho de uma boa família da aldeia, fora escolher no exterior um príncipe encantado, que a gratificara com uma bastarda. Insulares geograficamente, alguns também o eram mentalmente, e censuravam a minha mãe por ter importado esse nome estrangeiro para a aldeia: nenhum dos antepassados fundadores da ilha se chamava assim. (DIOME, 2004, p 63).

Diante disso, Diome procurou se destacar pela sua grande inteligência e dedicação aos estudos, uma vez que ela se sentia reprimida por não ser uma filha de origem vista como exemplar. Para a autora, os habitantes da ilha não são apenas limitados pela sua geografia, mas também pela mentalidade das pessoas que tende a não ver uns aos outros como seres diferentes e capazes de fazerem o que cada um deseja. Tal ideia congrega com a visão de Maalouf (1988), que defende que a sociedade busca constantemente nos compartimentar entre nós e os outros, brancos e negros, ricos e pobres. No que tange a essa ideia, discursaremos sobre a questão de identidade compartimentada segundo Amin Maalouf em mais detalhes posteriormente, no capítulo 2 desta dissertação.

Ainda quando menina, ela se interessava pelos estudos e frequentava a escola, sendo uma das melhores estudantes da sala. Provavelmente, percebia-se já desde cedo o lugar de destaque da menina que aprendia e falava o francês com tanto esmero. Anos mais tarde, já adulta, ela conheceu um francês em seu país natal, com o qual ela se casou e se mudou para a França. Segundo Fatou Diome, o motivo principal de sua experiência de emigração se dá por motivos amorosos e não propriamente econômicos ou políticos. Essa afirmação é reiterada pela própria Fatou Diome que, em entrevista, reforça a distinção entre a sua condição e a de um imigrante. Ela não se vê como tal, pois ela veio acompanhar o seu marido por amor e não para buscar melhores condições de vida.¹³

Posteriormente, devido a problemas com o marido, os dois decidem se divorciar de maneira tumultuada, tendo havido inclusive questões de preconceito racial por parte da

¹³RICE, Alison. An Interview with Fatou Diome. 2014. (40:05). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=16RHx8ifO38&t=2124s>> 40:05. Acesso 20 fev. 2020.

família do ex-marido, como também inúmeras tentativas de sabotagem do marido aos textos escritos por ela, que já exercia sua aptidão literária para expor o seu pensamento. Essa aptidão a levou a realizar seus estudos de mestrado e doutorado na França, em Estrasburgo, onde, hoje, é professora universitária de letras.

Se atentarmos para a trajetória de vida da escritora, percebemos que ela constrói uma carreira cuja dedicação e força são inspiradoras e cujo fio condutor é, de alguma forma, o de superação das adversidades, tais como o ser estrangeiro, a língua, o racismo e a diferença cultural.

A obra *LVDLA* foi publicada em 2003 pela editora Anne Carrière, em um período em que a autora já recebia o prestígio de sua primeira publicação de 2001, *La Préférence Nationale*, a obra consistia em uma coletânea de histórias curtas. A editora Anne Carrière¹⁴ foi fundada em 1993 por Anne e Allain Carrière do grupo Media Participations. O grupo é formado por vários editores independentes que têm como interesse principal a publicação de obras de ficção francesa e estrangeira, bem como documentos, depoimentos e ensaios.

Na época da publicação do livro *LVDLA*, Fatou Diome morava na França fazia quase 10 anos e, nesse interim, realizava os seus estudos superiores na região francesa da Alsácia, pela Universidade de Estrasburgo, onde ela trabalharia, anos mais tarde, como professora de letras modernas.

O livro em questão conta a história de Salie, uma imigrante senegalesa que deixa o Senegal pela França após se apaixonar por um francês com quem ela mora por alguns anos até o divórcio. Uma vez divorciada, ela realiza alguns trabalhos domésticos em casas de família para conseguir dinheiro e viver. Enquanto isso, ela faz muitas ligações a seu irmão mais novo, Madické, que é fã da estrela do futebol italiano, Paolo Maldini. O sonho do jovem senegalês é morar na França com a sua irmã, Salie, e se tornar jogador de futebol para, enfim, ter a chance de jogar lado a lado com seu ídolo do futebol. Essa paixão pelo futebol o acompanha desde bem pequeno: “a paixão do meu irmão pelo futebol começou muito cedo. Ainda criança, a minha mãe oferecera-lhe uma pequena bola de borracha que comprara na cidade.” (DIOME, 2004, p 39). À medida que a vida dos dois, Salie e Madické, é desvelada, a voz de Salie narra a história de vida de várias pessoas de Niodior. Essas pessoas de que ela fala são habitantes da ilha que compartilham histórias de família, lendas da ilha, tradições, costumes, e a busca de um futuro melhor.

¹⁴ Editora Anne Carrière. Disponível em < <http://www.anne-carriere.fr/index.php> >. Acesso em 14 de janeiro de 2019.

No que diz respeito a sua produção literária, Fatou Diome escreve como quem conta, mas também como quem protesta e expõe o drama e os desafios de várias pessoas, essa característica se vê como um fio condutor em suas obras. Além de *LVDLA* (2003), temos o romance de 2006, intitulado *Kétala* cuja história retrata a vida e o destino de uma imigrante. Em 2008, vemos a obra *Inassouvies, nos vies*, trata-se de uma amizade entre uma senhora de idade e uma mulher de trinta anos. Em 2010, ela lança *Celles qui attendent*, uma obra interessante por abordar o drama e a esperança de mulheres da ilha de Niodior que vivem a espera de seus maridos que deixaram a ilha para trazer dignidade aos que ficaram na ilha, as esposas e filhos. Essa obra tem como particularidade o olhar sobre as mulheres da ilha. Em seguida, temos a publicação de *Le vieil homme sur la barque* e *Mauve* em 2010, *Impossible de grandir* em 2013, esse que compartilha com a obra que examinamos, a temática da identidade. Por fim, em 2017, a autora publicou *Marianne porte plainte!* uma de suas obras mais polêmicas no que se refere à imagem da França e do que se tem como parâmetro para definição da identidade nacional francesa.

1.8 As personagens

1.8.1 Personagens principais

Salie: é a narradora com uma perspectiva do lado de dentro, ou seja, ela vê tudo, mas, ao mesmo tempo ela participa da história. Como dito anteriormente, ela nasce no Senegal fruto da primeira união de sua mãe ainda jovem, contudo, quando sua mãe se casa de novo. No decorrer do tempo, a pequena Salie acaba sendo rejeitada pelo seu padrasto, o que a abala e, posteriormente, a própria mãe também a maltrata por ser uma filha de um relacionamento fora do casamento, algo intolerável e condenado nas famílias islâmicas. Denunciada por uma vizinha benevolente, a jovem será acolhida por sua avó, com quem terá um relacionamento próximo. Embora não esteja matriculada na escola da aldeia, a criança é curiosa e vai para lá às escondidas. O professor não perdeu tempo em identificar seu potencial e pedir permissão à avó para matriculá-la, interessada pela literatura. Anos mais tarde, já adulta, Salie então se apaixona e se casa com um homem branco da França. Eles então deixam o Senegal, no entanto, a família do marido é racista e não quer que uma mulher de cor negra faça parte de sua família: eles se divorciam. Atualmente, segundo a obra, Salie reside na França, mais exatamente em Estrasburgo, onde trabalha meio período como faxineira para pagar seus

estudos. Ela relata a vida na França, especialmente de jovens africanos. Assim, ela tenta, da melhor maneira possível, convencer o irmão de que a França não é o lugar onde todas as fantasias têm o poder de se tornar realidade, isso por telefone, mas também durante suas visitas ao Senegal: “eu aproveitava cada telefonema para tentar dissuadi-lo.” (DIOME, 2004, p.129).

Madické (Maldini): Madické é o meio-irmão de Salie, nascido da segunda união de sua mãe, ele ainda vive no Senegal. Madické é apaixonado pelo futebol e torce pela seleção italiana e, em particular, pelo jogador Paolo Maldini, o que lhe faz ganhar o apelido de Maldini em sua aldeia. O jovem sonha em se tornar um jogador profissional de futebol na França, um país que ele conhece apenas pela televisão. E, precisamente, uma televisão pela qual ele vê seus colegas africanos tocando e sendo aclamados na seleção francesa, sem esquecer os salários surpreendentes que lhes são concedidos. A televisão também é um canal que ainda o une a sua irmã residente na França. Madické costuma ligar para Salie para pedir que ele lhe dê os resultados e para ver o resumo das partidas durante os muitos colapsos sofridos pela televisão do vizinho no Senegal. Quanto mais o trabalho avança, mais as súplicas do irmão para ir à França são insistentes, ainda que as advertências do professor e de Salie sejam desencorajadoras.

Ela explica ao irmão que ela economizou todo esse dinheiro para ele e ela lhe dá a opção, ele pode usar o dinheiro para voar para Paris ou usá-lo no Senegal. Madické acaba não indo para a França e usa o dinheiro da irmã para abrir uma loja:

Eu seguia obstinadamente uma pista que levava a outro lugar que não a França, onde ele queria aterrar a todo o custo. Tudo o que eu entrevia era um projecto viável na ilha. Ao fim de certo tempo de uma vida maltusiana, reunira uma soma, pequena em França, mas enorme no Senegal, com que abrir uma loja na ilha. Nada de fabuloso, apenas uma espécie de mercearia, que nunca seria cotada na Bolsa, mas que ofereceria uma atividade remuneradora mais tranquilizante do que a pesca e menos perigosa do que a emigração clandestina. (DIOME, 2004, p 175).

O leitor aprenderá depois que Madické não tem mais o sonho de se tornar um jogador profissional de futebol na França, o personagem que agora leva uma vida confortável no Senegal. A última cena em que o personagem aparece é em sua própria casa, onde ele convidou seus amigos para assistir a uma partida de futebol (Senegal-Suécia), em sua própria televisão.

O homem de Barbès: a televisão em frente à qual os jovens senegaleses se reúnem durante as partidas de futebol encontra um aliado no caráter do homem de Barbès. Ele emigrou para a França legalmente e leva uma vida difícil, sobrecarregado por trabalhos

difíceis na maioria das vezes como trabalhador temporário. Ele não tem acomodação própria e vive com outros africanos na mesma situação. Ele, portanto, economizou seu salário por anos antes de retornar à sua terra natal, onde optou por se vangloriar da quantia impressionante, para o Senegal, que havia acumulado e para exibir sua riqueza através da construção de várias casas, mas também com o casamento de várias mulheres. Ele, portanto, apresenta a França como um El Dorado para jovens africanos e decide ocultar a história de sua dolorosa experiência: “Em Niodior, as histórias do homem de Barbès seguiam o trilho do imaginário, arrastando com elas o coração dos jovens insulares” (DIOME, 2004, p. 135). Além disso, descobrimos que seu status permite que ele se case com qualquer mulher que ele desejar no Senegal, sua família vê uma das mulheres mais bonitas da ilha que é diferente de Sankèle.

Ndétare: o professor da escola da vila estudou na França. Foi ele quem tornou possível a inscrição da pequena Salie em seu estabelecimento. Ele se torna, paralelamente ao seu trabalho como professor, treinador de futebol para os jovens da vila, incluindo Madické, que irá denunciá-lo à irmã; ela se prestará a uma descrição brilhante do professor a quem ela mesma diz que deve o conhecimento de que hoje preza (DIOME, 2004, p 65). Salie e o professor são ótimos amigos, embora ela viva na França. Durante uma dessas visitas ao Senegal, a jovem passa a maior parte do tempo com seu Ndétare. Juntarão forças, nesta jornada, para pôr fim ao que pode ser chamado de "mito da Europa". Ainda residindo no Senegal, a luta do professor é diária, ele muitas vezes lembra esses jogadores iniciantes da história de Moussa. Finalmente, Ndétare viverá uma verdadeira história de amor com uma jovem da ilha chamada Sankèle, que infelizmente será esmagada pelo peso das tradições e regras que sobrecarregam as mulheres em seu país.

1.8.2 Personagens secundárias

Avó: a avó de Salie a pegou quando ela ainda era bebê. As duas mulheres formam um relacionamento funcional. Um certo número de voos poéticos que a obra oferece tem por objeto a avó.

Moussa: é um personagem fantasma cuja história é pouco conhecida. Muito bom jogador de futebol, ele é visto por um treinador francês, chamado Jean-Charles Sauveur, que se oferece para levá-lo à França para que ele treine com o objetivo de jogar na França profissionalmente. Moussa fica claramente feliz e anuncia a notícia para seus pais, que o vêem como o próximo "homem de Barbès", trazendo quantias significativas de dinheiro ao

país e possibilitando que a família viva melhor. Uma vez na França, a ascensão esportiva, no entanto, acaba sendo um teste para o garoto. Apesar de ser alimentado e alojado, Moussa não recebe salário e continua sendo vítima de racismo de seus colegas de equipe. Sua família fica muito zangada com ele desde que ele chegou há vários meses e eles não receberam dinheiro. Assim, quando Moussa envia uma foto dele e de sua equipe, ele atrai apenas a ira de seu pai, que o acusa de ter rejeitado as tradições de roupas de seu país e de mostrar egoísmo por não apoiar sua família que ficou na África. Depois de alguns meses, seu treinador explica que ele não pode mantê-lo na equipe devido ao seu péssimo desempenho. Ele então diz a Moussa que ele deve reembolsar todos os custos que o treinador investiu nele e anuncia que fez acordos com um capitão de um barco que emprega trabalhadores indocumentados. O treinador diz que todo o seu salário lhe será devolvido até que ele o devolva. Moussa aceita. Um dia, quando o barco atracou em Marselha e os trabalhadores tiveram algum tempo livre, Moussa decide ir visitar o porto e nunca viu nada da França, exceto seu centro de treinamento. A polícia prende o jovem pela falta de documentos.

No entanto, Moussa explicou aos policiais que estava trabalhando em um barco. A polícia querendo confirmar as palavras do jovem questiona o capitão do barco sobre o fato que ele nega e ainda diz que não conhece Moussa. O jovem jogador é levado para a delegacia de polícia e, em seguida, para a prisão, por alguns dias, onde espera o IQF (convite para deixar a França). Uma vez recebido, ele é levado para voar e retornar ao Senegal. Ele é então rejeitado e desprezado por todos, ele comete suicídio indo se afogar no Atlântico, pois sua vida se torna insuportável devido às críticas dos familiares.

Sankèle: uma jovem cobiçada da ilha especialmente por sua beleza. Ela se apaixona por seu Ndétare, o professor. No entanto, o pai da jovem recusa esse relacionamento, especialmente porque a família do homem de Barbès quer que Sankèle se case com seu filho. Então, o pai de Sankèle determina que ela se case com o homem de Barbès. No entanto, a jovem engravida do professor e o casal fica muito feliz. Na noite do parto, Sankèle está com os pais e a mãe a ajuda a filha a dar à luz. Enquanto o parto correu bem e a mãe de Sankèle foi buscar água no quintal, o pai pegou o bebê e o engasgou em um saco plástico, justificando sua ação com esta frase sozinho: "Uma criança ilegítima não pode crescer sob o meu teto" (p. 134). Ele então se livrará da criança jogando-a no Atlântico. Enquanto isso, Sankèle foge imediatamente para procurar a ajuda de seu amado. Ela sabe que precisa fugir da ilha, Ndétare a ajuda e a veste com roupas masculinas para despistar a atenção. Ela se vai para a cidade e,

posteriormente, ninguém mais tem notícias de Sankèle, apenas circulam rumores a seu respeito.

O pescador: o pescador é um personagem antigo que se mistura com a multidão de jovens que se vê diante da televisão para assistir a jogos de futebol. Sua presença é importante para nós, pois ela parece ser uma figura estranha ao longo do romance. Madické, em um dado momento, descobre o mistério por trás da imagem do pescador ao analisar as perguntas que o velho faz a ele. De fato, esse senhor pedia com frequência que o jovem Madické o mantivesse informado sobre os vários jogos de futebol, ainda que ele não apoiasse nenhuma equipe em particular. Madické percebe que muitas vezes um time está envolvido a cada vez, e um dos jogadores desse time nasceu no Senegal e mais precisamente na região onde mora (Niodior). Aprendemos então que o pescador, quando jovem, teve um grande sucesso com as moças e que uma de suas companheiras engravidou. No entanto, quando ela lhe contou a notícia, ele explicou que ela deveria cuidar do bebê sozinha e que ele não se assumiria como pai da criança. A jovem então partiu para a cidade, onde poderia encontrar um emprego de empregada para uma família rica. "Graças a sua beleza", outro homem casou com ela, assumindo o filho da moça e criando-o como filho. O filho foi notado por suas habilidades no futebol e foi recrutado para jogar em um clube europeu. Seu pai, no entanto, nunca vai parar de vê-lo na televisão do homem de Barbès.

CAPITULO 2 - ASPECTOS TEÓRICOS PARA A EXECUÇÃO DO COMENTÁRIO SOBRE A TRADUÇÃO PORTUGUESA

Nesta seção, trataremos sobre as questões que circundam o texto tradutório no que diz respeito aos estudos descritivos de tradução, a teoria de polissistemas, à norma e à identidade, bem como à recepção da obra.

2.1 Polissistemas e estudos descritivos de tradução

Os Estudos Descritivos da Tradução seguem um processo que inclui algumas etapas de análises, como da aceitação do texto no sistema de chegada, a análise comparativa entre o texto-fonte e o texto-alvo, solucionando os problemas de tradução e descrevendo as relações entre as partes que integram o par “problema-solução” e trabalhando a equivalência dentro dessas relações em um sentido relacional e funcional ao invés de textual e linguístico. Toda essa análise daria condições para entender as decisões que o tradutor português precisou tomar. O objetivo desta pesquisa é investigar e encontrar explicações sobre a produção e a recepção da obra de Fatou Diome traduzida para o português europeu. É interessante fazer recortes com o que é conveniente para cada pesquisa. Dessa forma, esta pesquisa tem como propósito o de explorar o polissistema literário focando na tradução, pois o que mais interessa para uma pesquisa de tradução comentada é o processo tradutório, mas sem deixar de analisar os componentes que influenciam o processo tradutório dentro do grande sistema.

A função da tradução em um sistema é mais compreensível quando se conhece as normas que regem a tradução em determinado contexto. Não no sentido de ditar regras sobre como o processo deve se dar, mas de como é possível conhecer e explicar o processo tradutório. E para poder explicar essas normas é necessária uma análise de alguns objetos pertencentes ao sistema. O primeiro deles, Toury (1980) chama de produtos primários, que são os textos traduzidos em si. É importante conhecer as estratégias e padrões do objeto de estudo. Também são analisados os produtos secundários, que são os paratextos (capa, contracapa, orelhas etc.) e os metatextos (resumos, críticas etc.). E por último existem as regras explícitas que designam fatores que condicionam, induzem ou limitam determinada tradução, além dos fatores que permitem e que tornam aquela tradução interessante. Essas regras ou normas não servem para ditar uma maneira correta de se traduzir, o que fugiria da intenção dos estudos descritivos. São normas tradutórias que funcionam como instrumentos de análise

do paradigma descritivo e que permitem identificar a função das traduções no âmbito literário e na relação entre as literaturas. As normas seriam – portanto – induções socioculturais de uma sociedade, de uma cultura em um determinado período.

Como mencionado acima, é preciso estabelecer alguns parâmetros para desenvolver um trabalho descritivo de tradução. Foi partindo dessa premissa que José Lambert e Hendrik van Gorp (1985) desenvolveram um método mais prático de análise. Esse modelo descritivo (anexo A) para análise de traduções é o mais interessante para essa dissertação, pois ele compara os sistemas do texto-fonte e do texto-alvo, por meio da descrição de suas relações e de cada parte envolvida: autores, textos e leitores de ambos os sistemas. O pesquisador precisa identificar as relações prioritárias naquele encontro de sistemas e também identificar padrões que predominam nas estratégias de tradução.

Susan Bassnett, no capítulo sobre os problemas de tradução literária na obra *Estudos de Tradução – Fundamentos de uma Disciplina* (2003) faz uso de exemplos de vários gêneros textuais literários para demonstrar que o tradutor, através de suas escolhas e critérios, pode resultar no desenvolvimento de certas problemáticas. O tradutor não deve trabalhar com normas gerais que determinem o que deve ser mantido e o que deve ser configurado consoante ao texto-fonte. Cada estrutura deve ser tratada de acordo com suas especificidades, uma vez que cada uma delas tem uma ênfase em algum nível seja ela no campo linguístico, semântico etc.

A realidade de muitos tradutores é a de que eles não enxergam sempre o texto literário como parte de um conjunto complexo que se relaciona com outros conjuntos dentro de um grande sistema humano, em uma relação dialética que vai além de suas fronteiras, conduzindo a uma tradução que foca em determinados atributos e despreza outros.

A noção de que o tradutor é antes de tudo um leitor e só depois um escritor, e que sua interpretação influencia diretamente na sua produção bem como a seleção que ele faz das estruturas que terão uma maior importância no texto-alvo é muito importante para a presente pesquisa, primeiro por tratar de uma explicação de processos tradutórios por meio da tradução comentada e demandar, portanto, uma seleção dos aspectos que precisam ser explicados, segundo porque se trata de uma tradução comentada de textos fantásticos, textos que exigem uma concentração e subjetivação para um raciocínio interpretativo.

James S. Holmes (1988/2000, p. 176) faz uso do nome *Estudos da Tradução* para designar a disciplina que remete às questões tradutórias de maneira empírica, aliás, existe um mapa que separa a disciplina em dois pontos de partida: Estudos da Tradução Pura e Estudos

da Tradução Aplicada. No que diz respeito a Tradução Pura existe os Estudos Descritivos da Tradução e a Teoria da Tradução. Ao passo que nos Estudos Descritivos da Tradução, temos três tipos de pesquisa: a orientada na descrição de traduções individuais, a descrição comparada de várias traduções do mesmo texto fonte (de traduções na mesma língua ou em línguas diferentes) e a descrição de corpus maiores de tradução, a análise de corpora. Esta pesquisa se localiza na descrição de traduções individuais.

Dentre o grupo de estudiosos descritivistas que desenvolveram estudos principalmente relacionados à tradução literária, utilizo principalmente as ideias de Itamar Even-Zohar (1990), Gideon Toury (1980, 1995) e Susan Bassnett (2003).

Em essência, a Teoria dos Polissistemas apresentada por Even-Zohar no final da década de 1960 determina uma cultura como a cultura central, um grande sistema que está recebendo mais destaque. Essa noção de literatura como um sistema foi ampliada por Even-Zohar, mas remete ao Formalismo Russo e ao Estruturalismo da Escola de Praga. O grande sistema (polissistema) é composto por outros sistemas, internamente, e também se relaciona com sistemas paralelos. Dessa forma, os polissistemas constituem redes dinâmicas e hierarquizadas. Os conceitos de centro e periferia determinam que o centro é ocupado pelos que detém mais poder em um sistema e a periferia é ocupada por elementos menos dominantes, esses elementos buscam estar no centro, dando forma e movimento ao sistema.

O polissistema literário tem ainda uma particularidade, pois os sistemas literários se relacionam com sistemas semióticos de várias naturezas, dentro do polissistema cultural. Os cânones literários ocupam o centro e assim, constituem modelos a serem seguidos. A relação entre os cânones e os sistemas periféricos gera um processo que resulta na compreensão das razões que levam aqueles sistemas à posição central: evolução, valores, estratégias, etc. Basicamente, na Teoria dos Polissistemas há um processo dinâmico de evolução gerado justamente pelas inter-relações entre os sistemas que integram o polissistema. A hierarquização gera uma constante competição entre as partes integrantes do grande sistema e é essa competição que proporciona a dinamicidade. A hierarquia não é algo imutável, os sistemas que ocupavam a posição central podem vir a ocupar a posição periférica, e os sistemas que ocupavam a posição periférica também podem ocupar a posição central.

A presente pesquisa trata de um sistema ainda mais específico, o da tradução literária. Para Even-Zohar, deve-se analisar o conjunto da literatura traduzida e suas relações, o que vai de contra ao hábito de se analisar as traduções de forma individual, apenas realizando uma

comparação entre texto-fonte e texto-alvo. O estudo de tradução alcançou, assim, um patamar mais amplo e significativo dentro de um sistema cultural.

Há uma importância de transmissão cultural na prática tradutória, já que as interferências das diferenças culturais, sociais e linguísticas entre os sistemas de partida e de chegada implicam no resultado do produto do processo tradutório, e cabe ao tradutor ser agente das discussões entre os fatores que permeiam os sistemas.

Uma abordagem mais orientada para o texto-alvo é defendida por Gideon Toury (1995) e essa foi uma reação ao que se fazia até a década de 1970, quando as pesquisas de tradução se orientavam mais a partir do texto-fonte. É a cultura-alvo que determina as necessidades tradutórias a partir das lacunas do sistema. Entretanto, isso não implica em determinar que sempre a cultura-alvo induz a tradução, pois há casos em que é a cultura de origem que impõe ou determina uma tradução, mas mesmo nestes casos é o sistema-alvo que lhe atribui um uso. Para Toury, os Estudos Descritivos não devem se preocupar apenas com a cultura-alvo, não se deve excluir a cultura de partida e o texto de partida. Também ressalta a importância em se analisar o processo tradutório. Contudo, é o sistema-alvo que rege o processo tradutório, ou seja, a etapa prática, e também o ponto de partida para a teorização e a pesquisa em tradução.

A primeira distinção a ser feita segundo o modelo de Toury (1995) é aquela entre os textos traduzidos, que são realidades diretamente observáveis, e o processo tradutório que é observável só indiretamente. Essa diferença deveria definir e guiar então qualquer tipo de pesquisa no campo da tradução. Parece razoável que se deva sempre partir das entidades reais observáveis, isto é, dos enunciados traduzidos e dos seus vários elementos constitutivos, procedendo dessa forma para com a reconstituição das realidades não observáveis diretamente, excluindo *a priori* qualquer outro tipo de percurso.

Segundo Toury (1995), o axioma fundamental de uma teoria descritiva seria considerar a cultura de chegada como principal fator de “desencadeamento” (*initiator*) para iniciar o processo tradutório. O ato tradutório, sendo uma atividade teleológica por antonomásia, fica amplamente condicionado pelos seus próprios fins e estes do mesmo jeito estão determinados partindo da perspectiva do sistema receptor. Conseqüentemente, segundo Toury, os tradutores operariam sempre e, sobretudo no interesse da cultura para a qual estão traduzindo, pondo de lado a cultura da qual estão traduzindo¹⁵.

¹⁵ Isso nos parece totalmente aceitável no caso de tradutores não reconhecidos pelo cânone, mas no caso de tradutores poetas reconhecidos pelo cânone, como veremos mais adiante na nossa pesquisa, o sistema de chegada não parece ser o critério principal que guia seu processo tradutório.

A noção básica, segundo ele, que deveria fundamentar também os Estudos Descritivos da Tradução é que as traduções são fatos pertencentes a um sistema só: o sistema de chegada (*target system*)¹⁶. Mas como distinguir as traduções das não traduções dentro da cultura de chegada? Por tradução deve-se entender, segundo Toury (1995) todo enunciado na língua de chegada que naquela mesma cultura seja apresentado ou considerado como uma tradução baseada em qualquer elemento plausível. Por definição, ao se apresentar um enunciado na língua de chegada como uma tradução, ou considerando-o como tal, fica implícito que exista outro enunciado, um fato lingüístico-textual que pertence a um outro sistema, que possui uma prioridade lógica e cronológica sobre a tradução em questão. O texto de partida, segundo Toury (1995), simplesmente precede a própria tradução no tempo e constitui a base para a criação dessa última. O texto de chegada desenvolve-se diferentemente do texto de partida, mas não depende dele. As traduções devem, nessa perspectiva, ser consideradas como funções que põem em relação enunciados da língua de chegada com enunciados da língua de partida. É justamente esse conceito funcional-relacional a noção fundamental de um estudo descritivo: as funções- relações estariam diretamente em contraste com as representações lingüístico-textuais de superfície.

Poder-se-ia então averiguar, por exemplo, quais as relações entre os elementos textuais ou as unidades lingüísticas e a sua mesma posição no sistema dos enunciados traduzidos; e ainda, quais as relações entre os enunciados traduzidos e o sistema de chegada, ou ainda, quais as relações entre os enunciados traduzidos e os que são considerados os seus enunciados de partida. Em qualquer dos casos, é justamente a existência de manifestações de superfície para cada um desses fenômenos funcionais-relacionais que permite distingui-los dos seus correspondentes sob o aspecto formal e por isso, lembra Toury, as manifestações de superfície nunca devem ser descuidadas durante a pesquisa. Deve-se, porém, atribuir a esses fenômenos uma função bem precisa a de ser, como ele os define, *functors*³⁵.

O *functor* seria então, a nosso ver, um elemento que satisfaz algumas funções sem que delas decorra a sua existência: por exemplo, a mesma função poderá ter um número

¹⁶Essa admissão *target-oriented* da *polysystem theory* é criticada por Umberto Eco. Segundo ele, de fato, não sempre a tradução de um texto pode ser guiada pelo texto de chegada - e cita o exemplo da tradução francesa de "Guerra e Paz" de Tolstoi. Dever-se-ia usar os dois critérios alternativamente conforme os casos: "Di fronte alla domanda se una traduzione debba essere *source* o *target oriented*, ritengo che non si possa elaborare una regola, ma usare i due criteri alternativamente, in modo molto flessibile, a seconda dei problemi posti dal testo a cui ci si trova di fronte" [Diante da pergunta se uma tradução deva ser *source* ou *target oriented*, considero que não se possa elaborar uma regra, mas usar os dois critérios alternativamente, de modo flexível, de acordo com os problemas colocados pelo texto que se está trabalhando (Eco, 1995, p. 125)], (Trad. nossa).

indefinido de diferentes manifestações de superfície que serão, do ponto de vista formal, funcionalmente equivalentes. Enfim, o objetivo da análise descritiva seria justamente o de buscar a explicação das representações de superfície de um texto traduzido com base nas funções subjacentes que devem ser encontradas no próprio enunciado, entendendo segundo quais critérios, e satisfazendo que funções, um *functor* presente numa determinada tradução tenha sido selecionado de um grupo de *functors* equivalentes.

Os Estudos Descritivos da Tradução têm um processo que abarca algumas etapas de análises, como o da aceitação do texto no sistema de chegada, a análise comparativa entre o texto-fonte e o texto-alvo, corrigindo os problemas de tradução e descrevendo as relações entre as partes que compõem a dupla “problema-solução” e delimitando a equivalência dentro dessas relações em um sentido relacional e funcional ao invés de textual e linguístico.

A análise do texto ajudaria no processo de tomada de decisões do tradutor. A ideia não é de produzir por meio desses estudos normas tradutórias, mas sim explicações sobre a produção e recepção das traduções em determinadas culturas, em diferentes períodos. Também não se pretende exigir que todas as pesquisas realizem todo o percurso descrito. É interessante fazer ajustes de acordo com o que é conveniente para cada pesquisa. Dessa forma, esta pesquisa pretende explorar o polissistema literário focando na tradução e sem analisar com tanta profundidade a caracterização da atividade já que o que mais interessa para uma pesquisa de tradução comentada é o processo tradutório, mas sem deixar de analisar os componentes que influenciam o processo tradutório dentro do grande sistema. Vejamos a seguinte passagem:

De acordo com o modelo de Even-Zohar, o polissistema é concebido como um sistema heterogêneo e hierárquico de sistemas que interagem para produzir um processo de evolução dinâmico dentro de um polissistema maior. Na primeira parte dessa definição, polissistemas podem ser postulados para representar fenômenos existentes em vários níveis, dessa forma, o polissistema de uma dada literatura nacional é vista como um elemento que compõe o polissistema sociocultural maior que compreende outros polissistemas ao lado do literário, artístico, religioso ou político. Além disso, colocado desta forma em um contexto mais abrangente, “literatura” passa a ser vista não como apenas uma coleção de textos, mas mais amplamente como um conjunto de fatores que regem a produção, a promoção e a recepção de outros textos.¹⁷(BAKER; MALMKJAER, 1998, p 176, 177)

¹⁷According to Even-Zohar’s model, the polysystem is conceived as a heterogeneous, hierarchized conglomerate (or system) of systems which interact to bring about an ongoing, dynamic process of evolution within the polysystem as a whole. From the first part of this definition, it follows that polysystems can be postulated to account for phenomena existing on various levels, so that the polysystem of a given national literature is viewed as one element making up the larger sociocultural polysystem, which itself comprises other polysystems besides the literary, such as the artistic, the religious or the political. Furthermore, being placed in this way in a larger sociocultural context, ‘literature’ comes to be viewed not just as a collection of texts, but more broadly as a set of factors governing the production, promotion and reception of these texts.

Como dito anteriormente, a função da tradução em um sistema é mais compreensível quando se conhece as normas que regem a tradução em determinado contexto. Não no sentido de ditar regras sobre o processo, mas de se conhecer e se explicar o processo tradutório. E para chegar nas explicações dessas normas é necessária uma análise de alguns objetos pertencentes ao sistema. O primeiro deles, Toury chama de produtos primários, que são os textos traduzidos em si. É importante conhecer as estratégias e padrões do objeto de estudo. Também são analisados os produtos secundários, que são os paratextos (capa, contra-capas, orelhas etc.) e os metatextos (resumos, críticas etc.). E por último existem as regras explícitas que designam fatores que condicionam, induzem ou limitam determinada tradução, além dos fatores que permitem e que tornam aquela tradução interessante. Essas regras ou normas não servem para definir uma maneira correta de se traduzir, o que fugiria do propósito dos estudos descritivos. São normas tradutórias que servem de instrumentos de análise do paradigma descritivo e que permitem identificar a função das traduções no âmbito literário e na relação entre as literaturas. As normas seriam – portanto – induções socioculturais de uma sociedade, de uma cultura em um determinado período.

A imagem do tradutor como leitor é frequentemente esquecida, pois, é costume apenas enxergá-lo como escritor, e a interpretação que ele dispõe poderia ter uma influência no seu trabalho da mesma maneira como durante a etapa de seleção das estruturas que receberão um maior destaque no texto de chegada. Portanto, é necessário para a presente pesquisa, inicialmente, tratar de uma explicação de processos tradutórios por meio da análise da tradução, portanto, uma seleção dos aspectos que precisam ser explicados, em seguida, por se tratar de uma tradução comentada de textos orais, textos que exigem uma concentração por refletirem o pensamento, a conversa e as tradições de matriz africana.

A proposta de esquema contida no texto *On Describing Translations* (1985) de José Lambert & Hendrik van Gorp tem base em alguns preceitos de Toury e tais teorias enxergam a tradução e os estudos sobre ela algo que vai muito mais além do confronto entre texto original e texto traduzido.

Esse quadro de referência não pode ser identificado com o “texto-fonte”. Em vez disso, ele é uma combinação de categorias tiradas tanto do texto-fonte como do texto-alvo e pode ainda ser enriquecido com perguntas que surgem a partir dos sistemas fonte e alvo. Tal quadro de referência não possui nenhuma relevância como padrão normativo (o que foi e o que não foi traduzido?). Reduzir o confronto a uma observação diferencial, que se refere

somente ao texto— fonte, nos permitiria meramente estabelecer o que a tradução não é. (LAMBERT; VAN GORP, 1985, p. 42)¹¹

A utilização da abordagem que utiliza o esquema de referência proposto no estudo em questão busca caracterizar estratégias textuais e tradutórias, permitindo um estudo descritivo que seja útil para diversas traduções. No modelo proposto, existem fases de análise, compostas pelos vários níveis de estudo não só das características internas dos textos, mas também de várias informações externas que compõem o sistema. O modelo pode ser visto no *Anexo A*.

O estudo de tradução alçou horizontes mais abrangentes e relevantes tendo como pauta um sistema mais cultural, e não mais puramente literário. Há uma importância de transmissão cultural na prática tradutória, já que as interferências das diferenças culturais, sociais e linguísticas entre os sistemas de partida e de chegada implicam no resultado do produto do processo tradutório, e cabe ao tradutor ser agente das discussões entre os fatores que permeiam os sistemas.

Não se pode olhar para cada obra literária como algo independente, pelo contrário, é preciso analisar as obras literárias dentro de outros sistemas e esses dentro de sistemas ainda maiores e mais abrangentes. A literatura de Fatou Diome participa da literatura francófona, e essa, por sua vez, abrange uma série de outras literaturas de vários países, dentre as quais a literatura francesa. Nesse sistema, umas tentam alcançar uma posição de dominação sobre as outras, portanto, percebe-se uma tensão na relação entre centro e periferia no contexto literário. A lógica do sistema pode se basear em critérios de qualidade segundo uma dada norma. Por exemplo, podemos dizer que a literatura francesa possui uma relação de domínio, logo, pertence ao centro, por justamente representar uma fonte que influenciou durante décadas inúmeras literaturas através do globo por meio de seu estilo, poético, tradição e pensadores. Casanova explica bem essa relação de domínio existente no cenário literário mundial:

Em outras palavras, cada escritor situa-se, em primeiro lugar, no espaço mundial, pelo lugar que nele ocupa o espaço literário do qual saiu. Mas sua posição também depende da maneira como herda a inevitável herança nacional, das escolhas estéticas, linguísticas, formais que é levado a operar e que definem sua posição nesse espaço. Pode recusar a herança e tentar dissolvê-la para se integrar a um outro universo mais dotado de recursos literários, como fizeram Beckett e Michaux; pode herdar e lutar para transformar e tomar autônomo seu patrimônio à maneira de Joyce que, ao recusar as práticas e as normas estéticas nacionais irlandesas, tentou fundar uma literatura irlandesa liberada do funcionalismo nacional; pode afirmar a diferença e a importância de sua literatura nacional, como Kafka, é o que veremos, mas também como W. B. Yeats ou Kateb Yacine ... É por isso que, quando tentarmos caracterizar um escritor, vai ser necessário situá-lo duas vezes: segundo a

posição do espaço literário em que está situado no universo literário mundial, e segundo a posição que ocupa nesse mesmo espaço. Essa determinação da posição de um escritor nada tem de uma banal contextualização nacional: por um lado, a origem nacional (e lingüística) é relacionada à totalidade da estrutura hierárquica do universo literário mundial; e, por outro lado, cada escritor não herda da mesma maneira seu passado literário (CASANOVA, 2002, p 33-34)

Como lemos acima, os escritores herdaram uma bagagem estética, cultural e literária de seus respectivos países e literaturas, mas há também a possibilidade de tentar reverter isso buscando o novo, o diferente de outros recursos literários. Tal é o caso da franco-senegalesa Fatou Diome. Ela integra o grupo dos países francófonos, mas ela escreve na França e não no Senegal, e em uma língua, o francês, que não é a língua predominante de seu país.

A questão da "diferença" lingüística apresenta-se a todos os dominados literários em qualquer situação objetiva, isto é, seja qual for sua distância lingüística e literária com relação ao centro. Os "assimilados", sempre em uma relação de estranheza e insegurança com relação à língua dominante, buscam, por uma espécie de hipercorreção, apagar e corrigir, como se faz com um sotaque, os vestígios lingüísticos de sua origem. (CASANOVA, 2002, p 158)

Esses elementos conferem um status diferenciado no espaço literário e internacional à escritora, haja vista que escrever numa língua de destaque e de um lugar de impacto no contexto mundial muda consideravelmente a condição de Fatou Diome. A literatura francesa preenche até os dias de hoje uma posição de destaque no que diz respeito a sua importância e influência na sociedade e cultura ocidental. Ao escrever em francês e da França, Diome não pode ser considerada em sua plenitude uma escritora cujo registro é puramente africano.

2.2 A colonização e o Outro no contexto literário

A obra traz em pauta a questão da colonização no continente africano, salientando em especial o caso do Senegal, país cuja sociedade ainda pode ter vislumbres do passado devido à independência que data ainda da segunda metade do século XX. O processo de colonização não é uma questão a ser tomada de maneira leviana, pois ela representa uma marca importante na vida dos colonizados e, o mesmo se reflete, por conseguinte, na literatura oriunda dos países colonizados. A chegada de navegadores europeus se deu em decorrência da busca de riquezas e matérias primas, e a estrutura que foi arquitetada para a extração e a exportação desses bens para a metrópole era de grande importância para os países colonizadores.

Segundo Paula Rubel e Abraham Rosman (2003), os colonizadores tinham a necessidade de comunicar com os nativos e, além das divisões territoriais, a dominação

política e a exploração dos bens das colônias, os colonizadores tiveram a necessidade de recorrer a intérpretes e tradutores para o intercâmbio com os povos locais a fim de consolidar o império no novo local. Para esse feito, foram indispensáveis as contribuições de viajantes, missionários, oficiais do governo na colônia, comerciantes e exploradores de terras, pois o processo de dominação da metrópole no novo território passava pelo papel desses indivíduos.

Quanto à questão do conhecimento do Outro que os europeus construíram ao longo da história, é essencial reconhecer que a tradução participou ativamente como ciência na atividade de transmissão de informações entre colonizados e colonizadores, no entanto, devemos mencionar outra ciência que foi beneficiada pela Tradução, que conhecemos hoje como antropologia. O conhecimento antropológico europeu como ciência serviu de subsídio para tratar das diferenças e das dinâmicas entre os povos de que tratamos aqui. A antropologia europeia como ciência fez o uso de métodos abusivos e discriminatórios para definir o que se sabia sobre o outro durante todo o período de colonização até os dias de hoje. É importante notar que antes das grandes navegações os europeus pouco sabiam sobre o Outro/Oriente.

A tradução teve um papel importante na dinâmica colonial segundo Niranjana (1992) a sujeição dos povos colonizados durante a implementação de todo o maquinário do estado não se deu apenas por meio da força, mas também com o auxílio da filosofia, da história, da antropologia, da linguística e da interpretação literária, pois o indivíduo forjado pela ação do colonizador é analisado e observado em muitos lugares e discursos, um desses lugares ou discursos é na tradução.

Nos estudos antropológicos, uma vez que a tradução faz uso de métodos que buscam estabelecer uma compreensão intercultural, o tradutor é responsável pela transmissão de conceitos de uma língua/ cultura para outra. A tradução tem como uma de suas funções a construção do significado e a busca pela compreensão. Esse é o interesse da antropologia, por essa razão podemos colocar as duas ciências lado a lado na estruturação de um conhecimento do humano em suas várias facetas através das culturas. Contudo, a maneira como todas essas trocas foram feitas não dispunha de uma metodologia¹⁸ estritamente científica e ordeira:

¹⁸Their descriptions of the ways of life of the people they were encountering were being published in the various professional journals and monographs, which were established during this period. At this point in time, the sources of this data were not questioned, nor was there concern with, or any evaluation of this information in terms of how it was collected, whether it was based on actual observations or casual conversations, which languages were used, who was doing the translations and what were the methods used. The degree of expertise of these Europeans in the local languages or whether they used interpreters, and who these interpreters were, was also not considered.

As descrições feitas por eles a respeito do estilo de vida das pessoas que eles encontravam eram publicadas em vários jornais profissionais e monografias cujo estabelecimento se fez durante esse período. Naquela época, as fontes desses dados não eram questionadas, nem havia qualquer preocupação quanto a qualquer avaliação dessa informação no que diz respeito a sua coleta, se isso era baseado em observações atuais ou conversas casuais, nas quais as línguas eram usadas, quem estava traduzindo e quais eram os métodos usados. O nível de conhecimento desses europeus nas línguas locais ou se eles usavam intérpretes, e quem eram esses intérpretes, também não era considerado. (RUBEL, Paula; ROSMAN, Abraham, 2003, p. 11, tradução nossa)

Temos aqui a dinâmica imperial posta como um período em que, além da dominação política que costumeiramente associamos a esse período, há também o fenômeno das trocas constantes entre colonizadores e colonizados, o que concebeu um aspecto híbrido e multicultural aos diferentes povos envolvidos durante o período de colonização.

Podemos mencionar que, em um primeiro momento, as trocas entre os europeus e os nativos se davam em linguagem de sinais improvisada e mímica. À medida que o domínio colonial se impunha e uma estrutura se consolidava no novo local, línguas híbridas e expressões novas surgiam em meio a esse cenário, dado o fato que houve contato entre dois ou mais povos. Constata-se, em decorrência desse contato, uma nova realidade, a qual é fruto da cultura e da língua dos europeus e dos nativos locais. Esses intérpretes improvisados ajudaram a repertoriar informações sobre o estilo de vida dos povos com os quais entraram em contato. Contudo, é preciso destacar que a maneira como as informações chegavam até os jornais e documentos daquela época não dispunham de qualquer filtro que pudesse estipular uma perspectiva científica desprendida de uma agenda imperialista ou de uma visão eurocentrista do outro.

Os europeus detinham o conhecimento da escrita ao passo que muitos povos africanos não possuíam um registro escrito na língua local, muito do que se relata nos livros era redigido em termos e colocações eurocentristas, visto que era difícil que um europeu pudesse ter uma visão tal qual a dos nativos, logo a maneira de falar do Outro era sempre em oposição aos valores e características dos europeus. Wang Hui (2007) discorre sobre esse assunto ao afirmar que é comum, ainda nos dias de hoje, a descrição dos não-ocidentais sob termos que não contemplam o outro com precisão ou quando o fazem, é feito em moldes exagerados e que não condizem com a realidade, mas dizem respeito a uma ideia difundida na sociedade.

É interessante notar um exemplo dessa deformação da percepção do indivíduo não-ocidental por meio de conteúdos tais como filmes e desenhos. Durante anos a ideia do Oriente Médio era a de um lugar mágico e mítico, de onde provinham especiarias, joias preciosas. O

desenho animado da Disney, Aladim, nos remete a esse imaginário do Oriente Médio como um lugar místico até os dias de hoje.

Como Wang Hui (2007) coloca em sua obra, é confortável e simplista para o ocidental ver o outro sob o prisma de sua cultura ocidental, essa que, por muitos séculos, foi detentora da ciência, das artes e do imperialismo europeu e norte americano que propagam ideias no mundo todo, até mesmo os “não-ocidentais” consomem dessas ideias, pois eles próprios estão imersos na dinâmica mundial, essa que é, por sua vez, conduzida pelas grandes potências mundiais. Percebe-se a tendência dos grandes centros em abordar as literaturas mais periféricas de maneira a omitir traços que vão de encontro às culturas hegemônicas, ao mesmo tempo em que acentuam o elemento exótico. Não há dúvidas de que a hegemonia do Ocidente fomenta a ideia do Oriente, do Outro, como um lugar distinto e muitas vezes inferior em termos de cultura, história e ciência. Said (2007) relata esse aspecto com mais precisão destacando o fato de que, no caso do Oriente, o Ocidente costuma retratá-lo de uma maneira cuja visão coloca o Oriente como uma invenção do Ocidente a fim de se diferenciar dele e se autoafirmar como um ser distinto:

Comecei com a suposição de que o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente ali, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas ali. Devemos levar a sério a grande observação de Vico de que os homens fazem a sua história, de que só podem conhecer o que eles mesmo fizeram, e estendê-la à geografia: como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas –, tais lugares, regiões, setores geográficos, como o “Oriente” e o “Ocidente”, são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra. (Said, 2007, p. 31)

Sobre o ideal do Eu e do Outro que discorremos anteriormente, podemos mencionar a perspectiva do idealismo alemão como contribuição para entender o contexto fático proposto pela realidade aos processos que envolvem o *Eu* e a teoria do conhecimento. É preciso frisar que esta teoria em si não foca na questão do processo de colonização e sobre a relação entre o colonizado e o colonizador, porém ela serve de base para reflexão a respeito do Eu e o Outro.

Inicialmente, é preciso destacar a figura de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), figura exponencial de seu tempo e que conjuntamente com Schelling e Hegel estabeleceu novos patamares à percepção da realidade imposta a todos, afastando-se dos processos de cognição kantianos, nos quais o sentido de validade universal era mais valorado que os contornos do objeto estudado.

Segundo Abizadeh (2005), Fichte nos apresenta a ideia de *Eu-empírico* e *Eu-absoluto*, elementos fundamentais para a compreensão do sentido e construção do sujeito sobre os objetos que o circunscrevem.

O *Eu-empírico* seria, *grosso modo*, a cognição que estabelecemos ao compor os objetos e coisas que se inserem na seara de nossa compreensão; a percepção realista do *Eu*, que se vê e que compreende o seu entorno, sem arregimentar procedimentos mentais de conclusões sobre o *não-Eu* por recursos de validação universal.

Não há neste iter construções distorcidas ou meramente presumidas por recursos abstratos de lógica para que o objeto - *não-Eu* -, seja absorvido com todos os seus elementos. Para Fichte, a compreensão daquilo que não está no sujeito e, portanto, lhe é exterior representa o *não-Eu*, elemento necessário para que compreendamos tudo aquilo que nos é exterior a nós mesmos.

A dicotomia entre *Eu* e *não-Eu* é fundante no caminhar do conhecimento daquilo que nos margeia e interage conosco, desenvolvendo canais de reconhecimento daquilo que *somos* e *não-somos*, posto que se encontra no outro. Como consequência da construção filosófica fichteana, constroem-se personalidades, costumes, sociedades, enfim, culturas. Estas se configuram em sistemas dotados de conhecimentos e sentidos de pertencimento que definem limites aos seus membros e condutas que são tidas como naturais, haja vista sua conformação com o *Eu-coletivo* que se consagra no tecido social envolvido.

Entendamos o instrumental teórico proposto por Fichte aplicado a uma cultura qualquer. Os indivíduos reconhecem-se nas formulações desse *Eu-coletivo*, por costumes, práticas reiteradas ou tradições mantidas e a partir deste ponto marcam a existência ser coletivizado, dotado de conceitos gerais que lhes são inerentes e, sincronizados com sua auto-percepção, como coletivo, reconhecem, com facilidade, o *não-Eu-coletivo*: o outro e/ou a outra [cultura].

Importante destacar que este [des]conhecimento configura, em essência, o *devenir dialético* apresentado por Fichte, que nos ensina que tal situação enuncia rito de tensão entre partes em oposição - tese x antítese – na busca da síntese; a construção do *Eu* com *não-Eu*; da cultura vs. a ausência desta cultura; por fim, do *colonizador x colonizado*.

O contraste cultural envolto no contexto dos sujeitos *colonizador* e *colonizado* nos encaminha ao uso da necessária construção dialética fichteana, discutindo o tensionamento entre *Eu* vs. *não-Eu*.

Como sujeitos de cognição, construímos nossa percepção de mundo alicerçados nos nossos fundamentos sociais e culturais, entre outros. O *norte* conceitual que nos circunscreve está movido por todos os elementos constituidores desta cultura e seus processos.

No entanto, o viés dialético deste tensionamento nos impõe a compreensão de que não somos apenas sujeitos inseridos nesta dinâmica cultural; somos objeto para o outro – sujeito e *não-Eu* – apto a nos assimilar como agente e objeto nessa seara de culturas distinguíveis.

Historicamente, a fricção entre as diferentes culturas colonizadoras e colonizadas era resolvido pelo uso da violência, sob qualquer de seus mantos: física, econômica ou linguística, haja vista, as inúmeras sociedades *dominadas* [re]surgidas em contextos multilíngues: Índia, países da América Central e colônias africanas.

A imposição do *outro que chega sobre o que está* representa a desarmonia entre os sujeitos envolvidos e seus mundos e compreensões. O desinteresse do conquistador pelo mundo do conquistado representa verdadeira violação à dignidade da pessoa, em sentido universal e humano. Esse é o ponto central dos efeitos nefastos da colonização.

Como dito anteriormente na seção sobre a história do Senegal, a colonização como fenômeno histórico e social representa para muitos países das Américas como um momento sangrento da história, contudo, o evento em si parece ser menos perceptível hoje devido à distância temporal em relação ao período de descolonização. Em contrapartida, o continente africano difere do continente americano no que diz respeito à colonização em decorrência de um processo colonizatório findado há pouco menos de 60 anos. Em outras palavras, o povo africano, em comparação aos povos do continente americano, ainda vive um período de construção de sua identidade ainda muito atrelada à imagem de seus antigos colonizadores. Nesta seção, gostaria de definir conceitos chaves para o desenvolvimento deste trabalho que são: colonização, descolonização, pós-colonização.

A colonização é definida como uma estrutura histórica, cultural e política de um povo que emprega o seu poder e conhecimento a fim de subjugar outros povos com o propósito de extrair deles recursos materiais, terras, bem como força de trabalho. Entende-se como uma prática comum do colonizador sobre o colonizado a eliminação do caráter humano desse. Essa animalização do ser vai além de sua representação cultural desse povo; passa a ser também uma construção social e política.

Os europeus alegavam uma missão moral ou cultural na tentativa de legitimar a colonização da África e poderia entender os benefícios dessa dominação como um ato natural de retribuição ao que fizeram: a civilização ou a civilidade. É interessante notar que as

carências do colonizado são os resultados quase diretos das vantagens que os colonizadores encontram. Ainda hoje é possível perceber que algumas descolonizações acontecem com tanta dificuldade porque o ex-colonizador ainda não renunciou aos seus privilégios e que ele tenta dissimuladamente recuperá-los. Quando observamos a vida do colonizador e do colonizado, descobrimos rapidamente que a humilhação diária do colonizado, e sua opressão objetiva, não são apenas econômicas; o triunfo permanente do colonizador não é apenas econômico. O pequeno colonizador, o pobre colonizador acreditava e de certa forma ele era superior ao colonizado, objetivamente, e não somente na sua imaginação. E isso fazia também parte do privilégio colonial.

2.3 Descolonização

Segundo os alemães Jan C. Jansen e Jürgen Osterhammel (2017), a palavra descolonização seria um termo técnico, mas não dramático para definir um dos momentos mais traumatizantes da história moderna: o desaparecimento do império como uma estrutura política, e o fim da hierarquia racial como uma ideologia política amplamente aceita e como princípio de consolidação da ordem mundial. Pode-se fixar esse processo histórico por meio do uso de uma dupla definição que, ao invés de considerar esse período como algo cronologicamente vago, ele o declara sem hesitação como um momento existente na história do século XX. Assim, descolonização é, primeiramente, a dissolução simultânea de vários impérios intercontinentais (império francês, império inglês) e a criação de nações-estados dentro de um curto período de tempo de aproximadamente 3 décadas de pós-guerras (1945–75), associados a única deslegitimação da história de qualquer regime político enquanto relação de sujeição ao poder da elite, sendo considerado pela grande maioria da população como um governo de invasores estrangeiros.

A descolonização designa um momento histórico específico, ela também atende por um processo multifacetado que ocorreu em cada região ou país abalado por um regime colonial. Outras tentativas de definição acentuam essa segunda dimensão. O historiador e sinólogo Prasenjit Duara, por exemplo, deu menos ênfase ao rompimento dos impérios e mais ênfase a mudança do poder local em colônias específicas quando ele define descolonização como “o processo segundo o qual as potências coloniais transferiram o controle institucional e legal de seus territórios e dependências para os estados-nações cujas bases são indígenas e formalmente soberanas.” Ele também sublinha um aspecto normativo: a substituição das

ordens políticas foi embasada na mudança global dos valores. Essa dissolução significa uma resposta oposta ao imperialismo em nome da “justiça moral e da solidariedade política”.

Podemos nos perguntar em que momento a descolonização de um território está completa, e uma das respostas mais simples a essa pergunta seria: quando um governo local já estruturado assumiu os seus deveres oficiais, quando formalidades sob o direito internacional e de natureza simbólica foram executados, e quando o novo estado foi admitido (normalmente dentro de alguns meses) nas Nações Unidas. A dissolução de um regime colonial pode ter se dado por muitos motivos e um dos mais recorrentes era a perda gradual de sua própria existência aos olhos de um número crescente de pessoas nas colônias e nas metrópoles. Essa transformação da mentalidade do mundo já tinha se tornado aparente em 1960 quando a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou, no momento marcante da resolução de 1514: “Todos os povos têm o direito à autodeterminação. Em virtude desse direito, determinam livremente seu estatuto político e asseguram livremente seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Ao mesmo tempo, a “sujeição de povos ao jugo, dominação e exploração estrangeiro,” que incluía colonização, foi declarada como um crime contra o direito internacional. Isso era e ainda permanece um crime, contudo, a grande dúvida é saber de que forma é compreendida a palavra “estrangeira”.

É interessante notar no processo de descolonização um aspecto estrutural e normativo em sua composição. Em outras palavras, digamos que descolonizar um local significa uma reestruturação radical da ordem e da política internacional. Condenar o colonialismo, e por extensão o racismo que o acompanha, descolonizar significa uma verdadeira reviravolta das normas que modelaram o relacionamento entre os povos e estados no decorrer do meio do século XX. Desta maneira, a descolonização permitiu não somente a dissolução do regime colonial, mas também o abalo de toda uma estrutura e ordem internacional.

2.4 Pós-colonialismo

O termo pós-colonialista se caracteriza por uma afirmação de um passado marcado pela dominação e de um presente marcado pela construção de uma nova identidade que ainda se vê contrita pelas amarras do ex-colonizador. Alguns autores e obras de destaque que tratam do pós-colonialismo são os nomes de Aimé Césaire: *Discourse on Colonialism* (1950), Frantz Fanon: *Black Skin, White Masks* (1952) e *The Wretched of the Earth* (1961), Albert

Memmi: *The Colonizer and the Colonized* (1965), Kwame Nkrumah: *Consciencism* (1970), Edward Said: *Orientalism* (1978) entre outros

É importante dizermos que este fenômeno é decorrente de inúmeros fatores cumulativos dos processos coloniais¹⁹ ou neocoloniais²⁰, bem como da própria crise do sistema capitalista²¹ e dos estados-nação, mas vem sendo tratado por muitos discursos e práticas através de leituras simplistas como “crise migratória”. De acordo com Achille Mbembe, em seu núcleo central, a crítica pós-colonial busca a:

Interpolação das histórias e a concatenação dos mundos. Dado que a escravatura e, sobretudo a colonização (mas também as migrações, a circulação das formas e dos imaginários, dos bens, das ideias e das pessoas), desempenhou um papel decisivo nesse processo de colisão e de imbricação de povos (Mbembe, 2013, p. 101).

Mas a crítica pós-colonial também se centra no presente, partindo das atualizações e conexões simbólicas e práticas resultantes do colonialismo e dos mundos diaspóricos e transnacionais que se formaram²². Desta maneira o fenômeno dos múltiplos movimentos e trânsitos, com todas as suas assimetrias, de pessoas, afetos, mercadorias, saberes, ideias, imaginários e práticas em escala global na contemporaneidade, bem como os ruídos provocados e evocados, caminham na direção de maior interdependência política, escancarando reflexões sobre experiências distintas.

É interessante notar que a produção literária oriunda de países cujas democracias são jovens é erroneamente vista como um movimento de expressão literária puramente político pelos grandes centros. Contudo, é preciso olhar para a literatura pós-colonial além desse filtro, pois, a rigor, toda e qualquer literatura tem um aspecto político e esse traço não deveria ser uma marca delimitadora e única desse movimento. No que tange ao tradutor e ao desafio de

¹⁹ A colonização, enquanto forma de poder constituinte da partição do mundo, operada a partir do século XV pelos países europeus, teve a raça como “princípio do corpo político” pois a partir dela foi possível classificar e hierarquizar grupos humanos, estabelecendo critérios de exclusão.

²⁰ Espaços conceituais em disputa que buscam se contrapor ao período colonial e referem-se ao processo geral de descolonização de forma descritiva, tanto o pós-colonial (Hall, 2003) quanto o neocolonial (Mbembe, 2014) não sinalizam o fim dos problemas do período colonial, mas a passagem de uma conjuntura de poder a outra na qual a desigualdade, exploração e subdesenvolvimento, em geral, tenderam a se perpetuar ou se agravar, ainda que sob novas forças e através de outros atores, novos ou antigos. Ainda para Hall a narrativa do pós-colonial engloba a colonização, “expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a ‘face mais evidente’, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia e, depois, ocidental após 1492” (Hall, 2003, p. 112-3).

²¹ O capitalismo, de acordo com Mbembe, baseou-se sempre em subsídios raciais para a exploração dos recursos humanos e não-humanos, e “o nascimento do sujeito de raça – e, e, consequência, o nascimento do negro – está vinculado à história do capitalismo” pois “a base do capitalismo é a dupla pulsão de violação de qualquer tipo de proibição, por uma parte, e de abolição de todo tipo de distinção entre os meios e os fins, por outra” (Mbembe, 2016, p. 279).

²² De acordo com Spivak podemos ver “o ‘terceiro mundo’ como um deslocamento das antigas colônias, quando o colonialismo propriamente dito se desloca para converter-se em neocolonialismo” (Spivak, 2010, p. 15).

trabalhar com uma obra de uma cultura marcada por guerras e dominação, é preciso ou imprescindível que o tradutor esteja atento ao discurso e à proposta literária do autor, e com isso, ele poderá criar estratégias que tentem não esvaziar essa característica do texto. O tradutor deve perceber essa tensão de uma obra costumeiramente residente na periferia e deve atentar para o equilíbrio que deve ser alcançado, pois a fratura da colonização está sendo discutida dentro da forma literária, e isso não deveria ser apagado, mas também não pode ser apenas pitoresco, correndo o risco de produzir um texto repleto de clichês impregnados por uma visão reducionista ou eurocentrista.

Além de dar conta dessa fratura da colonização, os textos pós-coloniais lidam mais especificamente com a narrativa do indivíduo que resultou desse fenômeno histórico. Em geral, não são todos os textos que atentam para a colônia enquanto colônia e como fonte de riqueza para a metrópole. Uma vez que o regime colonial desmantelado e retirado não representa um elemento limitador da liberdade de expressão de uma ex-colonizado, ninguém sabe o que será desses países artificialmente criados, compostos de pessoas que às vezes não compartilham nem mesmo da mesma cultura, língua ou religião, portanto é preciso evitar generalizações.

É comum observar em uma narrativa desse gênero uma tentativa constante de se assumir como uma nova identidade fora do prisma e dos moldes colocados pelo o seu antigo dono. A busca pela liberdade é uma constante. Portanto, vemos um discurso muitas vezes reacionário, imbuído num sentimento de independência e liberdade: seus valores mais preciosos. No entanto, é plausível ver um discurso moderado e quase nostálgico por parte de certas pessoas que viam a metrópole com bons olhos. Esses são algumas das características de um texto pós-colonial: sentimento de revolução, discurso dotado de certa nostalgia do antigo regime colonial, nenhum ou pouco sentimento nacionalista devido à falta de unidade.

Quanto ao texto de nosso interesse, ele trata em particular da questão do imigrante senegalês na Europa, mais precisamente na França, pois, como dito anteriormente, a França é a maior referência para o povo senegalês em termos de sociedade e civilização. A narrativa apresenta as lutas internas e externas do imigrante se refletem na produção de Fatou Diome.

À primeira vista um campo de impossibilidades, a tradução pós-colonial, na verdade, abre diversos caminhos para o tradutor. Espera-se dele uma cautela para que consiga analisar as situações das ex-colônias ou, como define Niranjana, o tradutor deve participar de “um questionamento completo da situação colonial” (Niranjana, 1992, p. 167), é um questionamento incessante em que não se pode confiar num maniqueísmo da colonização, na

história contada por um dos lados ou na existência de um “original”. A teoria da tradução pós-colonial não trata a tradução como uma tarefa impossível; ela visa trazer à consciência do tradutor o caráter político que ela pode assumir. A tradução pós-colonial, assim como a escrita pós-colonial, está intimamente relacionada com as questões históricas, no caso desse corpus, com os aspectos da diáspora africana para a Europa. É essencial, portanto, que o alter-ego do tradutor – o historiógrafo crítico – seja acionado.

2.5 A questão da identidade na obra de Fatou Diome

No que diz respeito à ideia de identidade, Fatou Diome tem como preocupação a tendência a dividir e compartimentar seres humanos em função de sua origem, língua, cultura, raça, religião. Amin Maalouf (1988), escritor franco-libanês, afirma que essa tendência é um problema capital em nossa sociedade; a vontade de simplificar e definir a identidade humana segundo esses critérios acima não contempla as inúmeras vivências, leituras, línguas faladas, trocas que todo indivíduo possui ao longo de sua vida. Nosso aspecto único é composto de vários pertencimentos, como por exemplo, se vivemos no país onde nascemos, se vivemos em outro país, se falamos somente a nossa língua materna, se falamos um ou mais idiomas, se temos a mesma profissão de nossos pais, se temos outra, tudo o que fazemos compõe aquilo que somos e isso não se define pelos rótulos que a sociedade facilmente nos coloca; a divisão praticada pela sociedade engendra a propagação de conceitos que desembocam em preconceitos com igual facilidade com que ela nos divide.

Frantz Fanon enxerga essa compartimentação ou divisão das pessoas, em especial, de maneira nítida na dinâmica do mundo colonial:

O mundo colonial é um mundo compartimentado. Sem dúvidas, é superficial, em termos da descrição, lembrar a existência de povos indígenas e de escolas para europeus, como é superficial lembrar o *apartheid* na África do Sul. No entanto, se penetrarmos na intimidade desta compartimentação, teremos ao menos a vantagem de destacar algumas das linhas de força que ela tem. Essa abordagem do mundo colonial, essa possibilidade de delimitar as fronteiras a partir das quais se reorganizará a sociedade pós-colonial. O mundo colonizado é um mundo partido em dois. O limite, a fronteira é indicada por casernas e postos policiais²³. (FANON, 1991, p.68, tradução nossa).

²³ Le monde colonial est un monde compartimenté. Sans doute est-il superflu, sur le plan de la description, de rappeler l'existence de villes indigènes et d'écoles pour Européens, comme il est superflu de rappeler l'*apartheid* en Afrique du Sud. Pourtant, si nous pénétrons dans l'intimité de cette compartimentation, nous aurons au moins le bénéfice de mettre en évidence quelques-unes des lignes de force qu'elle comporte. Cette approche du monde colonial, de son permettre de délimiter les arêtes à partir desquelles se réorganisera la société décolonisée. Le monde colonisé est un monde coupé en deux. La ligne de partage, la frontière en est indiquée par les casernes et les postes de police.

Vemos aqui que Frantz Fanon descreve o ambiente colonizado como um local naturalmente dividido, cindido em dois, porém, ele não retoma o pensamento de Maalouf de que apesar das compartimentações, temos seres complexos e completos, apesar das várias origens, línguas e experiências. Fanon vê a colonização como um evento que contribui justamente para a construção de limites, quer sejam geográficos ou de identidade. A colonização serviu de fonte para uma parcela significativa dos que são os “civilizados” e os “selvagens”, os “dominadores” e os “dominados”, os “influentes” e os “submissos”. Evidentemente, essa categorização se daria com tais nomenclaturas, se expandíssemos a visão da nossa leitura do trecho acima destacado.

Segundo ainda Fanon, os Negros sonham em se tornar brancos em decorrência da colonização, mas no último capítulo de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008) ele concluiu que somente quando os Negros pararem de se definir em relação aos Brancos que eles poderão enfim ser livres (Fanon, 1971). É difícil para os jovens entenderem apesar dos conselhos de seu professor que a França não é a única esperança possível, mesmo que tudo o que os cerque prove o contrário.

Homi Bhabha (1994) define nossa era atual como o período em que os indivíduos procuram deliberadamente se afirmar no intuito de garantir a sua sobrevivência, e essa tentativa de sobreviver se reflete no desprendimento do presente através do uso do prefixo pós: pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-feminismo, etc. Segundo Bhabha, o uso desse prefixo serve como uma forma de se prolongar na história, criando um efeito de diferenciação, distanciamento e identidade. Esse processo de criação de conceituação fomenta a ideia do “além” como algo que permite estar aparte, distante e puro; é dessa maneira que surgiu a separação e a segmentação dos indivíduos pautadas nas singularidades e semelhanças. Esse efeito é justamente o que define o conceito de comunidade como um grupo de pessoas que se associam umas às outras, formando um todo por considerarem que, juntas, elas formam um conjunto homogêneo e uniforme.

Contudo, é na formação de um grupo com uma identidade que o distanciamento cria raízes e é justamente o que produz o isolamento das pessoas, umas das outras, baseando unicamente no que define cada comunidade. Segundo esse princípio, um asiático não poderia entender o que um negro sente, pois ele não é negro, e vice-versa. Porém, essa tentativa de segmentar pessoas em grupos, classes, raça ou sexualidade engendra um afastamento baseado na singularidade do indivíduo. O incentivo da demarcação dessas singularidades podem tanto fomentam rupturas ou barreiras entre as pessoas, quanto ser bastante reducionista, levando ao

ponto em que um asiático pode somente ser aquilo que esperam que ele seja, tendo como fundamento as singularidades do seu grupo ou comunidade. Contudo, para Bhabha, a representatividade da diferença não deve ser um vetor que associa automaticamente traços étnicos e culturais a um padrão social único e não maleável.

Segundo Maalouf (1998), nossa trajetória de homem livre é rapidamente bloqueada e presa pelas amarras dos homens que julgam uns aos outros de traidores das próprias origens se alguém se autodeclara pertencente a uma determinada identidade com a qual a sociedade não o associa. Diome (2003) assim como Maalouf (1998) tratam da questão da identidade como um conceito que permeia a vida de todo aquele que vive em outra cultura ou que possui uma identidade complexa, ou seja, um indivíduo com múltiplos pertencimentos, e, às vezes, o ter vários pertencimentos pode fomentar situações nas quais o indivíduo se vê em choque e em verdadeiros dilemas. Ambos escritores afirmam que o fato de estar num novo local e imergir na cultura local não basta para afirmar que não somos somente francês, senegalês, libanês ou qualquer outra nacionalidade. Para Maalouf (1998), se os seres humanos se encontram numa situação em que eles devem sempre se reintegrar às suas tribos, e escolher o seu lado no campo, isso significaria que há um problema sério no mundo e na forma como ele funciona.

A crítica literária de Tzvetan Todorov (1980) dá conta de um problema com o universalismo que afirma que ele é apenas uma sorte de etnocentrismo camuflado. Segundo os *relativistas*, nós devemos até mesmo refutar a noção de valores universais e aceitar que cada cultura do mundo tem sua própria ética. No entanto, afirma Todorov, se o universalismo etnocêntrico leva à repressão do que não dialoga com a lógica, o relativismo impede, por sua vez, todo tipo de acusação, até mesmo dos atos mais violentos e detestáveis. É por essa razão que Todorov considera que é preciso um equilíbrio, um humanismo que reconhece certa porção de universalismo sem necessariamente ser etnocêntrico. Segundo o raciocínio de Todorov, o que é realmente universal não tem estritamente relação com uma cultura específica, mas com o reconhecimento da *liberdade* dos indivíduos, ou seja, da sua capacidade de usar de seu próprio senso crítico, recusar, questionar e assim mudar os valores do ambiente que o rodeia. O respeito dessa liberdade, que favoriza a mudança, deve *a priori* excluir o estabelecimento da tirania do etnocentrismo. Portanto, antes de questionar o conceito de universalismo, a teoria de Todorov busca fortalecer a teoria de Maalouf (1988).

2.6 A condição do emigrante/imigrante e a literatura de imigração

Considero fundamental anunciar, desde já, que a pesquisa que se apresenta não parte de uma ideia de ‘crise migratória’ mas de uma crise complexa e generalizada, resultante de complexos processos sócio-históricos. As migrações seriam, portanto, um efeito, uma das facetas de visibilização desta crise, cuja defesa precisa ser feita através da defesa ao direito de migrar e da defesa dos direitos humanos, não enquanto mecanismo opressor ou mantenedor da ordem social, mas de modo contra-hegemônico, conforme defendido por Boaventura²⁴ de Sousa Santos (Santos, 2013).

A imigração é um fenômeno histórico tão antigo quanto a própria história do homem. Trata-se de um fenômeno demográfico presente em todos os lugares da Terra que resulta todos os anos em mudanças significativas na redistribuição das populações. As grandes migratórias de populações ao redor do mundo geram mudanças sociais, econômicas, políticas e demográficas e literárias no contexto pos-colonial e da globalização. Imigrantes enfrentam varios tipos de adversidades, a saber: isolamento, alienação, preconceito e frustração. Essas dificuldades ocorrem à medida que eles tentam construir o seu novo lar nesse novo espaço do mundo. Eles se encontram frequentemente em uma situação de desconforto situada entre uma nova cultura estranha e a rigidez de tradições locais. Eles têm uma sensibilidade pós-colonial para serem assertivos e uma necessidade oriental de ser submisso. Não há nenhuma solução clara que possa surgir da tentativa de ser subversivo aos valores e ideias de liberdade e de individualidade identificadas no novo mundo.

Ao analisarmos os deslocamentos globais que ocorreram da época da colonização para o período pós-colonial, veremos que eles coincidem com movimentações transnacionais que geraram um aumento dos protestos políticos em defesa da identidade e da diáspora de comunidades. Essa defesa da identidade é marcada por uma reconfiguração dos discursos no seio da sociedade à medida que se sustenta um discurso mais voltado para o multiculturalismo em oposição ao discurso nacionalista. Adicionam-se a isso o debate em torno da identidade de gênero e as lutas pós-coloniais em termos de diferenças e semelhanças. Esses embates continuam até o dia de hoje questões críticas para as comunidades de imigrantes.

24 Segundo Santos, a “grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos” (Santos, 2013, p. 42) e a hegemonia da defesa dos direitos humanos vigente na maior parte do mundo não trouxe efetivas mudanças àqueles e àquelas que estão a margem destes direitos, e isso em grande parte porque os “direitos humanos foram historicamente concebidos para vigorar apenas do lado de cá da linha abissal, nas sociedades metropolitanas” (idem, p. 44), antes marcada pelo colonialismo e agora pelo neocolonialismo, pelo racismo, pela xenofobia e outras violências. Apesar disso, a linguagem dos direitos humanos como defesa da dignidade humana segue incontestável, apesar da onda de extrema direita que insiste em se espalhar pelo planeta.

Raymond F Betts (1998) sublinha que o fim do colonialismo marcou o início de grandes mudanças demográficas e esses movimentos estão se enfraquecendo. Existem pelo menos 16 milhões de pessoas dentro do mundo colonial que decidiram mudar o local de residência em três décadas. Essa nova dinâmica mundial resultou na formação de severas mudanças nos centros urbanos, agravamento do racismo, e por último, o enriquecimento da cultura. Como consequência desses fenômenos, o cosmopolitismo cresceu na Europa, na Austrália e nos Estados Unidos.

Há inúmeros fatores que são oriundos das migrações, a saber, desemprego, crescimento demográfico, opressão política, a geração de uma nova cultura e o racismo. O desenvolvimento urbano, a industrialização, meios de comunicação avançados e bons serviços de saúde são as principais razões por trás dos movimentos migratórios dos dias de hoje. Como as migrações em seus primórdios não eram em larga escala, migrantes recebiam uma recepção mais calorosa nos países que os acolhiam. Contudo, se comparado aos tempos das grandes colonizações, os novos imigrantes eram tratados com indiferença ou com respeito. A partir do momento em que os imigrantes começavam a chegar em altíssima quantidade, eles passaram a ser tratados com desdém e desrespeito.

No que diz respeito à literatura de imigração, constatam-se missões que falharam e sonhos frustrados, saudades de um lar que só existe na memória, situações de deslocamento e solidão, perda de identidade, frustração, constrangimento e humilhação nas mãos dos anfitriões, os pais que tentam preservar praticas culturais comuns e tradições, as crianças que tentam se tornar independentes na tentativa de encontrar novas identidades.

Outra grande dificuldade que vivida é a experiência do racismo que é sempre acompanhada do sentimento de rejeição e de humilhação e das tentativas de resgatar na memória os mitos e símbolos da antiga vida. Imigrantes também vivem constantemente o sentimento de perda em um nível mais pessoal a partir do momento em que eles começam a viver em um novo país.

Eles nunca mais serão a mesma pessoa que eles foram antes. As experiências a historias na literatura de imigração é um conjunto de símbolos familiares e longínquos. O ser imigrante oferece uma posição única para criar e contar histórias. Como as histórias da grande epopeia grega, a Odisseia ou a epopeia indiana, a Ramayana, a história de um imigrante de inúmeras viagens, um homem de muitos sonhos. O livro trata da história de um homem que é levado pelos sonhos a uma terra prometida e naquela terra ele é confrontado pelos desafios da

mente e do físico. A diversidade e o pluralismo do país de origem exercem grande influência sobre os escritores que escrevem sobre diásporas e imigrantes.

Os romances desses escritores são impulsionados por um sentimento de entusiasmo devido à imensidão que é o tema da imigração. Richard Cronin (1989) escreveu sobre os escritores Anglo-Indianos Allan Sealy e Salman Rushdie, ambos viveram muito tempo fora da Índia. Ele é um escritor indiano, mas segundo a visão de Rushdie, trata-se mais propriamente de um escritor imigrante cuja experiência impulsionou o modernismo em sua escrita por meio do confronto entre ele e o mundo que não pode ser compreendido por nenhuma noção unitária da realidade. No entanto, a cultura da Índia em si é surpreendentemente plural o que permite explicar o motivo pelo qual os leitores acharam fácil identificar nesses escritores uma maior capacidade para falar da experiência de imigração.

Nos escritos sobre diáspora, pode-se achar novas áreas de exploração das experiências e da mente do homem de maneira quase inédita na história da literatura. “Ficção são as viagens da imaginação em direção à vida dos outros” afirma o escritor de Joanesburgo, Beverley Naidoo (Paromita. Hindu). A literatura de imigração não são apenas as jornadas da imaginação adentrando a vida das pessoas, mas também as viagens rumo aos territórios desconhecidos, às culturas, às línguas, às tradições e às maneiras. Nesse sentido, trata-se do gênero literário mais desafiador no que se refere à tecnologia, ao pós-colonialismo, ao pós-nacionalismo e à globalização nos dias de hoje. A experiência do imigrante é difusa e requer compreensão das lutas que as pessoas enfrentam para manter o sentido de si mesmas e seus valores enquanto buscam se adaptar à novos ambientes culturalmente distintos.

2.6.1 A imigração no contexto da obra de O ventre do Atlântico

A experiência vivida por Salie não representa uma mera casualidade durante a sua estadia, ela era agora vista como uma pessoa vinda diretamente da França. Ela era automaticamente percebida com outro olhar em decorrência de sua nova procedência. Maalouf (1988) afirma que o homem tem a tendência a simplificar a identidade do outro por meio de categorizações baseadas em ideias como origem, cor da pele, status, etc.

A protagonista Salie se vê dividida em duas culturas e povos, causando certo estranhamento na personagem, no entanto, esse fenômeno é comum em pessoas que puderam viver em diferentes culturas; essa é precisamente a problemática posta pela múltipla identificação, ou seja, um determinado indivíduo pode se identificar a vários pertencimentos e

culturas. Além disso, há também, como contrapartida, a experiência do não reconhecimento como pertencente ao lugar de nascimento por parte de nenhum dos seus conterrâneos, nem pelos habitantes do novo local de residência. A personagem Salie vive exatamente essa experiência no seguinte trecho da obra onde ela está em um hotel no Senegal e a recepcionista a trata como estrangeira, ainda que ela estivesse em seu próprio país de origem:

As frases do recepcionista bailavam-me na cabeça: Seja *bem-vinda à nosso país*, como se não fosse o meu país natal! Com que direito me tratava como estrangeira, quando lhe apresentara um bilhete de identidade semelhante ao dele? Estrangeira em França, era acolhida como estrangeira no meu próprio país, era tão ilegítima com a minha carta de residente em França como com o meu bilhete de identidade (DIOME, 2004, p 163).

No trecho destacado acima, Salie passa a não ser mais vista como a mesma durante a sua infância: a pequena garota concebida desonrosamente fora do laço do casamento. Agora, ela é a imigrante da França, e se foi à França e voltou ao país natal, o Senegal, deve ter obtido êxito na sua empreitada nas terras do velho continente. Contudo, a motivação de Salie para deixar o Senegal não foi baseada no desejo de vencer a pobreza ou enriquecer os seus familiares que ficaram no país. Durante a narrativa, Salie esboça um sentimento, às vezes pouco conhecido, que seria o da ausência de referências em sua própria origem, língua ou cultura. A decisão do deslocamento produz no indivíduo a obrigação de se ver como parte dos nativos através da prática de seus costumes, a compreensão e a assimilação de sua mentalidade e o cumprimento de suas tradições. A personagem principal e narradora trata da percepção que ela mesma teve em relação ao seu lugar de origem. A falta de uma identificação com a própria cultura de origem configura um dilema a ser vencido para a pessoa que não consegue se assimilar aos seus conterrâneos, nem à maneira de pensar, nem a como se relacionar entre si.

O indivíduo que se sente marginalizado não se vê tentado a permanecer por muito tempo no mesmo local e a ideia de deixar definitivamente seu local de origem pode representar até mesmo a chance de um novo recomeço. Essa foi justamente a atitude que a personagem principal, Salie, tomou ao deixar suas raízes africanas como uma forma de praticar o seu próprio “suicídio geográfico”:

O exílio é o meu suicídio geográfico. O além atrai-me, pois, virgem da minha história, ele não me julga com base nos erros do destino, mas em função do que decidi ser; para mim, ele é a garantia de liberdade, de autodeterminação. Partir é ter todas as coragens para se parir a si próprio, nascer de si mesmo é a mais legítima dos nascenças. Tanto pior para as separações dolorosas e os quilômetros de blues, a escrita oferece-me um sorriso maternal cúmplice, pois, livre, escrevo para dizer e para fazer tudo o que minha mãe não ousou dizer nem fazer. Papéis? Todas as

pregas da Terra. Data e local de nascença? Aqui e agora. Papéis! A minha memória é a minha identidade. (DIOME, 2004, p 187)

A respeito das expectativas dos habitantes da ilha, observa-se que todos os que deixaram a ilha pela Europa carregavam sobre si a responsabilidade de honrar o nome da família e, sobretudo, a missão de assegurar a dignidade dos pais em meio as suas dificuldades. No livro, temos dois casos de imigrantes que tinham essa missão: um é conhecido na obra como *O homem de Barbès*²⁵, a tese do senegalês em terras francesas que obteve sucesso, e o outro rapaz chama-se *Moussa*²⁶, a antítese do homem de sucesso.

Como dito anteriormente, o *homem de Barbès* é um dos símbolos de sucesso na ilha para as gerações mais jovens e sonhadoras, o que ele alcançou graças a sua ousadia e ao seu trabalho duro lhe rendeu muitos privilégios como a possibilidade de se dar em casamento com várias moças da ilha. A propósito, é um ideal para muitas mulheres desposadas da ilha encontrar e casar com um homem que foi à França, visto que é uma garantia para a mulher de que ela não se encontrará em grandes dificuldades financeiras no porvir. Contudo, a vida do *homem de Barbès* na França é repleta de privações e dificuldades, as quais ele não compartilha ou exalta para não correr o risco de ter sua glória reduzida.

Como tratado no ponto 1.8.2, Moussa era um garoto brilhante graças ao seu talento futebolístico, foi facilmente percebido por um recrutador francês que o levou para jogar na França. Infelizmente, a pressão e a falta de rendimento durante as partidas transformaram o rapaz em um alvo fácil de zombarias e pouco a pouco ele se ofusca até ser demitido e abandonado pelo seu recrutador. De volta à terra natal, uma vez que todos sabem a verdade, ele é o mais desprezado dentre todos da ilha e entra para a história da ilha como um símbolo do fracasso. As duas personagens servem de referencial para contar a história dos vencedores e dos vencidos.

CAPÍTULO 3 - REFLEXÕES E COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO PORTUGUESA

Para elaborar uma análise de tradução da obra em questão para o português europeu, é preciso estar atento aos desafios do processo tradutório pelos quais o tradutor português pode

²⁵ Barbès é um bairro situado no norte da capital francesa conhecido por sua grande quantidade de imigrantes oriundos da África francófona. O bairro também é conhecido como um bairro operário.

²⁶ Moussa é um jovem da ilha senegalesa de Niodior que, como muitos, tinha o sonho de jogar futebol na França (p.95 -114)

ter sido confrontado, tais como o contexto literário e midiático em que se inclui a autora, o aspecto linguístico entre as línguas, a história do Senegal e seu passado colonial, bem como sua estrutura social, cultural e política. No que diz respeito ao aspecto linguístico em particular, o francês e o português compartilham da mesma raiz latina, contudo, não se pode desprezar a diferença entre ambas as línguas no que diz respeito à cultura. A autora franco-senegalesa está imersa em dois mundos: o francês e o senegalês, logo, percebe-se quase de imediato o aspecto híbrido do texto e da língua utilizada na obra original; ainda que esteja em francês, a análise se mostra muito mais desafiadora devido a essa multiplicidade linguística e cultural do texto. Busca-se apresentar e investigar esse estranhamento que o texto de Fatou Diome pode provocar tanto no leitor francês, como no leitor português. Para a nossa análise, adotamos o conceito de projeto de tradução de Berman (1995):

Em uma tradução bem-sucedida, a união entre autonomia e heteronomia, só pode resultar do que poderia ser chamado de um projeto de tradução, que não precisa ser teórico.[...] O tradutor pode determinar *a priori* qual será o grau de autonomia ou heteronomia que ele vai dar a sua tradução, tendo como base uma pré-análise do texto a ser traduzido – chamo de pré-análise porque não se analisa realmente um texto antes de traduzi-lo. (...) O projeto define então a maneira, por um lado, como o tradutor irá realizar a *tradução* literária, e por outro lado, como irá assumir própria tradução, escolher um "modo" de tradução, uma "maneira de traduzir" (BERMAN, 1995, p. 76).²⁷

A opção de trabalhar apenas com a versão portuguesa define alguns dos elementos da análise de tradução. O foco recai fortemente sobre a condição do imigrante, já que é o centro da narrativa. É importante ainda, principalmente para essa obra, que o tradutor português tome conhecimento dos acontecimentos históricos que envolveram o povo senegalense no que diz respeito à colonização francesa e os movimentos migratórios oriundos do Senegal para a Europa. É primordial também ter ciência das criações literárias do autor para marcar o estilo de escrita e visão da autora. Mesmo que o texto do corpus tenham elementos muito representativos da pequena ilha de Niodior, uma região bem específica do Senegal – histórica e culturalmente -, e isso possam ser visto como obstáculos intransponíveis, o projeto de análise da tradução dessa obra se insere no contexto das possibilidades.

²⁷ l'union dans une traduction réussie, de l'autonomie et de l'hétéronomie, ne peut résulter que de ce qu'on pourrait appeler un projet de traduction, lequel projet n'a pas besoin d'être théorique. [...] Le traducteur peut déterminer *a priori* quel va être le degré d'autonomie, ou d'hétéronomie qu'il va accorder à sa traduction, et cela sur la base d'une pré-analyse – je dis pré-analyse parce qu'on n'a jamais vraiment analysé un texte avant de le traduire – du texte à traduire. (...) Le projet définit la manière dont, d'une part, le traducteur va accomplir la *traduction* littéraire, d'autre part, assumer la traduction même, choisir un "mode" de traduction, une "manière de traduire".

A escolha da temática central sobre o exílio, tem como propósito explorar as figuras e sentidos dados a contextos de imigração frequentes, que nitidamente comprovam certo gosto da autora pela temática em sua escrita. A apreciação e estudo dessa temática recorrente são essenciais para o entendimento de toda a sua obra e a relação de suas produções com sua própria história. Por vezes, é percebido o sentimento de nostalgia e é nesse ambiente que a obra se desenvolve. Sonhos, memórias e narrações realizadas por vozes em trânsito permitem uma naturalização não forçada dos discursos das personagens.

3.1 A norma tradutória em Portugal e a tradução de Fatou Diome

Esta parte da tese tem como objetivo averiguar as circunstâncias e as normas conducentes à decisão de traduzir textos literários em francês para o português de Portugal, bem como avaliar a posição das traduções na cultura de chegada. É importante salientar que no caso da tradução em português, ainda é bem forte a presença de termos franceses quando se trata de uma tradução do francês para o português europeu.

Segundo Hörster (2007), a tradução em Portugal constituiu uma via preponderante para a recepção de um conjunto de textos de caráter moral, de orientação didática, de tipo filosófico ou enciclopédico, e ainda de informação técnica ou paracientífica. Essa característica é consideravelmente notória, visto que a seleção das obras literárias traduzidas para o português europeu possa resultar do prestígio internacional dos seus autores; por outro lado, pressupõe-se que exista uma tendência para preencher lacunas temáticas no sistema literário português e no subsistema da literatura traduzida. Toury (1995/2012: 21-22) está convicto de que toda a tradução satisfaz certas necessidades da cultura de chegada. Esse fenômeno de preenchimento de uma ausência na literal local é comum, porquanto, a necessidade de traduzir vai além da simples transmissão de uma mensagem, ela permite trazer o novo a um dado sistema a fim de atender a uma demanda, quer seja temática, cultural, ideológica, etc.

Nos registros de que se tem notícia no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Portugal, os primeiros textos traduzidos para o português europeu eram originalmente em latim ou línguas próximas como o castelhano ou francês. Em meados do século XIII e XIV, temos a tradução de obras tais como o *Leal Conselheiro* traduzido pelo Rei D. Duarte (1391 – 1438) e *Virtuosa Benfeitoria* assinada por Infante D. Pedro (1393 – 1449) que era uma tradução do latim da obra *De Beneficiis* de Sêneca. Era comum, naquela época, traduzir uma

obra e adicionar textos próprios ao produto final. O resultado era uma obra tão modificada que era considerada uma nova obra completamente original.

Em meados do século XIV, a história das traduções de textos narrativos em Portugal a expressão literária e a memória textual se desenvolviam e produziam uma variedade linguística próxima das realizações coloquiais. Em alguns destes textos, vemos mais as técnicas do discurso direto e do discurso indireto em uso, oferecendo, assim, os primeiros registros de diálogos em língua portuguesa. Por meio destas versões foi recebido no espaço cultural português o imenso fluxo narrativo das novelas de cavalaria, oriundas dos originais franceses e, eventualmente, de reescritas castelhanas e até catalãs.

Na primeira metade do séc. XV verifica-se um segundo momento de atividade tradutória intensa. No decorrer de importantes mudanças políticas, a corte portuguesa recebia pela primeira vez (1387) uma rainha não espanhola (Filipa de Lancaster, neta de Eduardo III de Inglaterra), e expandiu o intercâmbio com as línguas europeias modernas, com o inglês, e sobretudo com o francês, propiciado pelo casamento de sua filha Dona Isabel com Philippe III de Bourgogne (1429).

No século XVIII, os tradutores portugueses desenvolveram um interesse particularmente elevado pelo espaço linguístico e cultural francês, e também, em áreas específicas do conhecimento, pelo italiano, e ainda, com menos intensidade, pelo inglês e o alemão. Além disso, ressurgia a motivação para traduzir para o português os autores gregos e latinos. O grande número de traduções de textos franceses publicadas ao longo do séc. XVIII (e nos séculos posteriores) ilustra de maneira expressiva a influência cultural da França sobre Portugal, logo após a influência cultural espanhola. As traduções foram então um vetor de abertura a novas perspectivas nas quais era perceptível a marca de autores e pensadores franceses. É importante frisar o papel fundamental das gazetas e jornais no que se refere ao estabelecimento da influência cultural francesa, pois, esses jornais e gazetas traduziram todo tipo de texto (literários e outros), antecipando-se a outros meios na divulgação de doutrinas e tendências artísticas. Assim foi com o jornal *O Anónimo* (1752-1754), redigido por Bento Morganti, e a *Gazeta Literária* (1761-1762), publicada pelo Cónego Francisco Bernardo de Lima. O primeiro adotou, em versão portuguesa, capítulos dos *Caractères* de La Bruyère. Ambos os periódicos difundiram ideais dos enciclopedistas e filósofos franceses (Piwnik, 1979:40-181). Aliás, o fascínio por tudo quanto era de origem francesa repercutiu nos costumes e no próprio idioma nacional, de acordo com as notícias e críticas da época, como as

seguintes, que nos chegaram pela pena satírica de Cruz e Silva, em *O hissope* (1.^a ed.1802; cit. ed. de 1950 de J. Pereira Tavares, p. 55):

(...)

*Ao pè de cada esquina hoje sem pejo
Se tratão de Monsiur os Portuguezes;
Isto, senhor he mòda; e, como he mòda
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao Mundo que Francez sabemos.*

(...)

*O saber Francez he saber tudo:
He pasmo ver, senhor, como hum pascasio,
De Francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doutos e sisudos
A fallar nas sciencias mais profundas!*

(...)

*Quem mais sente as terríveis consequencias
He nossa portuguez casta lingoagem,
Que em tantas traducçoens corre enlodada
(Traducçoens que merecem ser queimadas)
Em mil termos e frases galicanas.*

O século XIX em Portugal é marcado por um grande interesse dos tradutores por obras do mundo nórdico, em especial, obras oriundas da Inglaterra e da Alemanha, devido à sensibilidade nórdica mesclada de certo romantismo. Contudo, ainda havia uma apreciação das obras francesas por parte dos tradutores portugueses. Podemos destacar o surgimento de traduções de livros dos alemães Schiller e Goethe, bem como dos ingleses Lord Byron e Walter Scott.

Portugal toma de fato consciência da riqueza do patrimônio literário alemão em meados do séc. XIX, mas o fluxo de traduções de textos desta origem permanece sempre muito limitado se comparado com o que ocorre no caso do volume de traduções do francês e dos clássicos, e só muito recentemente, nas últimas décadas do século XX. Quanto à cultura inglesa, e à semelhança do que já foi dito sobre a situação da literatura alemã traduzida, é também no séc. XIX, e em grande parte igualmente em resultado do exílio de personalidades portuguesas, mas também pelo fato de que uma colônia inglesa de importância fixou moradia na cidade do Porto que as relações culturais entre os dois contextos adquiriram uma representatividade mais sólida, após o século XVIII, elas se intensificaram os sinais de comércio cultural materializado na tradução.

Podemos supor que a obra de Fatou Diome tenha despertado o interesse dos editores por colocar em destaque uma temática que está em pleno debate no continente europeu que é a questão dos refugiados e imigrantes que cotidianamente buscam alcançar o velho continente

a procura de uma vida mais próspera ou simplesmente para evitar a morte devido às guerras em seus países de origem. Por outro lado, a autora tem se destacado internacionalmente graças ao seu posicionamento firme face aos bloqueios e restrições que a Europa impõe sobre a entrada deliberada de imigrantes no espaço Schengen.

Toury (1995/2012: 61) justifica o estudo conjunto da tradução e das normas com a necessidade de adotar um ponto de partida para a investigação descritivo-explicativa do fenômeno da tradução e Hermans (1999: 75) acrescenta que o conceito de *norma* ajuda a compreender a tradução como prática social e individual. Assim, as normas servem de fundamento para dar conta da relevância social e cultural das atividades do homem. Conforme proposto no modelo de investigação de Toury (1995/2012), compreender a tradução como atividade norteadas por normas implica investigar o fenômeno desde a sua gênese até ao produto final.

A tradução portuguesa realizada pelo português Carlos de Oliveira segue uma tendência pela literalidade em relação à versão original em francês de Fatou Diome. Percebe-se que há um interesse do tradutor em preservar as marcas do texto. Examinaremos mais em breve os detalhes que compõem essa similitude.

É de se destacar que o leitor que conhece a língua francesa e o português europeu irá perceber uma semelhança entre as expressões francesas do texto original com as utilizadas no texto em português europeu, por exemplo, a expressão “tenir au courant” (que em Portugal é “manter no corrente”) parece uma tradução exata da expressão francesa “tenir au courant”, algo usado para dizer “manter informado”. Palavras como “guarda-redes” (goleiro), “canapé” (sofá) que em francês são respectivamente “gardien” e “canapé” também refletem essa aproximação dos dois idiomas europeus. Essas e outras especificidades aparecem na obra provocando no leitor a sensação de que o português europeu está próximo da língua francesa e compartilha elementos de valor cultural e linguístico.

| Original em francês | Tradução portuguesa |
|--|--|
| Il court, tacle, dribble, frappé, tombe, se releve et court encore. Plus vite ! mais le vent a tourné : maintenant, le ballon vise l’entrejambe de Toldo, le goal italien. Oh, mon Dieu, faites quelque chose ! je ne crie pas, je vous en supplie. Faites quelque chose | Ele corre, pára, finta, passa, cai, levanta-se, torna a correr. Mais depressa! Mas o vento mudou: agora a bola está apontada para o meio das pernas de Toldo, o guarda-redes italiano. Oh, meu Deus, fazei qualquer coisa! Não grito, suplico. Faizei qualquer coisa, se |

| | |
|--|--|
| <p>si vous êtes le Tout-Puissant ! ah ! voilà Maldini qui revient, ses jambes tricotent la pelouse.</p> <p>Devant ma télévision, je saute du canapé et allonge un violent coup de pied. Aïe, la table ! je voulais courir avec la balle, aider Maldini à la récupérer, l'escorter, lui permettre de traverser la moitié du terrain afin d'aller la loger au fond des buts adverses. Mais mon coup de pied n'a servi qu'à renverser mon thé refroidi sur la moquette. A cet instant précis, j'imagine les Italiens tendus, aussi raides que les fossiles humains de Pompéi. Je ne sais toujours pas pourquoi on serre les fesses quand le ballon s'approche des buts.</p> | <p>forde o Todo-Poderoso! Ah! Eis que Maldini regressa à defesa, as suas pernas parecem tricotar o relvado.</p> <p>Pulo do canapé e simulo um violento remate diante da televisão. Ai, a mesa! Desejaria correr com a bola, ajudar Maldini a recuperá-la, escoltá-lo, permitir-lhe percorrer metade do terreno para a enfiar nas redes da baliza adversária. Mas o meu remate apenas serviu para entornar na carpete o chá já esfriado. Nesse preciso momento, imagino os italianos tensos, rígidos como fósseis humanos de Pompeia. Continuo sem saber porque sentimos este aperto no traseiro quando o esférico se aproxima das balizas.</p> |
|--|--|

3.2 Recepção

Às vezes, para ser notado ou compreendido pela grande mídia e pelos o que ocupam uma posição de poder, é preciso recorrer ao seu vocabulário, aos seus costumes, aos seus mitos e aos seus heróis para que ele possa se interessar em ouvir o que o não-ocidental tem a dizer. De fato, os países europeus e os Estados Unidos ocupam uma posição de destaque que não tange somente o campo econômico, mas o midiático e o cultural também como consequência dessa tendência mundial, todos os outros povos que não correspondem a esses critérios de uma maneira automática e natural, precisam despender esforços para se assimilarem aos que detêm o lugar de prestígio. É difícil imaginar uma situação em que um italiano se interessaria naturalmente por uma música nepalesa tanto quanto um egípcio se interessaria por uma peça de teatro francesa, pois passa por um filtro chamado “prestígio”.

De alguma forma, o lugar de destaque de uma potência ocidental retém a atenção do público mais facilmente do que um país exótico e de terceiro mundo atrairia. Portanto, Fatou Diome pode ter usurpado dos ideais ocidentais a fim de falar com ele diretamente e ser entendida. Aqui já temos o caso de uma tradução do colonizado para o serviço do colonizador, ou, em termos modernos, do não-ocidental para o ocidental.

A recepção das obras de Fatou Diome se deu de maneira significativa na França por ser o país de onde ela escreve, além disso, como dito anteriormente, a obra foi traduzida em outros idiomas, tais como o inglês, italiano, espanhol, português e alemão. A mídia ajudou para a difusão do nome da autora graças à forma como ela se expressou diante dos apresentadores de televisão. O vídeo²⁸ no qual ela fala da condição dos imigrantes foi tão compartilhado que fizeram a tradução da entrevista em outras línguas.

O efeito de seu discurso nos livros e nas entrevistas produziu nos leitores o desejo de desbravar esse universo pouco conhecido dos imigrantes senegaleses (por extensão, dos imigrantes africanos) e a medida que se lê as outras obras de Diome, constrói-se uma visão panorâmica da situação dessas pessoas e de seus relatos, bem como a perspectiva de certos europeus em relação aos africanos nas décadas de 70 a 80, em especial no livro *La Préférence Nationale*, pois a imagem pejorativa dos africanos é tratada. Vejamos um trecho de uma conversa entre uma estudante africana a procura de trabalho:

– Ah, eu não estava enganada, o seu pequeno sotaque no telefone, eu percebi que você era africana, que bonitinho!
 Eu começava a desconfiar. Essas mulheres simpáticas, quando elas dizem *que bonitinho* com esse tom anasalado, deve-se entender isso como: *que horroroso*.
 Diante do meu silêncio, ela balançou a cabeça para mim de um jeito estúpido:
 – Você entender bem senhora? (*LPN*: 64, tradução minha)²⁹.

O mesmo tipo de desdém ocorre no livro *LVDLA*, quando o jogador de futebol Moussa não consegue produzir o resultado esperado pelo treinador francês que o levou para a França com o propósito de fazê-lo jogar pela sua equipe e os próprios companheiros de time o ridicularizam chamando o de macaco e de comedor de banana. A exposição do racismo é um elemento bem presente nas obras de Diome, pois ele simboliza o mesmo fundamento utilizado pelos colonizadores europeus para defender a empreitada europeia no continente africano. Provavelmente, os leitores que adquiriram a obra no site da *Amazon* puderam perceber as dificuldades desses indivíduos que veem a Europa como uma terra prospera para um novo recomeço, mas que acabam sendo confrontados pelo racismo, o preconceito, a falta de emprego ou os considerados “empregos ingratos”.

²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BJI9eJYZ9TE>>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

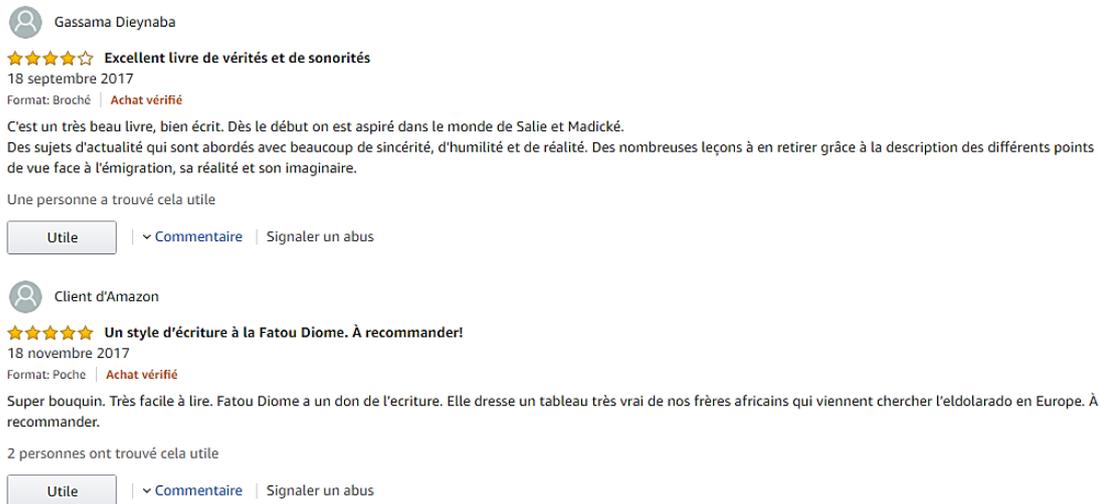
²⁹ – Ah, je ne m'étais pas trompée, à ton petit accent au téléphone, j'ai compris que tu étais africaine, mais c'est mignon !
 Je commençais à me méfier. Ces bonnes femmes-là, quand elles disent *c'est mignon* avec ce ton nasillard, il faut comprendre : *c'est affreux*.
 Devant mon silence, elle m'allongea en balançant la tête d'un air niais :
 – Toi y en a bien comprendre madame ? (*La Préférence Nationale*, 2001, p 64).

Se analisarmos o sítio de vendas *Amazon*, constatamos que, de maneira geral, as obras são bem avaliadas, pois os leitores têm a possibilidade de atribuir uma nota, e, geralmente, os leitores atribuem a nota máxima ou uma boa nota.

No que se refere aos leitores do português europeu, não vimos nenhum comentário sobre a recepção da obra no sítio da *Amazon*, por essa razão não haverá a percepção dos leitores do português europeu, pois trata-se de uma obra que ainda não obteve destaque no espaço literário das traduções em Portugal.

No que diz respeito aos leitores de língua francesa, visto que usamos o sítio *Amazon* francês, observamos a maneira como eles avaliam a obra de Fatou Diome. Vejamos dois tipos de comentários que achamos no site francês:

Figura 3 – Comentários de leitores de língua francesa no site da Amazon



Fonte: https://www.amazon.com/ventre-LAtlantique-French-Fatou-Diome/dp/225310907X/ref=sr_1_1?crd=24WZGRM6D1XPQ&keywords=le+ventre+de+l+atlantique%2C+fatu+u+diome&qid=1583261458&s=books&prefix=le+ventre+de+l%2Cstripbooks-intl-ship%2C355&sr=1-1.

A diáspora africana na Europa é um fato real e suscita em algumas classes da sociedade francesa certo desconforto, sobretudo nas camadas mais conservadoras do povo francês. Jean-Philippe Dedieu (2018) afirma que a quantidade de imigrantes oriundos da África francófona representa um ponto sensível nos debates, pois a França tem dificuldade em reconhecer a sua parte de responsabilidade no fenômeno migratório africano na França.

A França é um país cuja situação migratória está constantemente em pauta, sem contar que uma parcela significativa da população francesa possui ancestrais vindos de toda sorte de lugares, tais como Magreb, China, África Subsaariana, Europa do leste, etc. Segundo

o INSEE³⁰ (Institut National de la Statistique et des Études Économiques) o número de imigrantes morando na França hoje corresponde a quase 10% da população total, em números, existem 6,5 milhões de imigrantes na França. A maioria deles (46,1%) nasceu na África.

No que tange especificamente a obra LVDLA, a editora francesa *Le Livre de Poche* traz em seu site uma pequena descrição pedagógica do que o leitor encontrará na obra, bem como informações suplementares para que a leitura possa ser regida por um fio condutor, uma consciência literária.

O ventre do Atlântico se inscreve na linhagem das primeiras novelas de Fatou Diome publicadas na coletânea *La préfecture africaine* (2001). Narrativas curtas, incisivas que pintam de maneira penetrante sua condição de jovem estudante senegalesa em Estrasburgo. A narração em primeira pessoa e o entusiasmo satírico se prolongarão em *O Ventre do Atlântico*, rica de uma dupla perspectiva (a França vista da África e vice-versa) e de uma grande diversidade de tons. O autor reivindica a dimensão fortemente autobiográfica dessas duas primeiras obras³¹

Lançando um olhar mais atento à obra LVDLA, vemos o aspecto híbrido de sua escrita, visto que há de fato uma tendência na maneira em que a narrativa se transcorre privilegiando um estilo mais oral, consoante a forte tradição oral africana que se transmite por gerações através de uma expressão verbal artística bem presente e de mecanismos imateriais de preservação na cultura como a dança, a música, os sinais de fumo e o tambor sendo alguns exemplos. No que diz respeito estritamente à oralidade, destacam-se os mitos, as lendas, as histórias de família, a religião, a ciência, a filosofia e as tradições, visto que, é importante salientar, certos povos e etnias ainda são ágrafas, como é o caso da língua Changana de Moçambique ou o Ngendelengo em Angola.

3.3 Crítica

No que se refere à crítica, vê-se na contracapa da versão portuguesa o comentário de um colunista do jornal satírico *Le Canard Enchaîné*, Frédéric Pagès: “Neste romance forte, de escrita ampla e encapelada, Fatou Diome confirma o grande talento”. Lidas as críticas feitas a

³⁰ Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/3633212>. Acesso: 16 de janeiro de 2020.

³¹ *Le Ventre de l'Atlantique* s'inscrit dans la lignée des premières nouvelles de Fatou Diome, publiées dans le recueil *La Préfecture africaine* (2001). Des récits courts, incisifs, qui peignent au vitriol sa condition de jeune étudiante sénégalaise à Strasbourg. La narration à la première personne et la verve satirique trouveront des prolongements dans *Le Ventre de l'Atlantique*, enrichi d'une double perspective (la France vue de l'Afrique et vice-versa) et d'une grande diversité de tons. L'auteur revendique la dimension fortement autobiographique de ces deux premières oeuvres.

respeito da obra, vemos uma valorização de uma literatura vista como uma lição sobre imigração. Fatou Diome é aclamada por muitos como uma figura de liderança na temática migratória europeia nas mídias e sua obra seria uma espécie de livro base para relatar todo o processo pelo qual passam os inúmeros imigrantes do continente africano.

No entanto, é preciso dizer que Fatou Diome também suscitou a ira de alguns ao expor o tipo de tratamento que os franceses têm com os imigrantes, sobretudo, no que diz respeito à maneira como os europeus tratam/trataram a África. O site Agoravox³² acusa a escritora de ingratidão para com a França que a acolheu “generosamente” segundo a matéria.

Figura 4 - Artigo de jornal virtual sobre a presença de Fatou Diome na mídia francesa

The image shows a screenshot of a virtual newspaper article. The title is "L'ingratitude de Fatou Diome envers la France qui l'a accueillie". Below the title, it says "par Enquête&Débat (son site) jeudi 30 avril 2015". There are four boxes showing engagement metrics: "Réactions" with 53, "Tweeter" with a Twitter icon, "Curtir" with 3 and a thumbs-up icon, and "Favoris" with 0 and a heart icon. Below these is a "Partager" button. At the bottom right of the article preview is a "Signaler cet article" button. The main text of the article is: "Nous l'avions déjà constaté avec Abd Al Malik, des immigrés d'origine africaine que la France a généreusement accueillis nourrissent souvent une haine incommensurable envers notre pays, au point de cracher sur notre histoire, notre culture, notre identité, tout en étant invités partout dans les médias de masse. Sur le plateau de Ce soir ou jamais, Fatou Diome vient de le démontrer à son tour, en insultant copieusement la France, et en menaçant ouvertement les Français qui ne pensent pas comme elle."

Para muitos leitores, o texto evoca certa poesia apesar dos relatos trágicos daqueles que tentaram a travessia cheios de sonhos e constataram que a realidade era mais cruel ou tão cruel quanto a de seu país de origem. A França não é o El Dorado que tanto se prega e, mesmo se tentassem, ninguém ouviria o discurso oposto segundo o qual a França não está de portas abertas e que aos imigrantes, apenas restam as tarefas mais ingratas até mesmo no país de origem.

A obra *LVDLA* também recebeu em 2003 o prêmio *Prix des Hémisphères Chantal Lapicque*, cujo propósito é “apoiar e promover o brilho e o uso da língua francesa no mundo”.

³² Agora Vox. L'ingratitude de Fatou Diome envers la France qui l'a accueillie. Disponível em <<https://www.agoravox.tv/tribune-libre/article/l-ingratitude-de-fatou-diome-49709>> acesso em 15 de fevereiro de 2020.

Ele propõe ao público francês obras que se referem a personagens ou situações encontradas fora da França metropolitana. Em outubro de 2005, Fatou Diome recebeu por LVDLA o prêmio *LiBeraturpreis*. Esse prêmio literário, acompanhado de três mil euros e de um convite para a Feira do livro de Frankfurt, é entregue todos anos por um comitê de leitoras para uma escritora oriunda da África, da Ásia ou da América Latina.

3.4 Paratextos e visão geral sobre a tradução portuguesa

Como vimos no ponto 2.7, o sistema literário português recebeu grande influência do sistema literário francês e isso se deu em grande medida pela influência francesa no continente europeu sobre outras literaturas, inclusive a portuguesa. De acordo com a teoria de polissistemas de Even-Zohar, testemunhamos a posição periférica de Portugal no continente europeu em comparação as literaturas inglesa e francesa, por exemplo. Contudo, segundo Gilberto Mendonça Teles (2002) é preciso reconhecer que Portugal exerceu grande influência sobre as literaturas de suas ex-colônias, inclusive a brasileira, mas, desde a independência, o Brasil teve a sua própria experiência cultural e seus autores, de Alencar e Machado de Assis, a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, na ficção; de Gonçalves Dias e Castro Alves a Carlos Drummond de Andrade e João Cabral, na poesia; além de nomes importantes no teatro, na crítica e na história literária que têm contribuído, à sua maneira, para o prestígio da língua portuguesa no mundo.

O livro LVDLA foi traduzido do francês por Carlos Correia Monteiro de Oliveira e publicado pelo editorial Bizâncio³³ em maio de 2004, sendo assim a primeira edição e tradução da obra para a língua portuguesa. A Bizâncio nasceu em 1997 e é uma editora de pequeno porte. A editora publica costumeiramente obras das mais variadas áreas do conhecimento e, particularmente, busca promover a cultura. A obra *O Ventre do Atlântico* (em português europeu) faz parte de uma coleção intitulada Montanha Mágica que reagrupa vários romances estrangeiros traduzidos em português europeu, em especial, escritores de língua inglesa, espanhola e francesa.

Houve tentativas de estabelecer contato com a editora Bizâncio, porém não foi obtido sucesso em ter acesso a informações como a perspectiva da empresa quanto às obras que merecem ser traduzidas e destacadas, nem como a editora elege essas obras estrangeiras.

³³ Disponível em: <<https://editorial-bizancio.pt/wp/category/colecoes/montanha-magica/page/2/>>

Contudo, é interessante observar que o tradutor português optou por não usar notas, assim como a autora, e isso pode ter sido utilizado para mostrar a falta de preocupação em relação ao leitor, contudo, talvez considerando que as lacunas do texto têm seu significado exatamente baseado na sua não compreensão. Segundo Gérard Genette, “muitas notas são dirigidas a certos leitores” (1997, p. 38). No caso desses textos, no entanto, espera-se que os leitores percebam as lacunas do texto. Tymoczko (1999) define os “comentários paratextuais” como uma das diferenças entre as possibilidades da literatura pós-colonial e da tradução:

Sob a forma de apresentações, notas de rodapé, ensaios críticos, glossários, mapas e afins, o tradutor pode inserir o texto traduzido em uma casca que fornece explicações necessárias para a parte cultural e para o contexto literário para o público receptor e que atua como um comentário simultâneo sobre a obra traduzida. Assim, o tradutor pode manipular em mais de um nível textual simultaneamente, para codificar e explicar o texto de origem (TYMOCZKO, 1999, p. 22).³⁴

No estudo dos paratextos, o interesse se concentra na análise dos elementos que circundam a obra em termos verbais ou visuais. Segundo Marie-Hélène Torres (2014), os paratextos são úteis para o tradutor que se propõe a traduzir a obra, mas os mesmos elementos do texto também guiam o leitor comum na sua leitura e compreensão do todo. Os paratextos são a moldura da obra e garantem uma preparação para o leitor do que está por vir, isso pode se dar pelos textos de acompanhamento, as capas, as contracapas, o prefácio e o posfácio, etc.

Quando se reflete sobre tradução, compreende-se que a obra traduzida é um híbrido cultural. O processo tradutório necessita de uma espécie de selo que legitime por razões que justifiquem a transmissão de/e para uma língua estranha. Essas razões têm a função de realçar e, simultaneamente, de atenuar a angústia do leitor diante dessa estranheza. O texto de acompanhamento intensifica e reduz em um único movimento o aspecto bizarro do texto traduzido. Portanto, são necessários pontos de referência na obra para que não somente o leitor leigo seja conduzido, mas também o crítico, ao longo do seu desbravar literário.

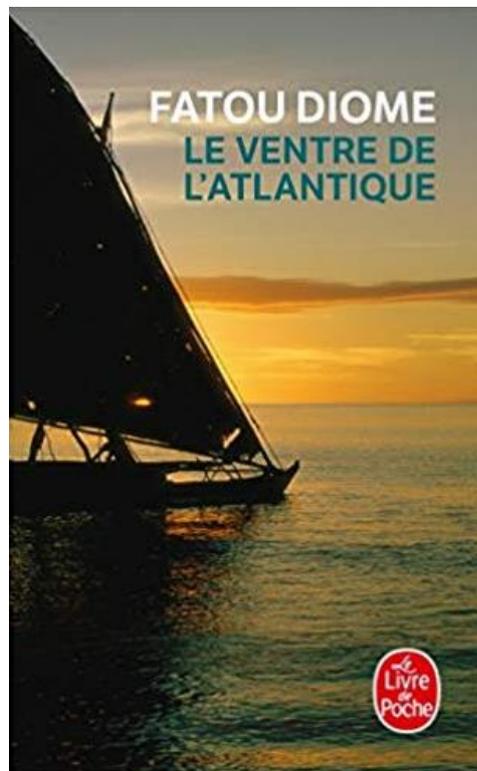
No que diz respeito à similaridade entre as línguas francesa e portuguesa, temos como fato a mesma origem latina, vê-se na leitura de *Traduzir o Brasil Literário* a dificuldade na transferência da passagem de um texto para outro contexto cultural, e não apenas pelas adversidades inerentes ao trabalho de tradução, mas pelas sutilezas que tanto a língua francesa como a portuguesa carregam consigo.

³⁴ In the form of introductions, footnotes, critical essays, glossaries, maps, and the like, the translator can embed the translated text in a shell that explains necessary cultural and literary background for the receiving audience and that acts as a running commentary on the translated work. Thus, the translator can manipulate more than one textual level simultaneously, in order to encode and explain the source text.

Quando tratamos dos paratextos da obra original, bem como a da traduzida, são notórias as inferências ao universo do litoral em suas respectivas capas. Em ambas, vê-se o deslocamento, quer seja por barco ou a pé, como o ponto central de sua mensagem. Deslocamento que expressa não somente o caminho do imigrante de um lugar para o outro, mas de igual modo o processo pelo qual o tradutor passa no trabalho tradutório.

A passagem diante de um cenário marítimo, tal como o mar, o oceano, a jangada senegalesa, a piroga, os pés negros caminhando sobre a areia da praia. Observadas as passagens da obra com mais minúcia, o leitor se sente conduzido desde os paratextos da obra por um sentimento de deslocamento ou de movimentação como um nômade em seu caminhar.

Figura 6 - Le ventre de l'Atlantique (Le livre de poche, 2005)

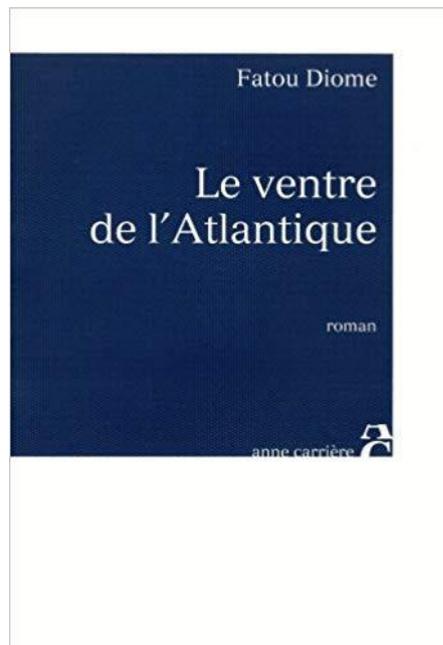


Fonte: <<https://www.livredepoche.com/livre/le-ventre-de-latlantique-9782253109075>>

A capa da versão em francês da editora *Le Livre de Poche* publicada em 2014 não dispõe de informações sobre a autora, não há orelhas e tudo o que temos é uma nota de agradecimento na segunda página e uma dedicatória na terceira. No dorso temos um breve resumo da narrativa em letras pretas, acima temos o nome da autora em verde e em fonte maior e entre o resumo e o nome da autora, vemos o título da obra em laranja. (ver anexo C).

A partir de uma análise morfológica objetiva, podemos averiguar uma simplicidade na maneira como o livro foi composto. É possível dizer que as poucas explicações da autora no corpo do texto, as poucas notas de rodapé e falta de orelhas no livro apontam para uma escassez de elementos em quantidade suficiente para fazermos uma análise mais detalhada e laboriosa sobre os paratextos, pois na versão *Le Livre de Poche*, a editora não fornece ao leitor elementos suplementares para expandir a visão do leitor da obra.

Figura 7 - Capa da primeira edição (editora Anne Carrière, 2003)



Fonte: http://aflit.arts.uwa.edu.au/reviewfr_diome09.html

A primeira capa da obra de Fatou Diome pela editora *Anne Carrière* mostra menos informações do que a versão de bolso que usamos como referência. Na capa de fundo branco com um quadrado azul sobreposto lê-se apenas o nome da autora no canto superior direito do quadrado azul, no centro a direita, lê-se o nome da obra e no canto inferior direito do mesmo quadrado azul, vemos o nome da editora *Anne Carrière*. A capa da primeira edição da obra não contempla o imaginário da obra e é essencialmente bem simples.

3.5 Análise morfológica de edições estrangeiras de *Le Ventre de l'Atlantique*

Nas próximas seções vamos explorar a capa de outras traduções da obra para outras línguas a fim de investigar se de fato há algum fio condutor na decisão tomada pelas editoras

na escolha da representação do universo literário de Fatou Diome em *O Ventre do Atlântico*. Vejamos a seguir as capas das traduções portuguesa, inglesa, alemã e espanhola.

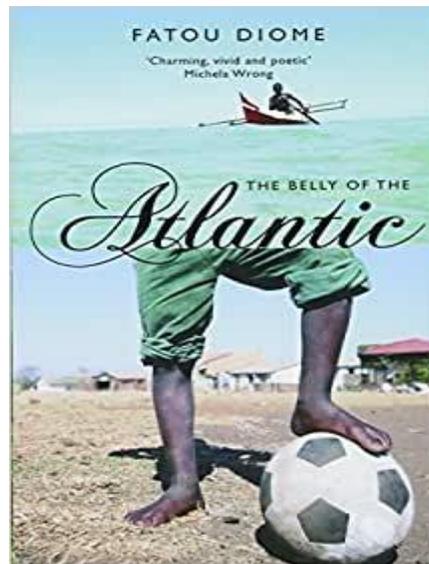
Figura 8 - Capa da versão portuguesa (Editora Bizâncio, 2004)



Fonte: <https://www.mulherportuguesa.com/lazer/sugestao-de-leitura/o-ventre-do-atlantico/>

A capa da versão portuguesa coloca em destaque a caminhada de um senegalês sobre a areia da praia, vê-se pegadas profundas. Há na primeira orelha do livro, uma pequena biografia da escritora franco-senegalesa, e notas de agradecimento e de dedicatória como na versão original em francês, no dorso consta o nome da escritora e o título, nas mesmas cores que na capa, e o símbolo da editora *Bizâncio* (ver anexo D). Observando a obra em mais detalhes, percebemos uma ausência de explicações tanto no original quanto na obra traduzida para o português europeu devido à falta de notas de rodapé, ainda que tenhamos vários momentos no texto onde a autora escreve em sua língua materna e em árabe usando o alfabeto latino como se considerasse desnecessário esclarecer algo, curiosamente o tradutor português seguiu o mesmo caminho de Fatou Diome.

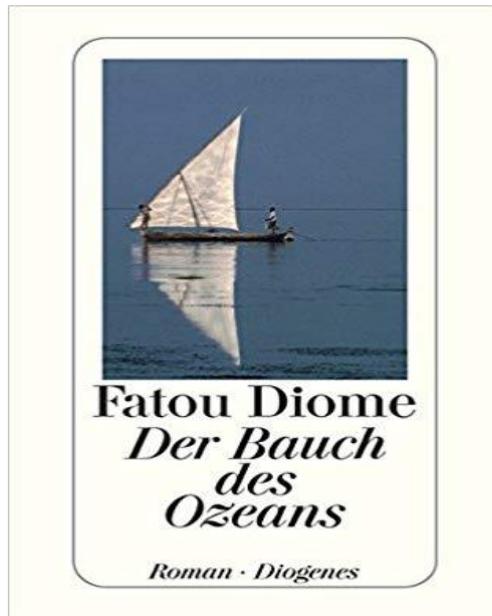
Figura 9 - Capa da obra traduzida para o inglês britânico (Serpent's Tail, 2008)



Fonte : <https://www.waterstones.com/book/the-belly-of-the-atlantic/fatou-diome/ros-schwartz/9781852429034>

A capa da versão britânica explora dois pontos centrais na obra: a jangada senegalesa (*piroque*) e o futebol. Dividida pela metade, a parte superior da capa azul destaca o jovem em uma *piroque* cercado pela imensidão azul do céu e do mar que se confundem e se impõem sobre o rapaz que parece tão pequeno. Na metade inferior da capa, temos a imagem de duas pernas, uma sobre a bola e a outra apoiada ao chão. Esse esporte (que é fonte de muitos sonhos dos habitantes da ilha) suscita o nosso interesse justamente porque no decorrer da história observa-se o aspecto quase sagrado que ele ocupa no imaginário coletivo, pois é por meio de tal prática desportiva que muitos almejam conquistar o seu espaço na comunidade da ilha de Niodior para em seguida chamarem a atenção dos holofotes europeus e assim reverter o quadro de pobreza comum para muitos dos seus conterrâneos.

Figura 10 - Capa da versão suíço-alemã (Diogenes Verlag AG, 2006)



Fonte: <https://www.diogenes.ch/leser/titel/fatou-diome/der-bauch-des-ozeans-9783257235210.html>

A versão suíço-alemã aposta no mesmo ponto de referência da versão da editora francesa *Le Livre de Poche*, pois ela coloca em destaque a jangada, mais precisamente, a *piroga*, o barco tradicional usado para pesca no Senegal e em muitos lugares da África, como o elemento central da narrativa. Ao redor da piroga, a imensidão do oceano e a escuridão da noite face à pequenez do pescador. Poderíamos supor que os dois elementos reforçam o sentimento de solidão e a melancolia vivida pelas personagens ao longo do romance. No site da editora suíço-alemã, existe uma descrição do romance, bem como algumas críticas positivas sobre a obra classificando-a como uma “literatura mundial” ou destacam a autora como alguém que traz com muito amor o universo de um lugar muito pouco conhecido para os leitores de língua alemã.

3.6 O léxico de emigração e imigração

Ao tratarmos da questão lexical da obra de nosso estudo, somos rapidamente confrontados pela temática e o léxico que ela carrega em seu corpus, o qual se refere, sobretudo, à ideia de movimento, traslado, imigração permeia toda a obra. O ritmo da narrativa é conduzido por uma voz que parece próxima ao leitor, pois o estilo de escrita se assemelha ao de alguém que conta o que torna o romance relativamente fácil de ler. Além

disso, a obra é repleta de histórias de vida, relatos de pescadores, de imigrantes, provérbios, mitos locais e folclore. Na cultura popular africana, é comum a transmissão de conhecimento oralmente: provérbios, sabedoria popular, histórias de família, lendas, mitos e a religião.

As questões relacionadas ao tema da e/imigração estão presentes na escolha lexical dos trechos destacados abaixo ainda que a autora não esteja narrando situações propriamente de traslado físico. O capítulo 1, por exemplo, já aborda a temática da emigração. Ele narra o caminho de Salie que trocou a vida africana: “Em África, seguia o trilho do destino, feito de acaso e de uma esperança infinita”³⁵ pela realidade europeia: “na Europa, marcho no longo túnel da performance que conduz a objetivos bem definidos”³⁶.

Outra questão que atua como índice do contexto de emigração/imigração é a expectativa dos que familiares que ficaram na terra natal. É importante que a tradução tente se ater às ocorrências de significado dessas palavras, porque elas constroem um fio geral, um corte geral dessas narrativas que está ligado à busca pelo sucesso, aos sonhos, à falta, ao esvaziamento da vida.

| Le ventre de l’Atlantique | O Ventre do Atlântico |
|---|---|
| <p>Alors dans le gris ou sous um soleil inattendu, j’avance sous le ciel d’Europe em comptant mes pas et les petits mètres de rêve franchis. Mais combien de kilomètres, de journées de labeur, de nuits d’insomnie me séparent encore d’une hypothétique réussite qui , pourtant, va tellement de soi pour les miens, dès l’instant que je leur ai annoncé mon départ pour la France? j’avance, les pas lourds de leurs rêves. La tête remplie des miens. J’avance, et ne connais pas ma destination. J’ignore également les grandes eaux capables de laver l’affront de l’échec.</p> | <p>Então, ora sob o cinzento das nuvens ora sob o sol inesperado, avanço sob o céu europeu, contando os meus passos e os pequenos metros de sonho já percorridos. Mas, desde que anunciei aos meus familiares a minha ida para França, quantos quilômetros, quantas jornadas de labor, quantas noites de insônia me separam ainda de um hipotético sucesso? Avanço, passos que carregam o peso dos sonhos que carregam o peso dos sonhos deles com a cabeça repleta dos meus. Avanço e não conheço o meu destino. Não sei em que mastro se içe a bandeira da vitória, como não sei quais as águas insignes capazes de lavar a afronta do falhanço.</p> |

³⁵ (DIOME, 2004, p 13)

³⁶ (DIOME, 2004, p 13)

3.7 Comentário sobre a tradução portuguesa de *Le Ventre de l'Atlantique*

Nos Estudos da Tradução encontramos a possibilidade de associar a prática tradutória com a teorização desse processo. É nos estudos descritivos da tradução que uma obra encontra caminhos para a análise da tradução dentro de um sistema literário de traduções que permite o diálogo entre diversas partes que compõem esse sistema.

Adotei a disposição do texto original e do texto traduzido sempre em colunas lado a lado, o que permite a visualização mais clara das partes correspondentes dentro do texto, e, assim, também proporciona uma análise das decisões tomadas pelo tradutor português.

No que diz respeito ao aspecto macroestrutural, selecionamos algumas passagens para análise a fim de expor a perspectiva do tradutor português diante do texto original em francês. Nesse primeiro momento, vamos tratar inicialmente de uma passagem que se encontra no primeiro capítulo da obra, nesta parte a protagonista começa a narração de sua própria história a partir de uma partida de futebol que os habitantes de sua ilha assistem com tanta atenção apesar de não ser o Senegal que estava jogando, mas Itália e Países Baixos. Neste primeiro capítulo, estão os primeiros relatos da protagonista Salie e eles têm uma ligação direta com a própria vida da escritora, especialmente com as lembranças que ela tinha dos seus conterrâneos animados e ansiosos a cada partida de futebol diante da única televisão velha da aldeia.

O tradutor do português europeu manteve a tradução literal da passagem, pois a melhor leitura que se faz do texto é relacionada às suas memórias reais ou psicológicas da infância. No texto, uma voz tenta imaginar a efusão das pessoas que assistem à partida. Apesar de sabermos que esse exercício é inútil nas possibilidades do mundo real, na mente de uma protagonista possivelmente nostálgica isso é algo possível. Assim, na visão da protagonista Salie, a partida de futebol transmitida pela televisão na França a leva (até o momento não sabemos o seu nome) por meio de um devaneio da mente à pequena ilha de Niodior. Essa viagem ou devaneio torna-se o ponto de partida para explicar como ela chegou até a França:

| Le ventre de l'Atlantique | O ventre do Atlântico |
|--|---|
| Là-bas donc, au bout du monde, je devine un jeune homme trépigant, sur une natte ou un banc archaïque, devant une vieille télévision | Portanto, lá longe, no outro extremo do mundo, adivinho um jovem batendo impacientemente os pés, sentado numa esteira |

| | |
|---|---|
| <p>qui, malgré son grésillement, focalise autour d'elle autant de public qu'une salle de cinéma. Généreux, le propriétaire de l'unique télévision du quartier l'installe dans sa cour où tous les voisins affluent sans prévenir.</p> | <p>ou num banco arcaico diante do velho aparelho que, apesar de crepitar, focaliza à sua volta tanto público quanto uma sala de cinema. Generoso, o proprietário do único televisor do quarteirão instala-o no seu pátio para onde todos os vizinhos afluem sem prevenir.</p> |
|---|---|

Como nos outros capítulos analisados, neste não se sabe a idade exata da protagonista, mas entende-se que é uma mulher adulta dotada de uma reflexão interessante do seu passado, bem como de seu presente. Além de Salie e de sua percepção refinada e pontual da realidade, temos a imagem de seu antigo professor da época de escola, o senhor Ndétare que também tenta atuar como alguém elucidado sobre a realidade. Contudo, essa personagem somente aparecerá no fim do capítulo 4 e seu papel é fundamental não apenas na compreensão da dinâmica da história, mas também para conhecer a formação e a visão de Salie.

Ao mesmo tempo em que se percebe uma breve apresentação de personagens secundários, a protagonista continua sem um nome próprio atribuído a ela e sem uma idade exata, sabe-se apenas que seu nome significa dignidade: “serás eternamente uma estrangeira nesta aldeia, como eu, e não poderás lutar sempre que troçarem do teu nome. Aliás, tens um nome muito bonito, que significa dignidade; portanto sê digna e para com essas alterações.” (DIOME, 2004, p. 63-64).

A falta de informações mais precisas sobre a identidade da personagem principal corrobora com a ideia de que Fatou Diome se inspirou em sua própria história e em memórias distorcidas dessa fase. A realidade é concreta dentro da criação do autor, mas o real empírico é referência para a criação, que no caso de Diome a base é sua própria experiência de vida. Provavelmente, essa associação do real empírico com a realidade da criação se dará também no leitor e no tradutor enquanto leitor. É possível usar as próprias experiências reais também como parâmetro para a compreensão da indagação da personagem principal.

Ainda com relação a aspectos da análise macroestrutural, a obra é predominantemente composta de narrativas, mas há vários diálogos em discurso direto que se referem a reproduções de falas entre Salie e seu irmão Madické sendo as principais

Tanto na língua francesa quanto na língua portuguesa a reprodução de discursos se dá da mesma forma, como um verbo introdutor, dito pelo narrador e seguido pela reprodução total da fala da personagem. A mudança dessa estrutura seria desnecessária, portanto. A

estrutura e estética da reprodução dessas falas são quase totalmente mantidas, como segue no exemplo:

| Le ventre de l'Atlantique | O Ventre do Atlântico |
|--|--|
| <p>Impatient, il trompait l'ennui en alimentant le feu de bois et s'émerveillait devant la danse des flammes jusqu'à ce qu'une voix, faussement autoritaire, lui parvienne.</p> <p>-Hé, arrête, Madické, quel brasier, tu me fais là ! tu vas me brûler le dîner.</p> | <p>Impaciente, iludia o tédio alimentando o fogo com madeira e maravilhando-se com a dança das chamas até ouvir a voz, falsamente autoritária:</p> <p>- Eh, pára, Madické ! que braseiro que estás para aí a fazer ! Ainda me queimas o jantar!</p> |

As línguas francesa e portuguesa possuem estruturas semelhantes para tais reproduções. Ambos os trechos introduzem as falas por meio de um verbo de elocução (verbos destacados na tabela), que anuncia o discurso. O tradutor português optou por alterar um pouco a reprodução das falas retirando o objeto direto da primeira frase.

Quanto aos aspectos microestruturais, ainda sobre o exemplo acima, vemos o uso do gerúndio no lugar do *imparfait*. No trecho lemos a tradução de “s'émerveillait” para “maravilhando-se”. É muito comum ver na tradução, a preferência da tradução do tempo verbal *futur proche* (tu vas me brûler, no caso), pelo presente do indicativo (me queimas). Apesar de existir o uso do verbo ir conjugado no presente seguido de um verbo no infinitivo tal como a conjugação do *futur proche*, a tradução portuguesa opta pelo uso do presente do indicativo. À essa análise, sobretudo, gramatical da reprodução de falas das personagens, soma-se a necessidade de manter as marcas de oralidade, o que implica em determinadas vezes a necessidade do tradutor de adaptar uma fala comum e provável no texto-original para uma tradução que possua verossimilhança com a fala real do público-alvo. O diálogo não pode parecer estranho ao leitor. Em uma reprodução escrita de uma fala, a descrição da cena é importante para que a verossimilhança seja alcançada, o que é sabiamente feito pelo tradutor português nas frases que circundam as referências às falas presentes no texto. As marcas de oralidade são entendidas por Britto (2012, p. 87) como meios para manter a verossimilhança com o original, que no caso de uma narração de uma fala seria uma fictícia cena da reprodução da fala.

No capítulo 3 do livro, Salie é encarregada de contar os detalhes dos jogos de futebol que o seu irmão tinha vontade de ver, mas que não podia por não ter uma televisão ou por outro impedimento. Em geral, as ligações de Madické no Senegal para a sua irmã na França

eram apenas para saber do placar o que custava caro ao bolso de Salie. Nessa passagem, retirei um caso em francês (entre tantos) de uma locução verbal composta por vários verbos, e que na tradução para o português é incorreta se traduzida literalmente. O tradutor português substitui a expressão pelo seu equivalente em português o que resultou na redução do número de verbos:

| Le ventre de l'Atlantique | O ventre do Atlântico |
|--|---|
| - Si tu m'avais laissé te dire em même temps, les tirs des joueurs hollandais, tu l'aurais déjà su , mais tu es tellement impatient que... | - Se me tivesses deixado contar ao mesmo tempo os remates dos jogadores holandeses, já saberias , mas és tão impaciente que... |

Dessa forma, o sentido foi mantido, mas a redução do número de verbos tornou a tradução mais natural para o leitor do texto-alvo. Com a mesma intenção, o tradutor poderia ter substituído o “se me tivesses deixado” por “se me deixasses” para tornar a leitura da tradução mais familiar. Acredito que as escolhas verbais, geralmente, devem condizer com a realidade do público leitor do texto traduzido, mesmo que a tentativa da tradução seja manter a riqueza, especialmente léxica, do texto-fonte.

A infidelidade à letra é consequência da fidelidade ao sentido quando se prioriza este último, há uma consciência de que a primazia está com a língua-alvo, e se objetiva transmitir o real entendimento do que se está traduzindo. Essa submissão do texto-fonte, o texto estrangeiro, à língua de chegada é descrito por Berman (2013, p. 45).

No quarto capítulo, quando Salie começou a frequentar as aulas do professor Ndétare às escondidas, a autora retrata em mais detalhes a sua relação com a avó que era a responsável pela sua educação. Em um dado momento do capítulo, temos a narrativa sobre os primeiros cuidados da avó assim que Salie tinha acabado de nascer. Neste trecho em questão, lemos uma estrutura que é muito frequente no francês para expressar algo que pedimos para outra pessoa fazer e que em português usa-se outro verbo, vejamos o exemplo que retrata o nascimento de Salie:

| Le ventre de l'Atlantique | O ventre do Atlântico |
|--|--|
| Dans l'enclos, le souffle des cocotiers n'arrivait plus à sécher la sueur qui couvrait la jeune femme accroupie sur la cotonnade blanche. Ma grand-mère lui faisait boire , | Na cerca, o sopro dos coqueiros já não chegava para enxugar o suor que cobria a jovem acorçada sobre os tecidos de algodão branco. A minha avó obrigava-a a beber , |

| | |
|--|--|
| sans cesse, le bouillon de racines encore fumant. Un ciel borgne dardait l'Atlantique de son oeil rouge et lui intimait de livrer au monde le mystère niché dans son ventre. | sem descanso, o caldo de raízes ainda fumegante. Um céu vesgo dardejava o seu olho vermelho no Atlântico e intimava-o a entregar ao mundo o mistério anichado no seu ventre. |
|--|--|

O verbo destacado acima se traduz, na maior parte dos casos, pelo verbo “fazer” em português, porém, esse tipo de construção do verbo *faire* com outro verbo no infinitivo é caracterizado na gramática francesa como *le verbe faire causatif*, ou seja, é um verbo que expressa o ato de obrigar ou pedir a alguém para fazer algo, muitas vezes no seu lugar. O tradutor português, conhecendo bem essa nuance da língua francesa, traduziu “lui faisait boire” por “obrigava-a a beber”. Essa escolha levou em consideração uma preposição que desse sentido e naturalidade à simplificação da estrutura verbal feita na oração.

Ainda que a passagem retrate um momento intenso e adverso, o trecho reproduz um efeito quase poético descrevendo o parto de sua mãe com o vocabulário marítimo. Considero que esse recurso favorece o processo de hiperbolização do texto em situações como quando *o homem de Barbès* descreve Paris para os seus familiares (capítulo 5) ou quando certo habitante chamado Sédar decidiu cometer suicídio porque sua esterilidade foi revelada em praça pública pela sua sogra. Na cultura senegalesa, produzir descendentes é uma questão de honra (capítulo 6). A mulher de Sédar, Soutoura, decide procurar o marido na beira da praia. Segue o trecho em questão e sua tradução:

| Le ventre de l'Atlantique | O ventre do Atlântico |
|---|---|
| Lorsqu'elle arriva à la plage, elle vit les habits de son époux au bord de l'eau et se mit à hurler : | Quando chegou à praia, viu as roupas do marido à beira-mar e desatou a gritar: |
| -Sédar ! Sédar, mon amour, reviens-moi ! | -Sédar! Sédar, meu amor, volta para mim! |
| Un dauphin surgit de l'eau et lui dit : | Um golfinho surgiu da água e disse-lhe: |
| -Soutoura, ma chérie, la terre des hommes est étroite, seul l'Océan peut couvrir ma honte, trouve-toi un autre mari, tendre et bienveillant. J'ai quitté le règne des humains ; surtout, ne leur dis jamais ce que je suis devenu, je resterai leur ami et je viendrai | -Soutoura, minha querida, a terra dos homens é estreita, só o Oceano pode tapar a minha vergonha; encontra outro marido para ti , terno e benevolente. Deixei o reino dos homens; sobretudo, nunca lhes digas no que me tornei, continuarei amigo deles e virei |

| | |
|--|---|
| <p>rendre visite aux petits que tu engendras.</p> <p>Mais il faut savoir tisser le vent pour tresser une laisse aux mots. Afin d'être sûre de ne jamais trahir le secret de son mari bien-aimé, Soutoura se précipita immédiatement dans les flots. Comme Sédar, elle fut à son tour transformée en dauphin. Depuis, on voit les dauphins longer les côtes de Niodior, par deux ou accompagnés de leur petits. Ils sont restés amis des humains.</p> | <p>visitar os filhos que tiveres.</p> <p>Mas é preciso saber tecer o vento para entrançar uma trela às palavras. Para ter a certeza de nunca trair o segredo do seu esposo bem amado, Soutoura atirou-se imediatamente ao mar. Tal como o marido, foi transformada, por sua vez, em golfinho. Desde então os golfinhos passam ao longo das costas de Niodior, nadando aos pares, ou acompanhados pelos seus pequenos. Permaneceram amigos dos humanos</p> |
|--|---|

O que de fato chama atenção no trecho acima é o efeito fantástico da narrativa, além do fenômeno ou do imaginário das lendas locais. Como já abordado anteriormente, os povos africanos preservam ainda hoje a tradição oral e essa prática representa uma parte importante da cultura e da filosofia africanas. O tradutor português respeita bem esse princípio e percebe-se que poucas são as vezes em que ele altera algum elemento do texto. Normalmente, as intervenções que ele faz são majoritariamente a nível microtextual. As expressões demarcadas não foram traduzidas de forma literal, já que em português causaria estranhamento no leitor e até certa confusão.

O sentido é resultado da interpretação do tradutor enquanto leitor e nesse papel, as intenções do autor e a visão que o tradutor possui da obra original e do autor são filtradas pelo foco interpretativo do leitor, e a partir desse ponto se alcança com mais ou menos intensidade as intenções da autora. Dessa forma, o conhecimento sobre a vida de Fatou Diome, e principalmente sua experiência, seu círculo intelectual, sua relação com a literatura, e até mesmo o conhecimento de outras obras da autora ou do grupo literário com o qual se relaciona, induzirá o leitor a uma determinada interpretação que provavelmente não teria caso não conhecesse nada desses fatores que estão fora do texto, mas que o circundam. Até mesmo minhas experiências enquanto leitor, meus conhecimentos não apenas do sistema literário em questão, mas também minha visão de mundo acarretará em uma visão particular de certos elementos da obra. Todos esses fatores fazem parte do contexto sistêmico, e para a pesquisa, essas relações interessam e determinam certas interpretações e soluções para a análise da tradução da obra.

O conhecimento do tradutor sobre o texto, o autor e todos os fatores que se relacionam com a obra, além de suas próprias experiências e visões se juntam ao que o próprio autor explicita e induz em suas obras. Às vezes, as intenções do autor não ficam tão claras, pois o autor não é um ser soberano que reprime leituras que não estejam de acordo com sua ideia real. A obra literária possui uma liberdade interpretativa e isso reflete nas diferenças mais distantes que pode se observar em distintas traduções da mesma obra. Essa relação entre o autor, o texto e o leitor/tradutor é comentada por Rosemary Arrojo na obra *Oficina de Tradução – A teoria na Prática* (2007). E no seguinte trecho é sintetizado esse raciocínio:

O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção "original" do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. Isso não significa, absolutamente, que devemos ignorar ou desconsiderar o que sabemos a respeito de um autor e de seu universo quando lemos ou traduzimos um texto. Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e de suas intenções. (ARROJO, 2007, p. 41) .

A escolha lexical é um dos fatores microestruturais que vão de acordo com a interpretação e entendimento do autor. No texto, a palavra *thiéboudjène* aparece no texto em português com a mesma escrita afrancesada, pois a escrita original em Wolof é *Ceebu Jën*³⁷. Percebe-se a preocupação de Fatou em afrancesar a pronúncia do prato nacional senegalês constituído de arroz, peixe e legumes. O tradutor português não hesitou e manteve a mesma palavra no texto em português o que sugere uma influência francesa no português de Portugal, pois seria possível propor uma acomodação da palavra para a língua portuguesa de maneira que o leitor leria mais facilmente. Apesar do estranhamento ser algo positivo quando se traduz um texto literário em que se pretende deixar as características intrínsecas da autora original, em alguns casos a tradução literal causa um estranhamento:

| Le ventre de l'Atlantique | O Ventre do Atlântico |
|---|--|
| Sans nouvelles de Madické, la Coupe du Monde continuait et, avec ele, l'OPA sur le Sénégal. Alors, que les Sénégalais se contentaient de bonnes bouchées de | Sem notícias de Madické, o mundial continuava e, com ele, a OPA sobre o Senegal. Ao passo que os senegaleses se contentavam com generosas porções de |

³⁷Senegal Online. Recette du thiéboudienne. Disponível em: <<https://www.senegal-online.com/culture-au-senegal/cuisine-senegalaise/recette-thieboudienne/>>. Acesso em 12 fev. 2020.

| | |
|--|---|
| <i>thiéboudjène</i> et arrosaient leurs victoires successives d'un modeste jus de <i>bissap</i> , le coq trainait encore sa patte blessée, et les perroquets qui voulaient le consoler chantaient toujours faux. | <i>thiéboudjène</i> e celebravam as suas sucessivas vitórias com um modesto sumo de <i>bissap</i> , o galo ainda arrastava a sua pata ferida e os papagaios que desejavam consolá-lo prosseguiam o seu coro desafinado. |
|--|---|

O tradutor, antes de ser escritor é um leitor e apenas após decidir seu caminho, durante o processo de leitura, que se concretizará como escritor. Para a tradução da obra, o tradutor português entende a complexidade estrutural dos textos, enquanto leitor e as formas de interação dos vários níveis que compõem os textos. Para uma sistematização dos níveis percebidos e a utilização dessas percepções para a construção de uma análise da própria tradução, identificamos os caminhos pelos quais ele teve que seguir, dentro dos sistemas trabalhados, propondo um texto-alvo criativo, mas que não fugisse da essência percebida pela própria interpretação. Susan Bassnett descreve esse processo em um trecho da sua obra *Estudos da Tradução* (2003): 97

Assim, primeiro o tradutor lê/traduz na língua de partida e, depois, através de um processo adicional de decodificação, traduz o texto para a língua alvo. Ao fazê-lo, o tradutor vai mais longe do que um simples leitor do texto original, pois aborda o texto a partir de mais de um conjunto de sistemas. Parece, portanto, descabido argumentar que a tarefa do tradutor é traduzir, mas não interpretar, como se se tratasse de dois exercícios separados. A tradução interlinguística há de refletir seguramente a interpretação criativa que o tradutor faz do texto original. (BASSNETT, 2003, p. 135-136).

| Le ventre de l'Atlantique | O Ventre do Atlântico |
|--|---|
| Il n'y avait pas que les policiers qui trouvaient indigeste la joie des immigrés sénégalais. Certains journalistes préféraient en nier la légitimité. Opérant un hold-up sur les victoires sénégalaises, ils entendaient le chant du coq dans le rugissement du lion. Il est vrai que la majorité des Lions de la Téranga joue en France – et le Sénégal ne peut être que reconnaissant à l'égard de ceux qui leur ont | Não eram apenas os policiais a acharem indigesta a alegria dos imigrantes senegaleses. Alguns jornalistas preferiam negar a sua legitimidade. Partindo ao assalto das vitórias senegalesas ouviam o canto do galo no rugido do leão. É verdade que a maioria dos Leões de Téranga joga em França – e o Senegal só pode estar reconhecido para com aqueles que lhes permitiram afinar os seus talentos – mas |

| | |
|---|--|
| <p>permis d'affiner leurs talents –mais est-ce une raison suffisante pour les traiter de Sénégalais, de Bleus bis, et spolier leur patrie des lauriers acquis sous la bannière ? a-t-on déjà vu un professeur s'attribuer le diplôme de son élève ?</p> | <p>será razão suficiente para os tratar de <<senegaleses>>, <<Azuis-bis>>, e espoliar a sua pátria dos louros conquistados sob a sua bandeira? Onde já se viu um professor atribuir a si próprio o diploma do seu aluno?</p> |
|---|--|

É de se destacar também o tipo de fenômeno que acomete os estrangeiros que residem na França e que são categorizados bem vistos aos olhos dos franceses quando fazem algo notório ou algo que dê mérito à França, mas, uma vez que fazem algo de errado, logo são vistos como os “imigrantes”. Portanto, assim como a autora destaca no trecho acima, os franceses facilmente atribuem a si o mérito de algo assim que lhes parece justo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta dissertação, foi selecionado a obra original *Le Ventre de l'Atlantique* (2003) e sua tradução em português europeu *O ventre do Atlântico* (2004). As obras foram analisadas e alguns discursos de acompanhamento foram observados para aprofundar a compreensão do universo do original e da tradução. A análise da tradução gerou comentários de aspectos relevantes para o próprio entendimento das questões internas da narrativa. Além disso, comentar os textos selecionados foi um ato embasado em análises de outros fatores que os circundam e compõe o grande sistema do qual fazem parte.

Tendo como objetivo principal apresentar Fatou Diome e de entender a sua escrita na realidade francesa e portuguesa, foram traçados objetivos secundários que contribuiriam para a realização da pesquisa. A pesquisa bibliográfica realizada permitiu a identificação de elementos estruturais da perspectiva e da escrita de Diome e caminhos para esse processo de análise. A escritora representa um símbolo na mídia francesa no que diz respeito à imigração/emigração e o estudo da obra que analisamos, bem como a leitura das outras obras que ela produziu contribui para uma melhor imersão no universo desses “indivíduos traduzidos”, ou seja, os e/imigrantes.

Consideramos que o público português, bem como o francês poderiam ter mais acesso a essa literatura com o intuito de expandir a visão para além das fronteiras do mundo ocidental, especialmente, o eurocêntrico. Além de explorar fatores que circundavam os textos, mas que se encontravam fora deles, analisar internamente os aspectos da obra e relacioná-la ao comentário da tradução portuguesa foi o ponto explorado com atenção. Produzir uma análise de tradução que interessasse ao provável público leitor português de Fatou Diome precisou ser um ato consciente, fundamentado e funcional e para isso, produzir discursos de acompanhamento como prefácio e notas enriqueceriam o material produzido, fornecendo um aprofundamento sobre a obra, sobre a escritora e incentivando o leitor a entrar no seu mundo. A literatura de imigração não é um tipo de leitura que se consegue compreender sem esse envolvimento mútuo.

Para esse fim, os objetivos secundários que levariam à concretização da função maior deste estudo foram cumpridos por meio da aplicação do esquema de análise descrito de José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985). Nesse esquema descritivo, existem quatro fases de análises. Primeiramente, são coletados os dados preliminares. Ao compilar informações preliminares da obra *Le Ventre de l'Atlantique*, pudemos conhecer e comparar diversos

recursos de apresentação como capas, contra-capas, orelhas, dentre outros aspectos visuais. Durante esse processo, percebemos que os textos-fontes possuíam paratextos e disposição morfológica que se adaptavam ao objetivo e à proposta da obra, o que confere um aspecto visual particular. Notamos que na maioria das capas figuram fotos do mar, da piroga, do futebol, geralmente representando assim o imaginário da ilha de onde a escritora veio e sobre a qual escreve em suas obras.

Na tradução da obra *Le Ventre de l'Atlantique* para a língua portuguesa, citada na análise, realizada por Carlos Correia Monteiro de Oliveira, os pés caminhando sobre a areia da praia (ver anexo D) também se relacionava com o intimismo dos textos e ao mesmo tempo com a e/imigração, temática central dos contos.

Nos aspectos macroestruturais, analisou-se as recorrências e também as diferenças entre os textos selecionados. As passagens escolhidas demonstram que o processo tradutório empreendido pelo tradutor português tendia para uma tradução mais literal. Percebemos que Fatou Diome manteve uma média de extensão nos textos da obra, pois os capítulos possuem, em média, treze páginas. Muitos diálogos e poucas reproduções indiretas de falas das personagens. A voz narrativa é predominantemente em terceira pessoa e onisciente, narrando a vida das personagens da ilha, mas dentro de cada capítulo temos a narradora como a personagem principal, falando em primeira pessoa, e essa diferença causa um efeito muito importante, dando um tom ainda mais lírico e impactante à narrativa, o que é acentuado pelas temáticas envolvidas na narração. Percebemos que não houve a tradução de algumas palavras e nomes próprios na narrativa, decisão do tradutor português que acolhia a escrita estrangeira no texto português.

Quanto à disposição textual, o tradutor conservou a reprodução de diálogos e o caráter descritivo das narrações na tradução, provavelmente, porque, de fato, a estética geral do texto de Fatou Diome é marcada por uma narrativa essencialmente oral e tal marca foi preservada.

No que diz respeito à análise microestrutural, percebemos que a reprodução dos relatos, especialmente, sobre reflexões quanto à escolha lexical. A proximidade entre a língua francesa e a língua portuguesa anuncia uma suposta facilidade no processo tradutório, mas é plausível também que essa proximidade oriente o tradutor para uma tomada de decisão no processo tradutório mais automática ou impulsiva, ou seja, sem a atenção demandada, porém, não foi o caso da tradução portuguesa. Além disso, a língua francesa possui uma grande variedade linguística não apenas entre o francês da França, mas também o da África, entre outros. Na África, em particular, temos a coexistência do francês trazido pelos colonizadores

com línguas como o wolof, o sererê, o árabe, para citar algumas, e é necessário saber que essas outras línguas possuem uma forte influência sobre o tipo de francês usado nessas ex-colônias. O texto-fonte também apresentou alguns termos do Senegal, especialmente nome de comidas, bebidas e algumas expressões locais, o que foi frequente para se referir à cultura senegalesa, mas quando se fez presente o tradutor manteve o caráter de algo mais coloquial e regionalizado.

No que tange à coloquialidade, ao lirismo e à aparência pictórica da narrativa característica da escrita de Diome e a seleção de passagens que apresentam temas que estão relacionados à imigração/emigração, a lembranças, traumas, e à dramas da existência humana foram construídas frequentemente com certo grau de ironia e de um humor moderado. Algumas lacunas são deixadas ao longo da narração, mas são propositais. A narrativa de inspiração autobiográfica, às vezes, se dá através dessa oscilação entre fatos reais e irreais, mas sem induzir o leitor a buscar um direcionamento decisivo e absoluto. A estranheza é tratada com certa normalidade ao longo de cada capítulo. Foram realizadas algumas mudanças na estrutura verbal, ocasionalmente, mas sempre em prol de uma clareza e identificação com a linguagem do leitor-alvo. Procedimentos, principalmente, que envolveram recategorizações, mudanças em regências verbais e a não necessidade de uso de pronomes na língua-alvo também foram feitas. As pontuações foram, de maneira global, mantidas, pois é de se julgar que não há diferenças significativas do uso entre ambas as línguas e também para preservar ao máximo o ritmo do texto e a identidade da pontuação utilizada por Fatou Diome. Dessa forma, a manutenção da pontuação não caracterizou necessariamente uma tendência que privilegiasse a cultura-fonte sobre a cultura-alvo, já que as normas de pontuação entre as duas línguas são bastante semelhantes. Marcas de regionalismo e/ou socioleto são aspectos interessantes de se observar na obra, porque são considerados fatores enriquecedores da obra em questão. Por acreditar que são marcas necessárias, como por exemplo o uso do “inch’Allah”, “Francenabé” (para designar os senegaleses residentes na França) em alguns trechos, a tradução em português europeu privilegiou a preservação dessas marcas, sem adaptá-las para o português.

O entendimento de cada personagem, no papel do imigrante/emigrante precisou ser individualizado. Em um texto a e/imigração era exaltada com veemência como o único caminho do sucesso na ilha, já em outro momento, ela era vista como um projeto a ser combatido, pois ludibriava as mentes dos mais fracos com falsas promessas de sucesso. Dessa forma, para cada personagem, o leitor precisa interpretar a intenção de Fatou e se permitir

envolver com a construção daquela personagem. A ideia de fracasso e de sucesso é estampada em personagens em graus distintos. Na imagem do *homem de Barbès*, os habitantes da ilha veem apenas o lado positivo: os seus negócios na ilha, as suas esposas, os seus bens. Já na imagem de *seu Ndétare*, apesar de seus muitos anos como morador na França, ele é o símbolo do que a e/imigração não produz nos indivíduos que decidem tomar esse caminho. Poderíamos igualmente expor o caso de *Moussa*, pois trata-se da total antítese do *homem de Barbès*, ambos tiveram a chance de desbravar a França, esse fazendo tarefas ingratas aos olhos dos seus conterrâneos, aquele jogando por uma equipe francesa, horando assim o sonho de muitos. No entanto, vemos que *Moussa* não voltou rico para o país, já o *homem de Barbès* contruiu o seu pequeno império. Esses contrastes são intensificados na narração de tal maneira que permite a exposição mais clara das marcas e traumas. Mas Fatou parece não parece comparar níveis de sucesso e fracasso a partir das histórias, pois em ambas as situações os protagonistas sofrem. Cabe ao leitor, em sua capacidade de entendimento real e não ficcional, saber a gravidade maior de um ou de outro.

A dualidade da imigração/emigração se completam e precisam uma da outra para uma visão geral da obra mais esclarecida. Entretanto, independente da perspectiva de uma dada personagem e de seus dilemas existenciais, Fatou conseguiu demonstrar que consegue expor a vida dessas personagens em ambientes muitas vezes simples ou comuns, em situações do cotidiano, de forma sutil e natural. O número de produções da escritora confirma a extensão de sua imaginação.

Fatou Diome trabalhava muito as sensações no leitor, e para alcançar isso, as descrições foram detalhadas. Os cenários são descritos com essências e texturas. A escritora utilizava objetos da natureza que causavam impressões sensoriais no leitor, em especial, elementos marítimos. A genialidade de mesclar aspectos tão simples da natureza para tratar de momentos e sentimentos tão íntimos e complexos parece não ser difícil para Fatou. Na verdade, ela o faz de uma maneira bem natural.

A última etapa da análise proposta envolveu o contexto sistêmico, que dialoga diretamente com as análises micro e macroestruturais. Na análise da pesquisa, desenvolvi o contexto sistêmico ao longo de todo o estudo ao incorporar conscientemente ou inconscientemente os fatos levantados sobre a obra, as características da escrita tanto do original quanto à sua tradução em português europeu. As entrevistas que Fatou concede em várias mídias permitem ter um pouco mais de acesso à franqueza e ousadia de Fatou Diome,

além disso, elas também contribuem para esclarecer durante a leitura, como também para uma análise de tradução mais consistente.

Junto à análise da tradução, foram avaliados os discursos de acompanhamento, com o propósito de enriquecer a pesquisa. O original e a tradução portuguesa não são contemplados com um prefácio ou nota do tradutor para o caso da tradução. Como consequência, nenhuma interpretação é induzida. O leitor que se interessar por consultar as notas de rodapé da obra traduzida encontra nelas explicações de termos que precisavam de um esclarecimento, não por serem intraduzíveis, mas por não terem uma palavra ou expressão correspondente que mantivesse a mesma estrutura semântica e morfossintática. Mas a maioria das notas foram aprofundamentos sobre termos culturais do Senegal. Dessa forma, a não-leitura das notas não prejudica o entendimento do texto, mas a busca por esses recursos esclarece alguns pontos.

Dessa forma, resultou que o conjunto de aplicações de elos entre textos e discursos produzidos, função dessas produções, processo tradutório embasado na aplicação de um método específico e auxiliado por outras ideias da tradução descritiva, incluindo os fatores observáveis dentro de todo o sistema literário e cultural ou até os fatores não observáveis são questões que abrem espaço para um diálogo intertextual que enriquece os Estudos da Tradução e permite a abertura de novos caminhos. Fatou Diome pode ser estudada não somente sob olhares literários, linguísticos e tradutórios, sua produção é interessante para a psicologia, ciências sociais e humanas, história, dentre outras áreas. Este trabalho busca ser um dos elos entre sua obra e suas possibilidades, por meio de uma introdução da narrativa da escritora em um sistema literário e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIZADEH, Arash. Was Fichte an ethnic nationalist? On cultural Nationalism and its double. *History of Political Thought*, vol. 26, n°2, 2005

AKINWUMI, Olayemi. The Colonial Contest for the Nigerian Region 1884–1900: A history of German participation. Hamburg: LIT Verlag, Geschichte Band 43, 2002.

AMRANI, Myrian e MESTARI, Massima. Oumma. *L'infertilité à l'épreuve de la foi*. Disponível em: <https://oumma.com/linfertilite-a-lepreuve-de-foi>. Acesso em: 15 junho 2019.

ARROJO, Rosemary. Oficina de Tradução: A Teoria na Prática. São Paulo: Editora Ática, 2007.

BANDIA, Paul. *Post-colonial literatures and translation*. In: GAMBIER, Y; DOORSLAER, L. *Handbook of Translation Studies*. Vol. 1. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

BAUMGARTEN, C. A.; CURY, M. Z. F.; VAZ, A. E. A., Literatura e Imigrantes: sonhos em movimento. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT, Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-graduação em Letras: História da Literatura, 2006.

BASSNETT, Susan. Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BAKER, Mona (ed.) and MALMKJAER (ass.), *Kirst en Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York: Routledge, 1998. <https://books.google.com.br/books?id=T8Mt8ObEBOQC&pg=PA176&dq=itamar+even-zohar+polysystem+theory&hl=tr&redir_esc=y#v=onepage&q=itamar%20even-zohar%20%20polysystem%20theory&f=false>. Acesso em 17 jan. 2020.

BERMAN, Antonie. A prova do estrangeiro. Tradução de Maria Emilia Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002 [1984].

_____. A tradução e seus discursos. Tradução de Marlova Asseff. Alea, v. 11, n. 2, Rio de Janeiro, jul./dez. 2009.

_____. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Torres, BETTS, Raymond F. Decolonization. London and New York : Routledge, 1998.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994.

BRUYÈRE, Vincent. *La Différence francophone, de Jean de Léry à Patrick Chamoiseau*, Rennes : Presses Universitaires de Rennes, coll. « Plurial », 2012.

CHERRAU, Pierre. Le Sénégal est-il encore un pays francophone ? Disponível em : <<http://www.slateafrique.com/21377/linguistique-senegal-est-il-encore-un-pays-francophone>> Acesso em: 20 jun 2018.

CRONIN, Richard. *Imagining India*. Palgrave Macmillan UK. 1989.

DEDIEU, Jean-Philippe. The Rise of the Migration-Development Nexus in Francophone Sub-Saharan Africa, 1960-2010. *African Studies Review* 61(1): 83-108. 2018.

DIOME, Fatou. *Le Ventre de l'Atlantique*. 12. ed. Anne Carrière: Paris, 2003. (corpus).

DIOME, Fatou. *O ventre do Atlântico*. Editorial Bizâncio: Lisboa, 2004 (corpus).

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FRANCE 2 (2015). Drame de Lampedusa : Peut-on accueillir toute la misère du monde ? *Ce soir ou jamais*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FA9AsKtnVH8> [Vidéo]. Acesso: 24 mar. 2018.

FRENCH EMBASSY IN THE UNITED STATES (2012) *Fatou Diome*. Disponível em: < <http://frenchculture.org/books/profiles/fatou-diome> > Acesso: 30 mar 2019.

GALAKOF, A. (2016) *Le ventre de l'Atlantique de Fatou Diome: Contes africains de l'immigrant en terre hostile sur fond de ballon rond*. Disponível em: <<http://www.buzz-litteraire.com/ventre-de-latlantique-fatou-diome/>> Acesso em: 3 abr. 2019.

GAUVIN, Lise. *L'Écrivain francophone à la croisée des langues*, Paris, Éditions Karthala, 2006.

GRACIEUX, Cristophe. *Loi Pasqua sur les conditions d'entrée et de séjour des immigrés..* Disponível em: <<https://enseignants.lumni.fr/fiche-media/00000000450/loi-pasqua-sur-les-conditions-d-entree-et-de-sejour-des-immigres.html>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

HARRISON, Austin. *The pan-Germanic doctrine; being a study of German political aims and aspirations*. London and New York: Harper & Brothers, 1904, pp 3,6.

HÖRSTER, M. A.; VERDELHO E.; VERDELHO T. A Tradução para Português na História da Língua e da Cultura. Elementos para uma Síntese. *Revista Portuguesa de Filologia* 25. 671–724. 2007

MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1998.

MBEMBE, Achille. 2016. *Crítica de la razón negra*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Futuro Anterior Ediciones.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 3rd Edition. London and New York: Routledge, 2012; MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 3rd Edition. London and New York: Routledge, 2012.

OZKAZANC-PAN, Banu, "Globalization And Identity Formation: A Postcolonial Analysis Of The International Entrepreneur" (2009). *Doctoral Dissertations 1896 – February 2014*. 73. https://scholarworks.umass.edu/dissertations_1/73.

PRADO, Célia Luiza Andrade. Pós-colonialismo e o contexto brasileiro: Haroldo de Campos, um tradutor pós-colonial? / Célia Luiza Andrade Prado; orientadora Lenita Maria Rimoli Esteves. – São Paulo, 2009.

RICE, Alisson (2014). *An interview with Fatou Diome. Francophone Metronomes*. Acesso 15 de fevereiro de 2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=l6RHx8ifO38> [Vidéo].

ROBINSON, Douglas. *Translation and empire*. Manchester: St Jerome, 1997.

RUBEL, P; Rosman, A. *Translating Cultures: Perspectives on Translation and Anthropology*. Oxford and New York: Berg, 2003.

SAID, Edward (1978/2003) *Orientalism*, New York: Vintage Books. In: BAKER, M; SALDANHA, G. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2ed. New York: Routledge, 2009, p.201.

SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura Sousa. 2013. *Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento*. São Paulo: Cortez.

SEMUNJAGA, Tobias. *Problématique des littératures francophones*. Université de Laval, 1991. Acesso em 22 de dezembro de 2020.

SMITH, Stephen. *La Ruée vers l'Europe. La jeune Afrique en route pour le Vieux Continent*, Grasset, Paris, 2018, 272 p.

SPIVAK, Gayatri. *The Politics of Translation*. In: SPIVAK, Gayatri. *Outside in the teaching machine*. New York: Routledge, 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. 2010. *Crítica de la razón pós-colonial: Hacia una historia del presente evanescente*. Ediciones Akal. S, A., 2010.

TAOUA, Phyllis. Présentation. Le rendez-vous d'Ousmane Sembène avec la modernité africaine Article in *Études Littéraires Africaines*. University of Arizona, 2010.

TELES, Gilberto Mendonça. *Contramargem*. Editora PUC-Rio, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

TOIVANEN, A. (2011). *Retour au local : Celles qui attendent et l'engagement diasporique de Fatou Diome*. *Relief – Revue électronique de littérature française*. 5(1), p. 62–77. DOI: 10.18352/relief.658.

TORRES, M. H. C.; SOUSA, G. H. P.. *Traduzir o Brasil Literário história e crítica*. 1. ed. Tubarao: Copiart, 2014. v. 2. 400p .

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. rev. AmsterdamPhiladelphia: John Benjamins, 1995

_____. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: Porter Institute, 1980.

TYMOCZO, Maria. Ideologia e Posição do Tradutor: Em que sentido se situa o “entre” (lugar) in: BLUME, RosvithaFriesen, PETERLE, Patricia (org.), *Tradução e relações de poder*. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013, p. 115-149.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

WANG, Hui (2007) *A Postcolonial Perspective on James Legge's Confucian Translation: Focusing on His Two Versions of the Zhongyong*, PhD dissertation, Hong Kong Baptist University. In: BAKER, M; SALDANHA, G. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2ed. New York: Routledge, 2009, p.201.

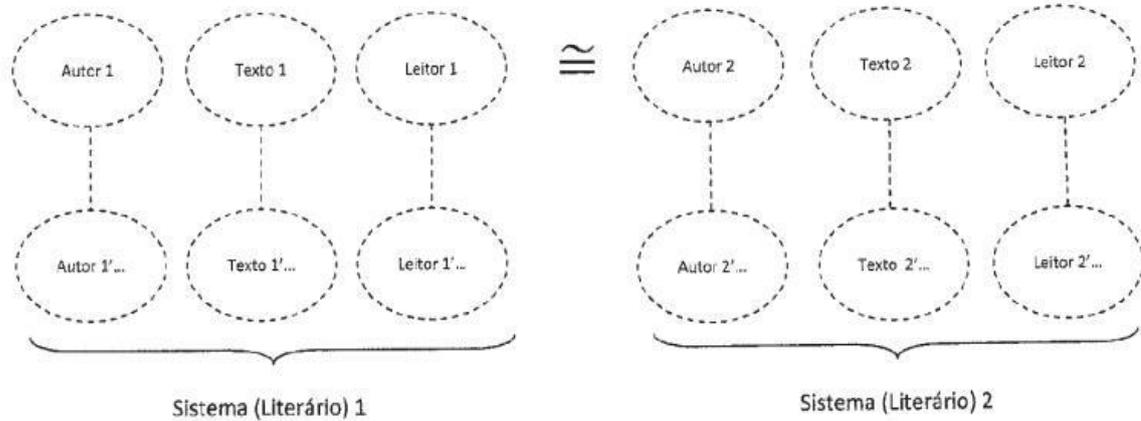
WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZADI, Samuel (2010). La "Solidarité africaine" dans *Le Ventre de l'Atlantique* de Fatou Diome. *Nouvelles Études Francophones*. 25(1), p. 171–188. DOI: 10.1353/nef.2010.002

ANEXO A – ESQUEMA PROPOSTO EM *ON DESCRIBING TRANSLATIONS* POR JOSÉ LAMBERT & HENDRIK VAN GORP (1985)

ANEXO A – ESQUEMA PROPOSTO EM *ON DESCRIBING TRANSLATIONS* POR JOSÉ LAMBERT & HENDRIK VAN GORP (1985)

Esquema:



Legenda:

texto 1: texto-fonte;

texto 2: texto-alvo;

autor 1 e leitor 1 pertencem ao sistema do texto-fonte; autor 1 deve estar situado entre os autores do sistema-fonte;

texto 1' e Leitor 1' devem estar situados no sistema-fonte;

sistema 1 refere-se ao sistema do texto-fonte, do autor-fonte e do leitor-fonte (esse sistema não é necessariamente um sistema estritamente literário, já que os sistemas literários não podem ser isolados dos sistemas social, religioso etc);

autor 2, texto 2, leitor 2 etc. devem ser situados no sistema-alvo;

: Todos os elementos desse esquema de comunicação são complexos e dinâmicos.

O símbolo \cong indica que o elo entre a comunicação-fonte e a comunicação-alvo não pode ser realmente previsto; trata-se de uma relação aberta, cuja natureza exata dependerá das prioridades do comportamento do tradutor – que, por sua vez, tem que ser visto em função das normas dominantes do sistema-alvo

As possíveis relações que podem ser estudadas no esquema são:

T1 --- T2 (relações entre textos individuais, isto é, entre o original e sua tradução).

A1 --- A2 (relações entre autores).

R1 --- R2 (relações entre leitores).

A1 --- T1 com A2 --- T2 (intenções autorais nos sistemas fonte e alvo e suas correlações).

A1 --- T1 com T2 --- R2 (pragmática e recepção nos sistemas fonte e alvo e, suas correlações).

A1 --- A1', A2 --- A2' (situação do autor em relação a outros autores em ambos os sistemas).

T1 --- T1', T2 --- T2' (situação do original e sua tradução enquanto textos em relação a outros textos).

R1 --- R1, R2 --- R2' (situação do leitor nos respectivos sistemas).

SISTEMA ALVO --- SISTEMA LITERÁRIO (traduções em uma determinada literatura)

SISTEMA (LITERÁRIO) 1 --- SISTEMA (LITERÁRIO) 2 (relações, seja em termos de conflito ou harmonia entre ambos os sistemas)³⁸

³⁸ As relações mencionadas constam no texto "On describing translations" de José Lambert & Hendrik Van Gorp, da obra *The manipulation of literature. Studies in literary translation*, de 1985, páginas 149 a 163.

**ANEXO B – ENTREVISTA COM FATOU DIOME PELO SITE
GRIOO (2003)³⁹**

³⁹ Disponível em: <<https://www.grioo.com/info1151.html>>. Acesso:18 de fevereiro de 2020.



Fatou Diome, un écrivain qui monte
© jean-claude Dome

Pouvez vous présenter à nos internautes ?

Bonjour à tout le monde. La présentation va être vite faite ! je suis sénégalaise et je vis en Alsace à Strasbourg depuis 1994. Le ventre de l'Atlantique est mon premier roman. C'est ma deuxième publication puisqu'il y a eu auparavant "la préférence nationale", un recueil de nouvelles paru aux éditions Présence Africaine.

Comment êtes vous venue à la littérature ?

Je ne suis pas venue à la littérature, c'est elle qui est venue à moi. J'ai commencé à écrire quand j'ai quitté mon village, j'avais treize ans. A cause du fait de devoir aller dans d'autres villes au Sénégal pour étudier j'étais souvent très seule, donc je lisais énormément et ça m'a donné envie d'écrire de petites histoires et c'est venu comme ça petit à petit. J'étais très jeune, j'ai commencé à écrire et je n'ai jamais arrêté depuis. Je ne savais pas forcément à quoi ça pouvait me mener.

Votre précédent livre "la préférence nationale" (au titre un peu provocateur) a connu un grand succès et vous a valu la reconnaissance de la communauté littéraire. Comment avez-vous

digéré ce succès assez rapide ?

Il n'y a rien à digérer en fait. Quand la vie vous donne des claques, vous les prenez et vous faites avec. Quand vous avez un succès ou une reconnaissance, une fleur, il faut l'admettre de la même manière. Il s'agit de continuer à vivre sa vie. Ça se passe très bien du moment que j'arrive encore à écrire autant que j'en ai envie...

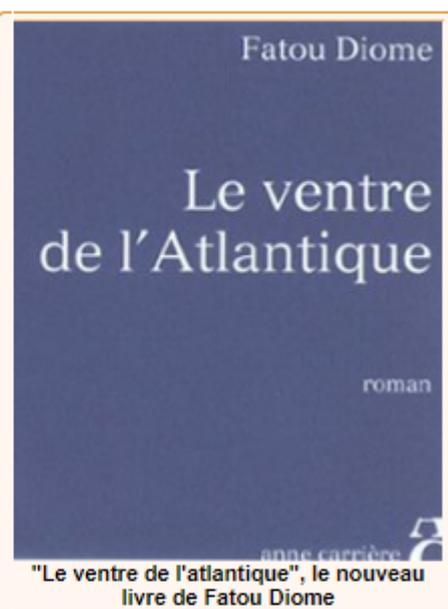
Publicité

Dans votre premier livre, tout au long des aventures, il y a toujours une fille, étudiante en littérature. Quelle est la part d'autobiographie dans ce premier livre ?

Pour la "préférence nationale", je m'amuse un peu en disant que le livre est autobiographique à 90 % car il y a ensuite de l'imagination, de la créativité, une situation complexe sur laquelle on va greffer des choses, approfondir la réflexion. Mais on peut dire sans complexe que "la préférence nationale" est autobiographique. Et la petite fille grandit au fur et à mesure. Je voulais un peu casser la frontière entre le roman et la nouvelle. C'est pourquoi j'ai fait ce petit personnage qui grandissait au fur et à mesure des nouvelles. "La préférence nationale" peut se lire aussi comme un petit roman. D'ailleurs il y a des journalistes qui se sont trompés là-dessus et ça me fait plaisir.

Dans "la préférence nationale", on a l'impression qu'il y a beaucoup de racisme, mais que l'héroïne arrive toujours à gagner. Même quand elle se fait renvoyer, elle arrive quand même à donner une leçon aux racistes.

J'ai écrit ce livre en pensant aussi aux africains qui se disent qu'ils ont tout perdu parcequ'il y a du racisme ce qui est absolument faux. Dans n'importe quel domaine, quand vous continuez à lutter, quand vous faites vos preuves, même les racistes à un moment donné ne peuvent plus rien contre vous. Et c'est aussi quelque chose que je voulais partager avec des gens qui se retrouvent dans ma situation. Le racisme figure en toile de fond dans ce livre, mais il a trait plus globalement à la bêtise humaine. Les gens qui sont idiots perdent à tous les coups. J'ai voulu montrer par l'itinéraire de ce personnage, de cette jeune fille, que chacun était capable de renverser la vapeur. Il suffit d'être plus malin que les gens qui essayent de vous torturer.



Dans votre nouveau roman, "le ventre de l'atlantique", vous abordez notamment le thème de l'immigration, cher aux africains. Pourquoi ce thème et pouvez nous parler de votre livre ?

C'est un thème cher aux africains, mais chaque africain l'aborde à sa manière. Je savais bien que le thème en lui-même n'était pas original du tout, ce qui pouvait être original c'est la manière de le traiter, d'en parler. J'en avais un peu assez des clichés : l'immigration ce n'est pas que des pauvres gens exploités, ce n'est pas toujours ça. L'immigration c'est aussi des gens qui partent pour leur émancipation, qui partent au nom de leur liberté... qui partent pour des tas d'autres raisons que la société d'accueil ne perçoit pas forcément. Vous avez donc certes des gens qui partent pour des raisons économiques, mais d'autres qui partent pour des raisons plus vivables. C'est le cas du personnage féminin dans ce roman.

Je voulais aussi parler des rapports qui existent entre les immigrés qui vivent en Europe et leurs familles restées au pays. On parle toujours des sans-papiers, mais on ne sait pas pourquoi ils sont partis. On ne sait pas ce qu'ils vivent quand ils reviennent sur place et je voulais dévoiler ces aspects là.

Salie vit en France, son frère, Madické, rêve de l'y rejoindre et compte sur elle. Mais comment lui expliquer la face cachée de l'immigration, lui qui voit la France comme une Terre promise où réussissent les footballeurs sénégalais, où vont se réfugier ceux qui, comme Sankhè, fuient leur destin tragique ? Comment empêcher Madické et ses camarades de bâtir des châteaux en Espagne, quand l'homme de Barbès, de retour au pays, gagne en notabilité, escamote sa véritable vie d'émigré et les abécés de récits où la France passe pour une Arcadie imaginaire ? Les relations entre Madické et Salie nous dévoilent l'inconfortable situation des « venus de France », écrasés par les attentes démesurées des leurs restés au pays et confrontés à la difficulté d'être l'Autre partout. Distillant leurre et espoir, *Le Ventre de l'Atlantique* chartre entre l'Europe et l'Afrique des destins contrastés saisis dans le tourbillon des sentiments. La condition humaine s'y laisse scander par l'irrésistible appel de l'ailleurs. Car, même si la souffrance de ceux qui restent est indicible, il s'agit de partir, voguer, libre comme une algue de l'Atlantique. Un premier roman sans concession, servi par une écriture saine de souffle et d'humour.



Fatou Diome, 32 ans, est née au Sénégal et habite Strasbourg. Elle est en doctorat de lettres modernes.

Qu'est ce qui a façonné votre style qu'on retrouve dans votre deuxième livre et votre façon de parler ?

La rue ! Je pense que les gens qui sont formatés parlent comme on attend qu'ils parlent. Moi je n'ai pas été formatée. Lorsque j'ai quitté mon village, j'ai eu en tout au moins trois familles d'accueil, j'étais responsable de moi-même. Lorsque j'étais adolescente, je louais une chambre pour me débrouiller toute seule. Evidemment, lorsque vous vivez comme ça, vous êtes confrontée à la société brute, elle est sans fard et vous l'affrontez telle qu'elle est. Quand j'écris, j'essaye d'être sincère avec moi-même, je me donne une liberté totale et je me fiche de ce qu'on va en penser après. Donc j'écris vraiment parce que je le ressens comme ça et ça peut donner des choses inattendues, qu'une

certaine politesse sociale ou une certaine langue de bois aurait pu interdire.

Un match de football, c'est quelque chose de banal, mais quand on voit les détails avec lesquels vous décrivez ça, on dirait presque qu'il ne s'agit pas d'un roman. C'est presque un film qu'on se projette en vous lisant. C'est aussi par rapport à l'origine de cet aspect de votre style qu'on s'interrogeait.

Je le prends comme un compliment car j'ai fait un peu d'études de cinéma et j'aime beaucoup les images. Peut-être que certains passages je les écris parce que je n'arrive pas à faire un tableau. Je m'intéresse aussi à la peinture, mais je ne sais pas peindre. Quand j'écris, je visualise aussi des choses dans ma tête que j'essaye de faire ressortir par le biais de l'écriture. Je pourrais presque vous dire que je sens l'odeur des villages ou des rues que je peux décrire. Je ressens cette odeur, je vois les couleurs.

La différence qu'il peut y avoir quand on lit c'est que j'aime bien aussi écrire au second degré, il y a une pointe ironique derrière, il y a le message flagrant et il y a le message caché derrière et c'est ma manière à moi de mettre une distanciation entre le personnage impliqué en chair et en os dans l'histoire et le personnage en tant qu'intellect. Pour être objectif, il faut être capable de prendre de la distance, sinon on ne peut pas être critique vis à vis de ce qui se passe en Afrique. Le côté communautariste ou ethnocentriste casserait la critique. Je suis obligée de prendre l'ironie et l'humour pour relativiser les choses.

Y a-t-il des écrivains particuliers qui vous ont influencée dans votre jeunesse ?

Je déteste cette question et tout le monde me la pose ! Je n'aime pas cette question car je suis une étudiante en lettres, en ce moment je fais ma thèse. Donc forcément, quand on fait une thèse de littérature, on a lu énormément d'écrivains. Et donc forcément parmi tous ces écrivains il y en a des dizaines qu'on aime beaucoup. Mais je vais me lancer et vous dire ce que j'aime en littérature.

J'aime Stig Dagerman, il est suédois et c'est lui qui a écrit "Notre besoin de consolation est impossible à rassasier". Pourquoi je l'apprécie ? parce que m'étant tellement "cassée la gueule" dans la vie, j'ai quand même eu le temps de voir que ce qu'il dit est vrai. J'aime beaucoup Senghor car vu la mélanine que je me traîne et vu que je suis sénégalaise, ce n'est pas possible autrement ! Il a ouvert le chemin de quelque chose. J'aime beaucoup Mariama Bâ parcequ'en tant qu'en tant que fille africaine, elle a mis des mots sur des chose que je sentais confusément quand j'étais petite. Elle a ouvert une voie elle aussi. J'aime beaucoup Marguerite Yourcenar car c'est une dame têtue qui a voulu forger son destin à sa manière et elle a continué jusqu'au bout. J'aime bien les gens entiers.

J'aime beaucoup Hemingway. Vous allez me dire pour son style. Eh bien non ! Tout simplement parce que quand je lis "le vieil homme et la mer", j'ai l'impression qu'il parle de mon grand-père qui était pêcheur et qui m'emmenait à la pêche. Il y a 50 000 raisons d'aimer des auteurs ! j'aime beaucoup Marivaux à cause de sa pointe d'ironie, de cette façon qu'il avait de regarder la société au 18ème siècle. Avec du recul, avec de l'humour, avec de l'ironie...En général ses personnages les plus idiots sont ceux qui disent le plus de vérité. J'aime beaucoup Voltaire car quand on lit Candide, on se rend compte que c'est absolument contemporain. Parmi nos frères en Afrique, il y a beaucoup de candides et il faut parfois le dire.



La Préférence Nationale, recueil de nouvelles à succès de Fatou Diome
© amazon.fr

Comment analysez-vous la place des femmes dans la littérature africaine d'aujourd'hui ? Sont-elles bien représentées ou faudrait-il qu'il y ait plus de femmes dans la littérature africaine ?

C'est une question que se posent les femmes qui n'acceptent pas de prendre leur destin en main. Ce n'est pas les autres qui vont donner aux femmes une place. C'est aux femmes de la prendre. Je suis féministe modérée. Les féministes qui veulent chercher des battes de baseball pour tuer les mecs c'est pas mon truc ! Je trouve que quand une femme se fait respecter, elle n'a plus besoin de casser la tête à qui que ce soit. Il suffit qu'elle soit là pour qu'on la respecte tout de suite. Pour en revenir à la place des femmes dans la littérature africaine, jusqu'en 1975 déclarée année internationale de la femme par l'ONU il n'y avait pas d'écrivains femmes. C'est les hommes qui parlaient de nous. J'appelle ça "la femme à la troisième personne".

Les écrivains hommes parlaient de nous, mais à la troisième personne. Ils faisaient leurs personnages en fonction des clichés qu'ils avaient et des critères qu'ils accordaient aux personnages féminins. En fonction de ce qu'ils voulaient faire incarner aux femmes et pas nécessairement ce que les femmes étaient réellement. A partir de ces années là, les femmes ont commencé par des autobiographies parce qu'elles avaient envie de hurler ce qu'elles avaient dans le ventre avant de regarder autour d'elles. Maintenant, elles regardent autour d'elles, sont capables de faire les mêmes analyses que les hommes ou même mieux. Elles sont capables de prendre la parole, il y en a de plus en plus, et je pense que c'est un bénéfice.



Mariama Bâ a "ouvert une voie" pour Fatou Diome

La littérature sénégalaise a l'air assez riche. Comment expliquez-vous qu'il y ait tant d'écrivains au Sénégal Mariama Bâ, Ken Bugul, Aminata Sow Fall... ?

Comment expliquez-vous le grand nombre de femmes qu'il y a dans la littérature française ? Elles sont intelligentes, nous aussi ! ça se passera là-bas aussi. Il y en aura de plus en plus quand on aura les mêmes moyens que les femmes d'occident ont eu pour faire valoir leur opinion. Plus il y aura de femmes qui écrivent, qui

s'investissent dans le milieu artistique, plus notre parole sera entendue et plus nos problèmes seront pris en compte. Je serai ravie qu'il y ait chaque année de nouvelles filles africaines qui écrivent.

Par curiosité, Qu'est ce que Fatou Diome a lu récemment ?

Comme ça vous direz à vos lecteurs allez lire ces livres car Fatou Diome les a lus. Je ne répondrai pas à cette question car la lecture est une affaire privée ! Dire ce que je lis c'est dire où se situent mes névroses et je refuse (rires).

Plus sérieusement, je lis beaucoup d'auteurs africains et européens. J'ai une lecture très eclectique. Je lis énormément d'auteurs, mais de pays et de culture très différents. Ça me passionne de voir comment les mêmes problèmes contemporains peuvent être abordés par une chinoise, une sénégalaise, une française, une américaine. J'ai tendance à diversifier énormément mes lectures. C'est pour ça que j'ai du mal à vous donner un type de littérature qui me passionne.

Sur les sites où on peut trouver votre livre, on s'est rendu compte que les internautes qui l'ont acheté en ont gardé un bon souvenir. N'y a t-il pas un risque que Fatou Diome prenne la grosse tête au vu de ce succès ? (rires) vu qu'elle est entrain de devenir une grande dame de la littérature sénégalaise et africaine ?

Et alors si je le devenais !

Nous serions les premiers ravis car nous pourrions dire à nos petits-enfants que nous avons interviewé Fatou Diome (rires) !

Vous savez quand je mangeais du pain sec et que je faisais des ménages ça ne dérangeait personne. Alors si je réussis quelque chose je n'en aurais pas honte et j'en profiterai correctement ! Je n'ai aucune culpabilité : si ça marche c'est très bien car j'ai bossé pour ! Simplement le jour où ça marchera moins, il faudra que j'assume. Vous savez pourquoi ? Je sais comment on se casse la gueule et comment on se relève !



Kooko, un appendice de l'île de Niodior, où se déroule une partie de l'action du "ventre de l'atlantique"
© au-senegal.com

Nous nous sommes laissés dire que votre grand-mère entendait parler de vous dans les médias au Sénégal et se demandait ce que vous aviez encore fait comme bêtises... Que lui avez-vous répondu ?

Je l'ai rassurée. Je pense que c'est la personne qui me connaît le mieux au monde. C'est elle qui m'a éduqué, elle connaît mon état d'esprit. Elle m'a élevé dans la droiture et sait que je suis carrée. Je pense que quand elle demande ça c'est pour se rassurer, pour savoir ce que les autres peuvent penser de moi. Elle a une idée de moi que je ne veux pas démentir car je ne veux pas la décevoir. C'est mon guide. J'ai l'impression qu'elle m'a installée sur un grand chemin et que je dois continuer par respect pour elle et pas pour moi même. Mais il fallait la rassurer car ce qui se passe maintenant est loin de ses préoccupations, c'est loin de ce qu'elle connaît et moi même je ne m'y attendais pas. Tout à l'heure je plaisantais en disant que si on parle de moi, je peux prendre la grosse tête.

Non je ne prendrai pas la grosse tête. Je peux parler comme ça en plaisantant, mais mon ambition est de rester Fatou Diome tout simplement, et de me montrer telle que je suis. Je voudrai que ma grand-mère puisse toujours me reconnaître, reconnaître la fille qu'elle a élevée.

Nous vous remercions au nom des internautes de Grioo.com en espérant qu'ils auront autant de plaisir à lire l'interview que nous en avons eu à vous interroger aujourd'hui.

Je dis à vos internautes de prendre leur gilet de sauvetage avant de plonger dans "le ventre de l'atlantique" et je les remercie de leur attention.

**ANEXO C – PARATEXTOS DA OBRA LE VENTRE DE
L’ATLANTIQUE (2003)**

Figura 1 - CAPA DE LE VENTRE DE L'ATLANTIQUE



Figura 2 - FOLHA DE ROSTO

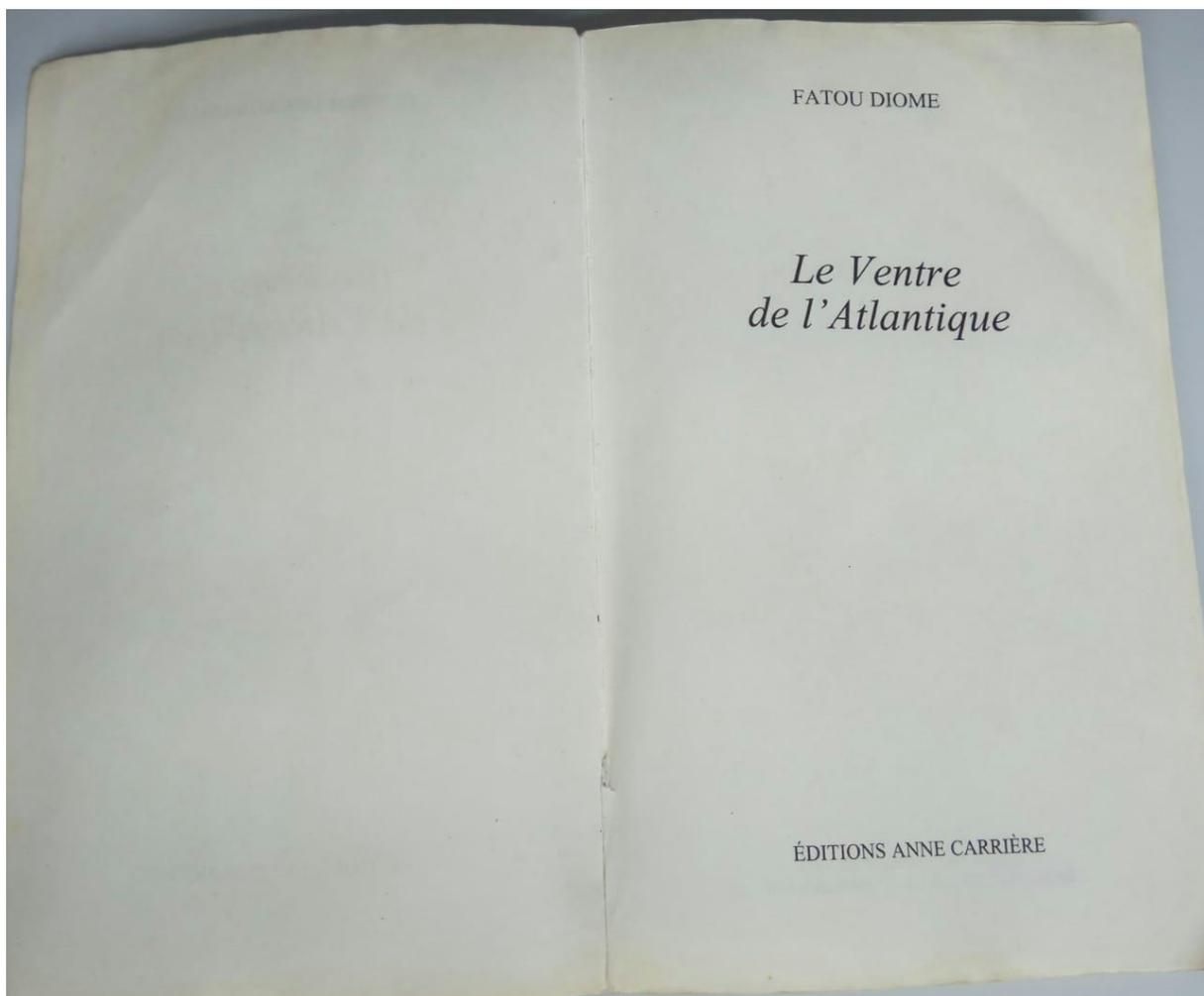


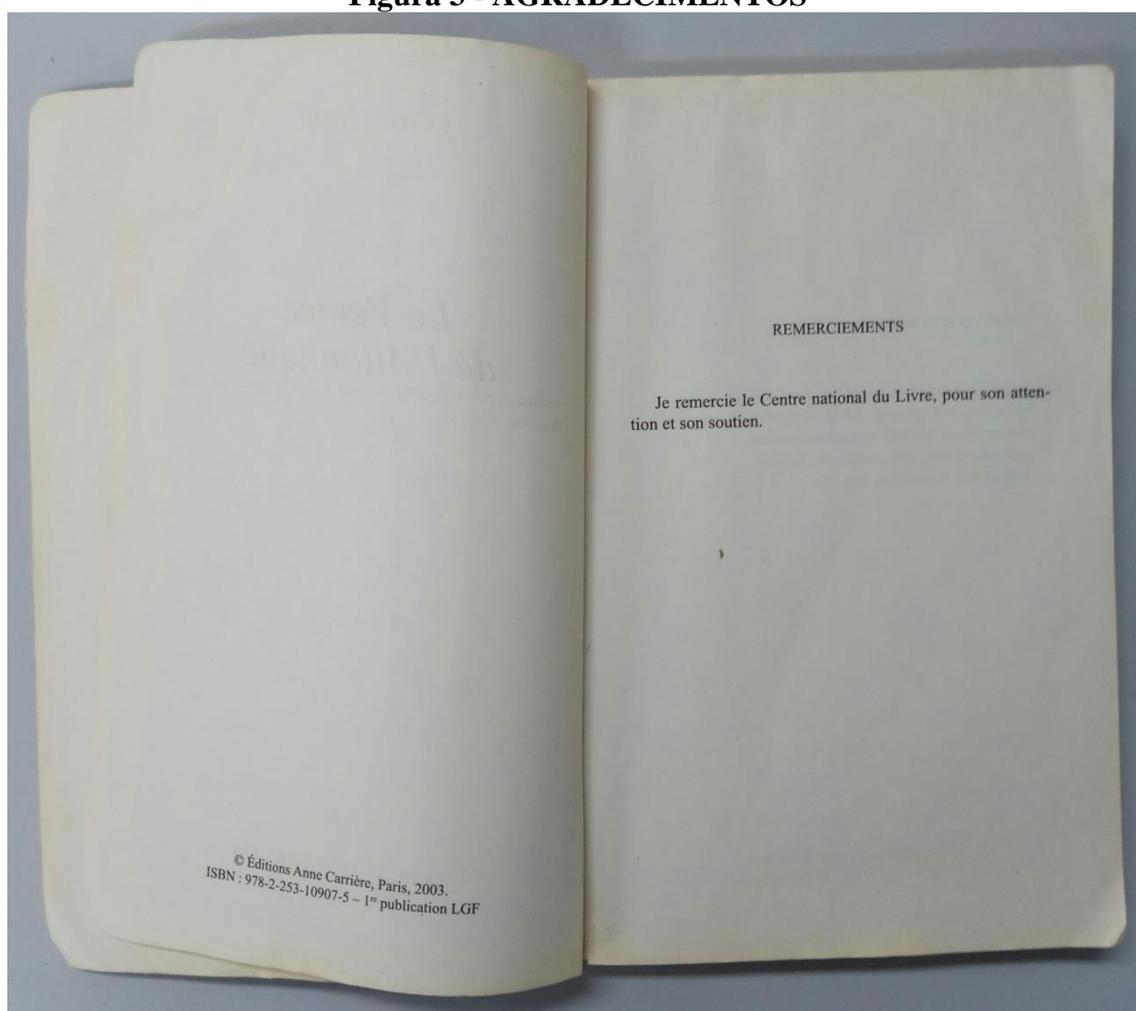
Figura 3 - AGRADECIMENTOS

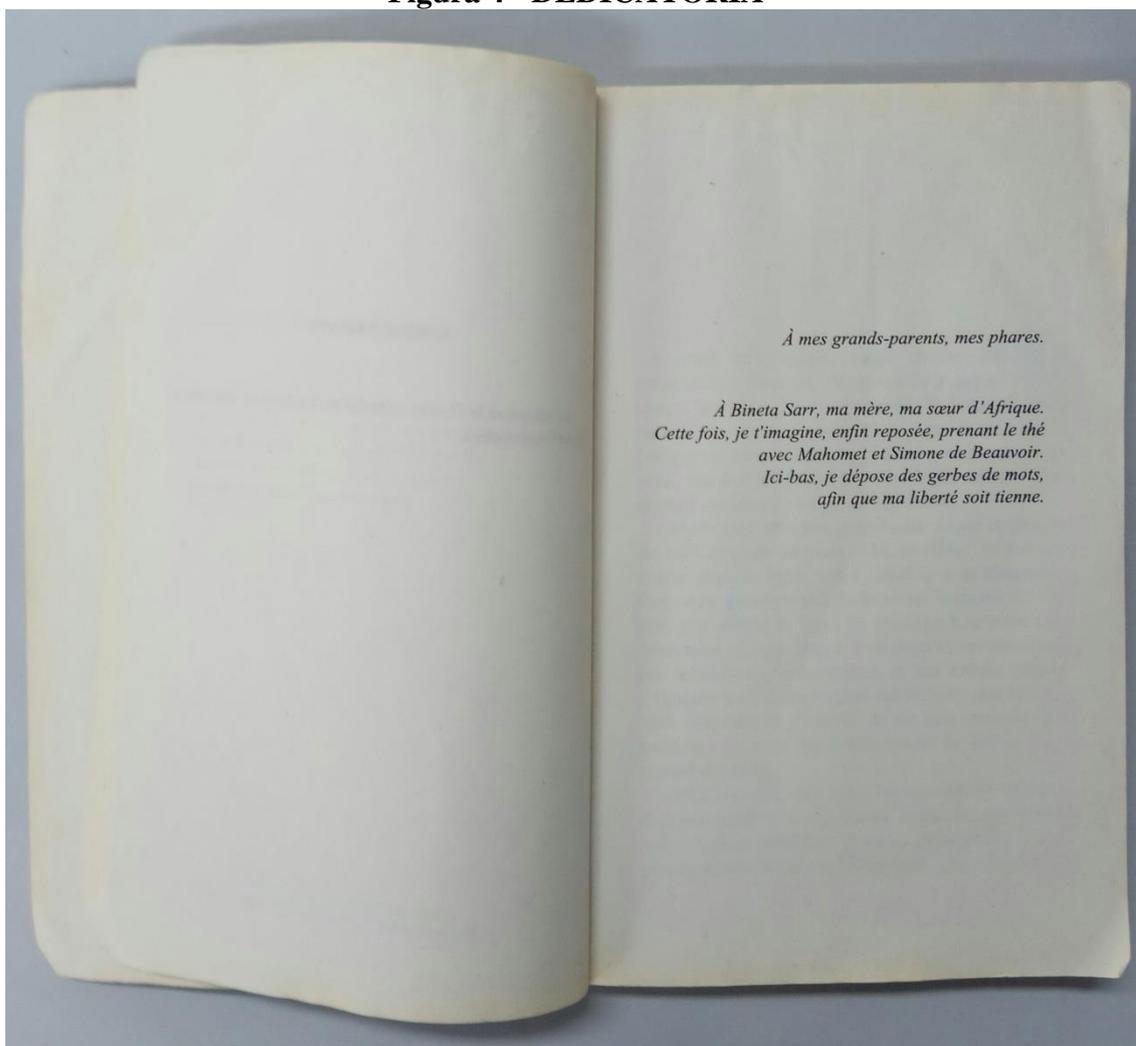
Figura 4 - DEDICATÓRIA

Figura 5 - SEIXA

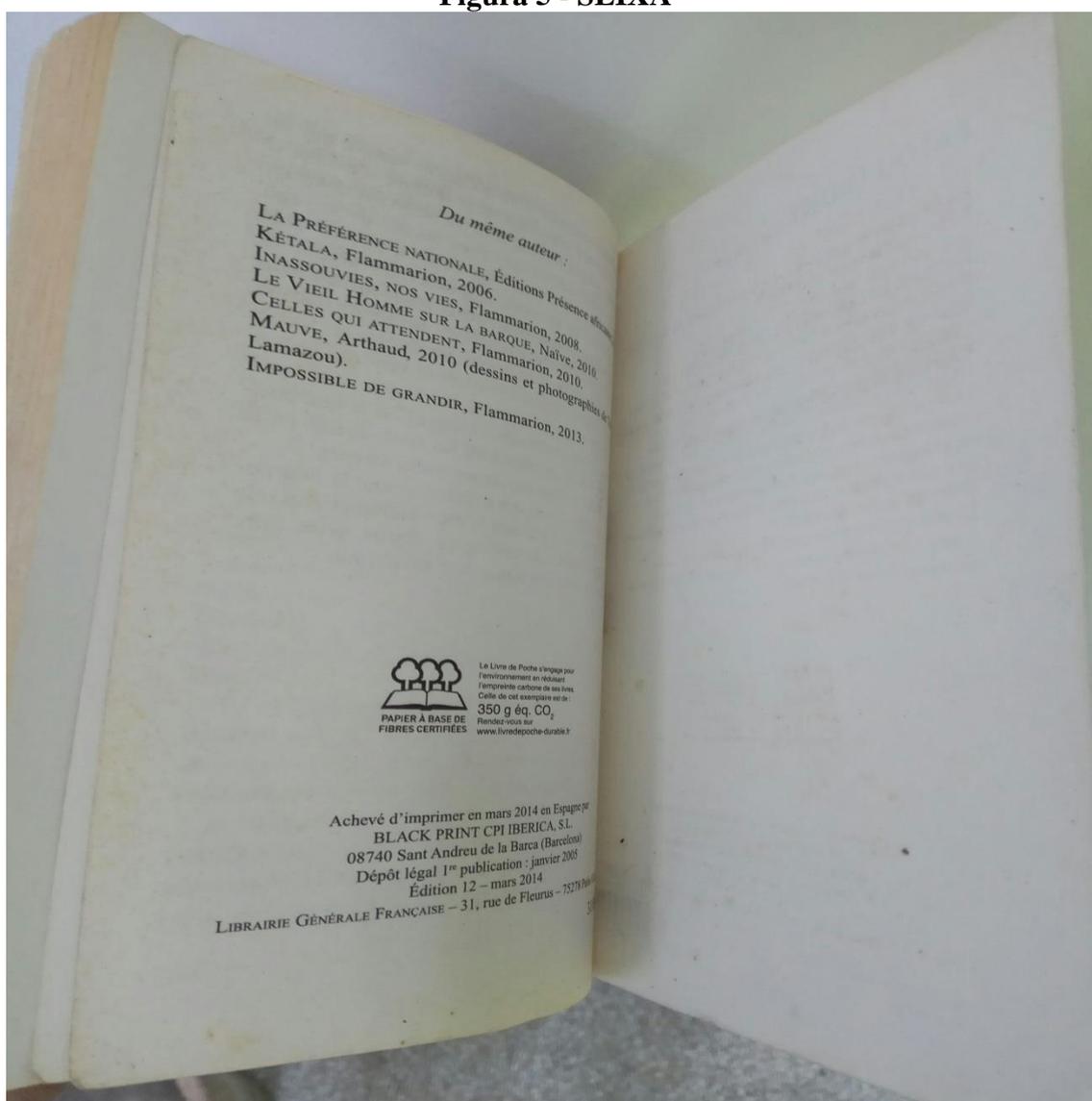
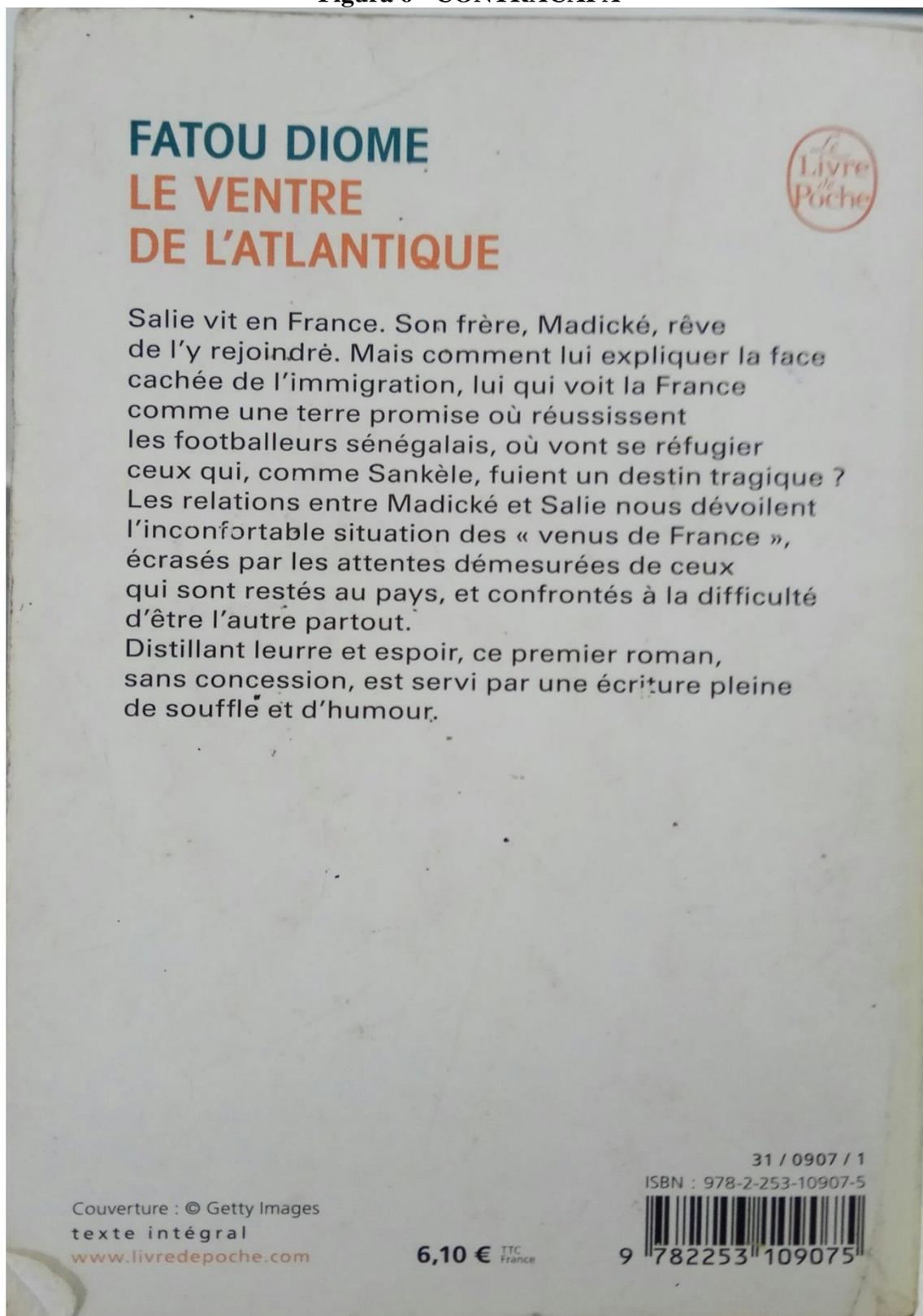


Figura 6 - CONTRACAPA



**ANEXO D – PARATEXTOS DA OBRA O VENTRE DO
ATLANTICO (2004)**

Figura 1 - CAPA DE O VENTRE DO ATLÂNTICO

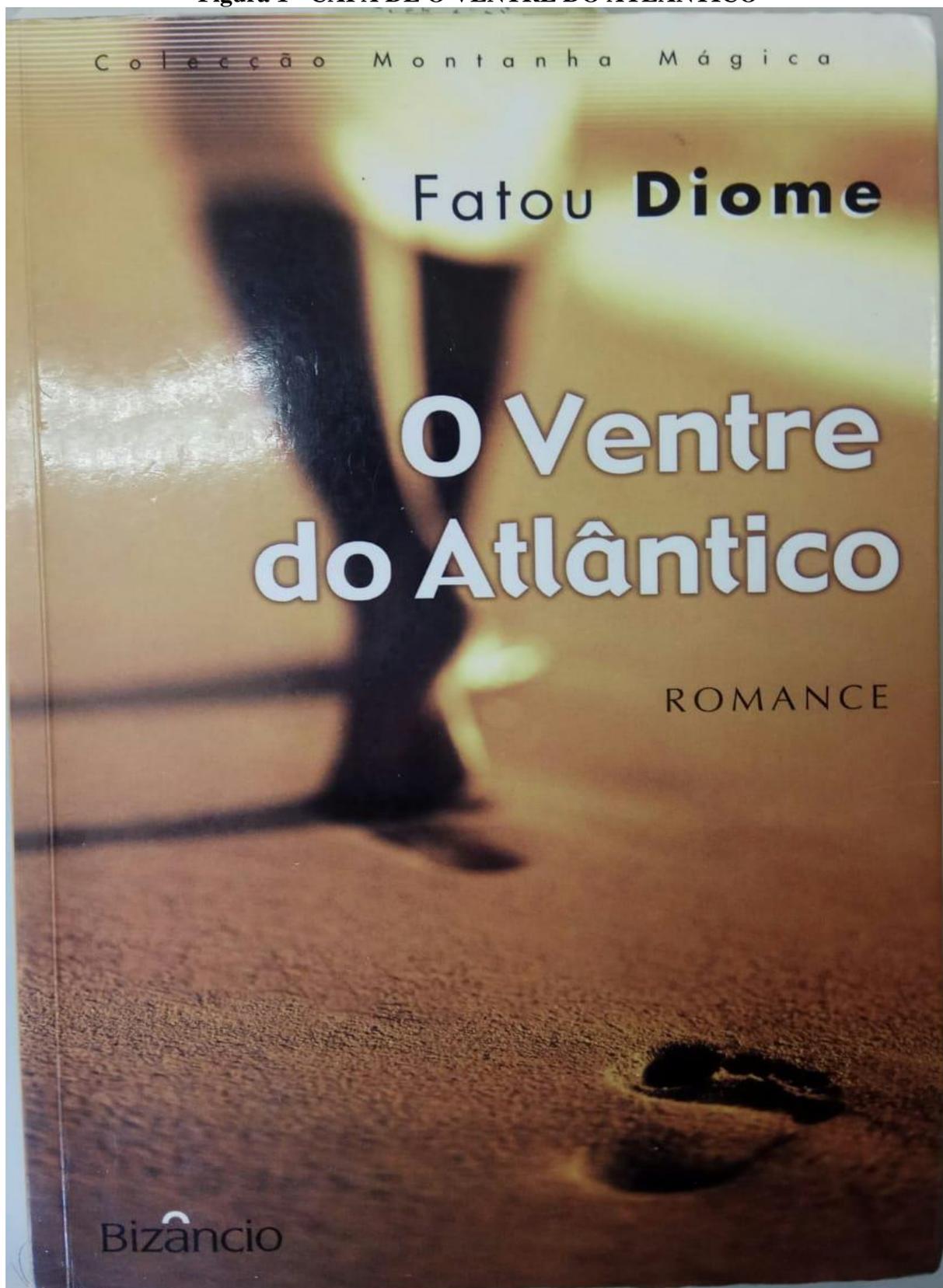


Figura 2 - FOLHA DE ROSTO



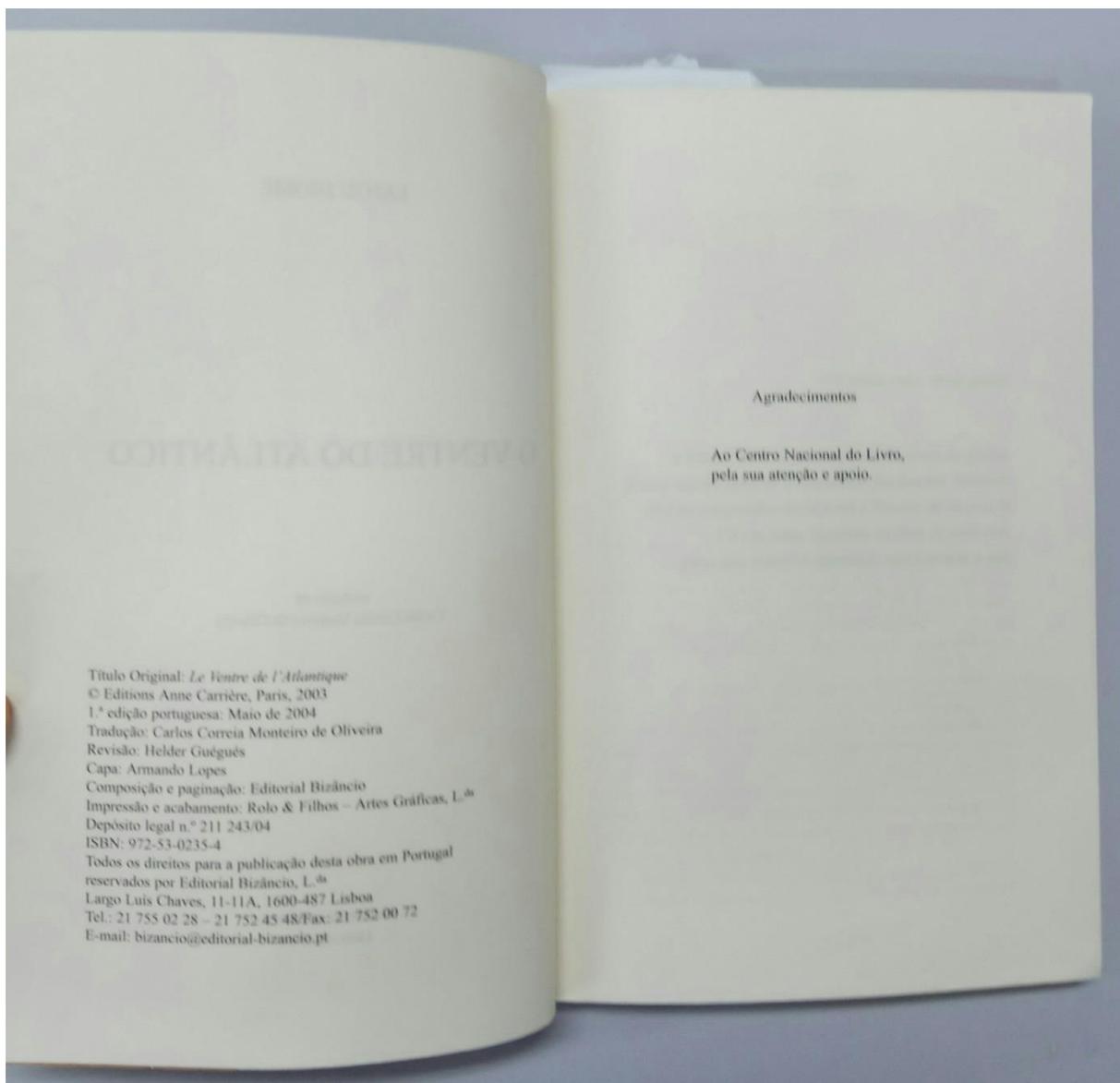
Figura 3 - AGRADECIMENTOS

Figura 4 - DEDICATÓRIA

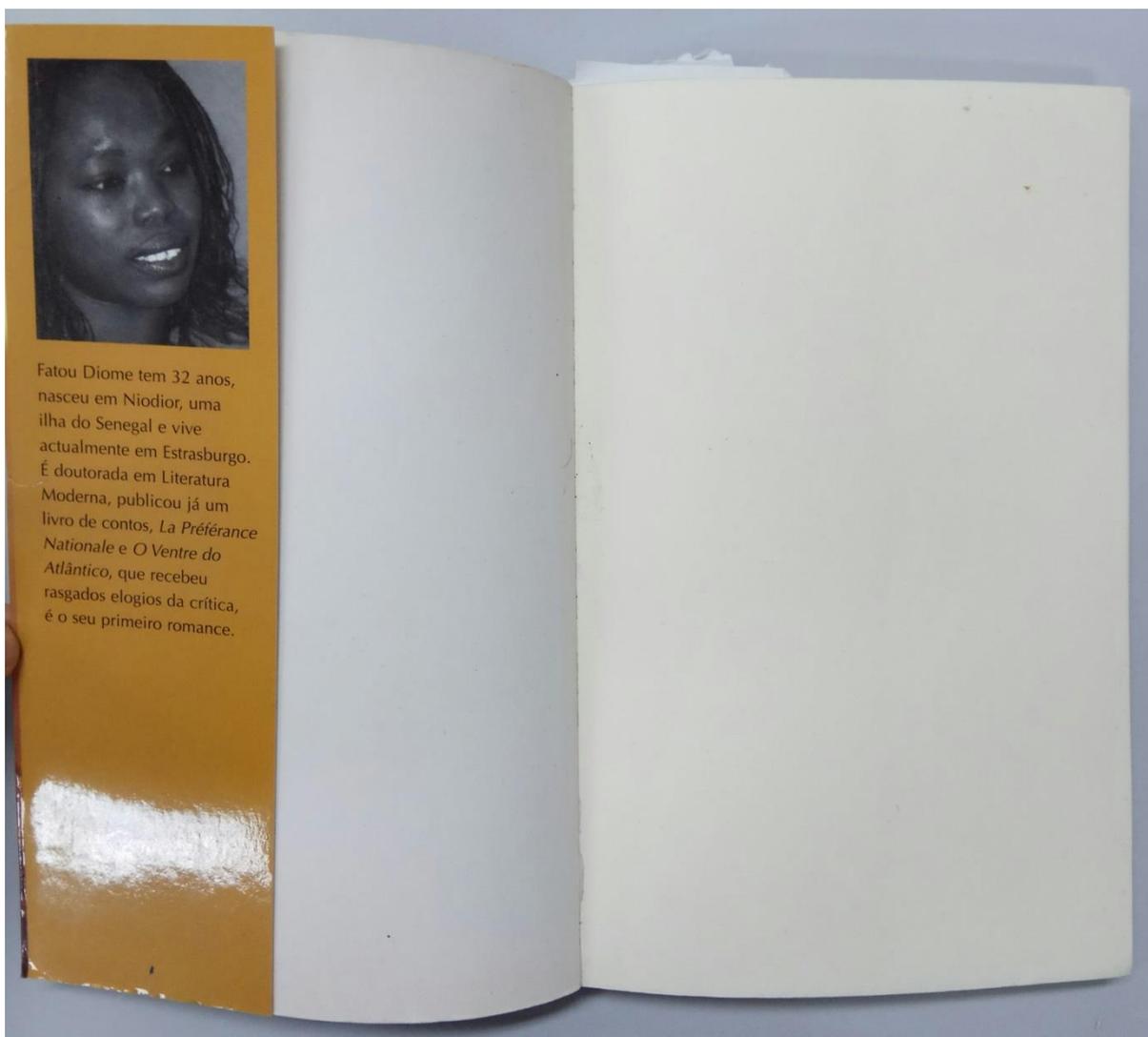
Figura 5 - PRIMEIRA ORELHA

Figura 6 - SEGUNDA ORELHA

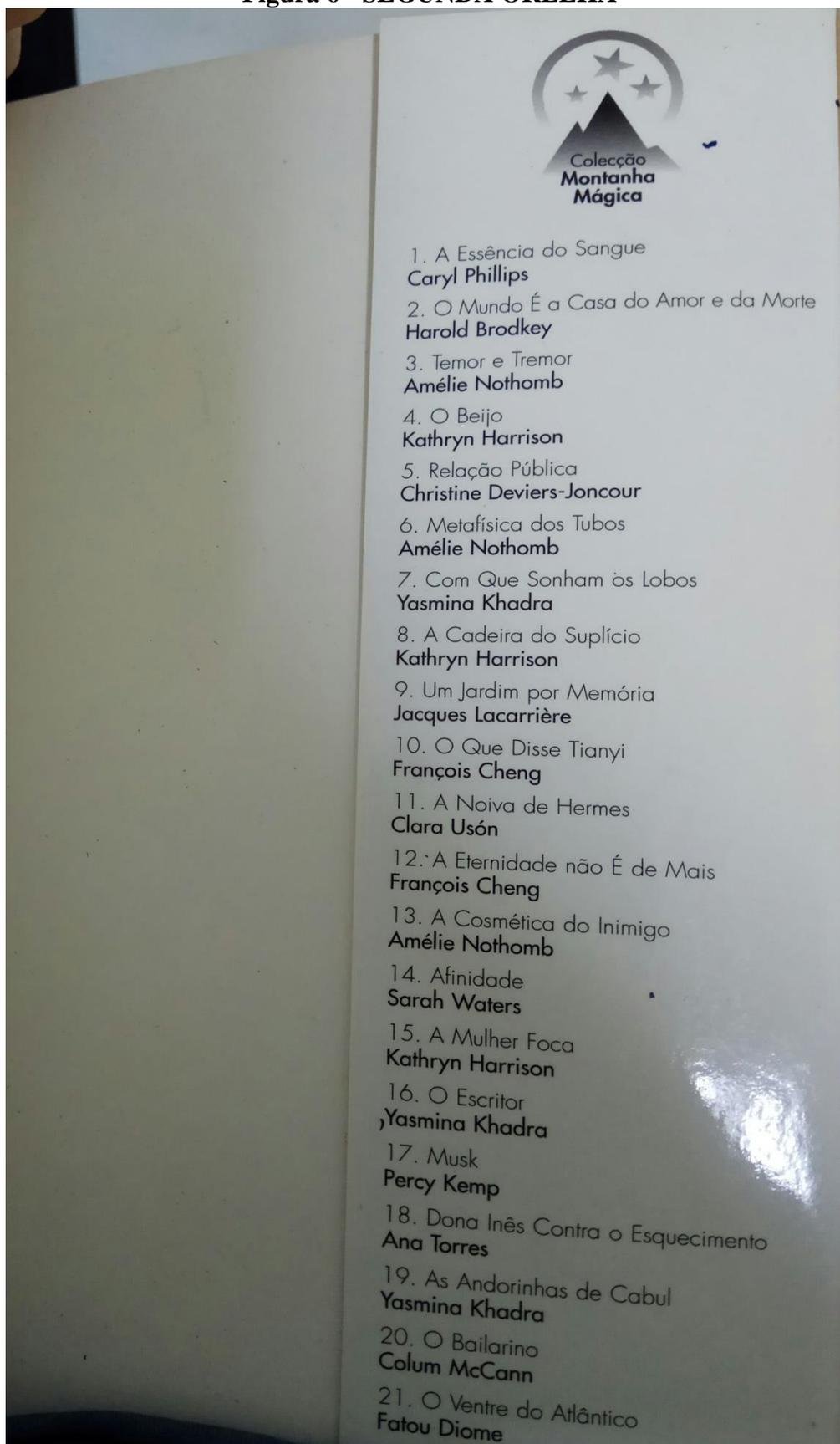


Figura 7 - contracapa de O Ventre do Atlântico

Salie vive em França. Madické, o seu irmão, sonha juntar-se-lhe e conta com ela. Mas como lhe explicar a face escondida da imigração quando ele vê a França como uma Terra Prometida onde triunfam os futebolistas senegaleses e onde vão refugiar-se aqueles que fogem do seu destino trágico? Como impedir Madické e os seus amigos de construírem castelos no ar? As relações entre Madické e Salie revelam-nos a situação incómoda dos «retornados de França», esmagados pelas esperanças desmesuradas dos familiares que permaneceram na terra natal e confrontados com a dificuldade de ser o Outro em toda a parte.

Um primeiro romance sem concessões, servido por uma escrita plena de fôlego e humor.

**«Neste romance forte, de escrita ampla e encapelada,
Fatou Diome confirma o seu grande talento.»**

Frédéric Pagès, Le Canard Enchaîné

